



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO EM
GEOGRAFIA

REGINA CÉLIA GONÇALVES MORÃO

COMUNIDADES INTENCIONAIS: VELHOS NOVOS
ESPAÇOS DE FUGA

Porto Velho – RO

2017

REGINA CÉLIA GONÇALVES MORÃO

**COMUNIDADES INTENCIONAIS: VELHOS NOVOS
ESPAÇOS DE FUGA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, na linha de Pesquisa Território e Sociedade na Pan-Amazônia - TSP, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientação: Prof. Dr. Josué da Costa Silva

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

M828c

Morão, Regina Célia Gonçalves .
Comunidades intencionais; velhos novos espaços de fuga /
Regina Célia Gonçalves Morão. - Porto Velho, Rondônia,2017.
170f.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Fundação Universidade
Federal de Rondônia - UNIR

1. Geografia. 2. Ecovila. 3.Comunidade.4.Espaço. I.Silva, Adnilson
de Almeida. II.Fundação Universidade Federal de Rondônia –
UNIR.III. Título.

CDU: 911.37

Bibliotecária Responsável: Carolina Cavalcante CRB11/1579

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Regina Célia Gonçalves Morão

A Banca de Defesa de Mestrado presidida pelo orientador **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** e constituída pelos examinadores: **Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva** - Examinadora Interna/PPGG/UNIR e **Profa. Dra. Rosa Martins da Costa Pereira** - Examinadora Externa/IFRO/Calama reuniram-se no dia 16 de março de 2017, às 15h00min no Auditório Milton Santos/CEGEA/UNIR/Bloco 1T, para avaliar a dissertação de Mestrado intitulada "**Comunidades Intencionais: Velhos Novos Espaços de Fuga**" da mestranda, Regina Célia Gonçalves Morão matrícula 201510024. Após a explanação da mestranda e arguição pela Banca Examinadora, a referida DISSERTAÇÃO foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação em Geografia foi considerada APROVADA. A candidata terá o prazo de até 90 dias para fazer as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação, sob pena de invalidação, pelo colegiado, do processo de defesa, conforme preceitua o § 3º do artigo 52 do Regimento Interno do PPGG, uma vez que o curso só finaliza com a entrega da Dissertação revisada.

Porto Velho-RO, 16 de março de 2017.


Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador/Presidente


Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Examinadora Interna/PPGG/UNIR


Profa. Dra. Rosa Martins da Costa Pereira
Examinadora Externa/IFRO/Calama

EPÍGRAFE

Cidade se apaixonou pelo progresso
E como típica apaixonada
Está cega
Não pensa em nada mais do que nele
Não importa quem
Lhe dá de comer Que
fazemos com cidade?
Será que pode ser repensada?

Use-o e o jogue fora
O céu é moderno
Use-o e o jogue fora
Cidades casos da vida real
Progresso é um cara muito racista
A muitas comunidades ele tirou de sua lista
Ele é muito interesseiro
As notas verdes são seu sonho dourado
Sua mãe, a ambição, não o ensinou
Sobre o coração

Cidade ama o progresso
Ele não lhe é fiel
Tem muitas atrás dele
Pai Inti e Mãe Terra
Os observam
No fundo uma esperança conserva
Que termine esse romance
E assim a paz finalmente nos chegue

Esta história aqui não termina
Todos a germinam
Cada um lhe põe seu final
Qual você quer criar?
O destino de seus filhos está em suas mãos
Agora, me diz: para onde vamos?

Nina Uma

DEDICATÓRIA

A todos e todas que, de alguma forma, vivem ou buscam viver em harmonia consigo e com todos os seres ao seu redor, que continuem persistentes e procurem fazer deste, um caminho onde suas práticas e intenções estejam cada vez mais verdadeiramente alinhadas, de forma que possam também servir como exemplo para os demais seres que ainda não tiveram a oportunidade de compreender que somos apenas uma pequena parte da grande teia que compõe a natureza, e que sem ela não há vida.

In memoriam, a Bill Mollison, o pai da permacultura e ao sociólogo Zygmunt Bauman, que muito me intrigou e ao mesmo tempo me amparou nos questionamentos dos tempos líquidos em que vivemos.

AGRADECIMENTOS

Sou muito feliz e grata por ter tido a oportunidade de receber significativas e importantes contribuições, bem como também receber acolhimento durante essa jornada.

A começar, agradeço à Força Suprema que transcende nossa compreensão, mas nos acolhe em todos os momentos, inclusive os angustiantes.

À Mãe Terra, por ser grande inspiração para a mudança que busco pessoalmente.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) que contribuíram para minha formação nessa etapa da vida, em especial ao meu orientador Josué da Silva Costa, o qual teve muita paciência e não hesitou em aceitar o desafio de adentrarmos juntos em um tema pouco explorado, principalmente na região Amazônica. Agradeço pelas inúmeras orientações e desorientações necessárias e fundamentais nesse processo.

Aos meus pais, que mesmo apesar das diferenças, continuamos firmes e fortes na caminhada, desejando e lutando pelo bem um do outro.

Aos amigos, companheiros e colegas da turma do PPGG, em especial: Suzanna Dourado, Moisés Santos, Fabíola Pinheiro, Francilene Sales, Elenice Duran, Daniela Moreira e Tiago Lins, os quais foram muito presentes durante essa caminhada. Obrigada pelo apoio, incentivo, contribuições, descontrações nas poucas horas vagas, ombro-amigo e conversas.

Ao parceiro, Felipe Baenninger, obrigada pela incansável disposição em me ajudar e pelo incessante incentivo, além de ter me indicado pessoas que muito contribuíram nas entrevistas para este trabalho.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vida e Culturas Amazônicas (GEPCULTURA), obrigada pelos momentos e histórias que compartilhamos juntos; em companhia com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero (GEPGÊNERO), em especial nossa II Expedição Transamazônica e nosso I Seminário Práticas Tradicionais e Saberes da Floresta.

À coordenação do mestrado e à nossa técnica em educação, Patrícia Cardoso, que tanto nos acalmou e solucionou nossos problemas burocráticos no programa.

À Capes, pela concessão da bolsa que proporcionou a realização desta pesquisa.

A todos os demais colaboradores, os quais foram fundamentais para que essa dissertação tomasse forma. Minha enorme, carinhosa e eterna gratidão!

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a humanidade como um todo esteja passando por um momento de transição, onde as mudanças são cada vez mais rápidas e muitas vezes irreversíveis, devido à expansão do capitalismo e a globalização, é natural que, enquanto uma parte da população segue sua vida conforme o padrão estabelecido, sem muitas vezes ter consciência do caminho que está percorrendo, a outra contesta, busca e cursa um caminho alternativo na tentativa de construir algo que seja “novo” – ou retomar antigas práticas –, desde que seja diferente do padrão imposto pela sociedade capitalista. Essa busca está cada vez mais frequente e parte de certa insatisfação com o sistema vigente atual no que se refere à economia, política, relações entre as pessoas, questões sociais, ambientais, etc. Entre tantas alternativas que estão surgindo nesse meio, uma delas está nas chamadas “comunidades intencionais”, a qual abraça diversos tipos de comunidade, entre elas, as “ecovilas”, as quais serão especialmente discutidas neste trabalho. Analisar o fenômeno das comunidades intencionais sob uma abordagem geográfica do espaço e, principalmente, das relações que se manifestam neste meio, bem como as consequências benéficas ou não, que podem ser encontradas nesse percurso, é de grande importância pela necessidade de colocar em questão, no âmbito acadêmico, quais foram e ainda são as motivações para a construção, evolução, permanência e proliferação dessas formas de viver. A relação entre as pessoas e entre a sociedade e a natureza na modernidade, tal como a busca por alternativas socioespaciais, na tentativa de uma ruptura com os padrões estabelecidos, não pode ser ignorado dentro da ciência geográfica, onde é possível discutir desde análises culturais até críticas e filosóficas. Dentro dessa perspectiva, este trabalho busca analisar essas novas investidas na atualidade. O objetivo está em servir como um ponto de apoio que seja capaz tanto de divulgar as práticas em andamento, bem como fortalecer, no campo teórico e crítico, o movimento alternativo, demonstrando-o mais condizente com a realidade atual e não tanto com o de uma ilusão/utopia. Além disso, também pretende servir como uma contribuição para as discussões do despertar para uma nova perspectiva de vida.

Palavras-Chaves: ecovila, comunidade, espaço.

ABSTRACT

Assuming that humanity as a whole is going through a time of transition, where the changes are increasingly rapid and often irreversible due to the expansion of capitalism and globalization, it is natural that, while part of the population follows their life as the standard set, often without being aware of the route that they are going through, other people contests, looks for and persists in an alternative path in trying to build something that is "new" - or return to old practices - since it is different from the standard imposed by capitalist society. This search is becoming more frequent and it is a result of a certain dissatisfaction with the current existing system, with regard to the economy, politics, relationships between people, social and environmental problems, etc. Among the many alternatives that are emerging in this event, one of them is called as "intentional communities", which embraces various types of community, among them the "ecovillages", which will be especially discussed in this paper. Analyze the phenomenon of intentional communities in a geographic approach of space and especially the relations that manifest themselves in this environment as well as the beneficial consequences or not that can be found in this course, is important by the need to questioning, in the university, which were and still are the motivations for the construction, development, permanence and proliferation of these ways of living. The relationship between people and between society and nature in modern times, even as the search for socio-spatial alternatives in an attempt to rupture the established standards, can not be ignored by the geographical science, where you can discuss from cultural to critical and philosophical analysis. From this perspective, this paper search to analyze these retries today. The goal is to serve as a point of support that can be able both to reveal the practices in progress, and reinforce, in the theoretical and critical field, the alternative movement, showing it more consistant with the current reality and not so much as an illusion / utopia. In addition, this paper also intends to serve as a contribution to the discussions of awakening to a new perspective of life.

Key words: ecovillage, community, space.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquema do padrão da vida moderna padrão.....	38
Figura 2 - A linha é um círculo.....	39
Figura 3- Ego x Eco	42
Figura 4 - Localização dos entrevistados no Brasil	80
Figura 5 - Organograma do procedimento de organização das entrevistas	82
Figura 6 - Moradores fundadores do Condomínio dos Samurais	89
Figura 7 - Distribuição das Comunidades Intencionais ao redor do mundo de acordo com a GEN	118
Figura 8 - Distribuição das Comunidades Intencionais ao redor do mundo de acordo com a FIC	119
Figura 9 - Abrangência da GEN	121
Foto 1- Entrada do Condomínio dos Samurais.....	91
Foto 2 - Estrada da entrada do Condomínio dos Samurais	92
Foto 3- Detalhes da arquitetura japonesa	92
Foto 4 - Moradores da Aldeia comemorando seus quatro anos de existência....	95
Foto 5 - Entrada da Aldeia, acesso pelo Rio de Contas.....	96
Foto 6 - Entrada da Aldeia pelo Rio de Contas	96
Foto 7- Moradores da Aldeia e voluntários durante a construção da cozinha comunitária	97
Foto 8 - Nascente da Aldeia	98
Foto 9 - Casa construída pelos voluntários da Aldeia	99
Foto 10 - Cozinha dos voluntários da Aldeia	99
Foto 11 - Almoço dos voluntários	100
Foto 12 - Casa dos Voluntários	100
Foto 13 - Voluntários no horário livre na área de convivência	101
Foto 14 - Registros dos ENCAs	124
Quadro 1 - Relação entre o tema problematizado, os objetivos e as perguntas.....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRASCA - Associação Brasileira de Comunidades Alternativas

AC – Ancoragens

CSA - Community Sustainability Assessment – Avaliação de Sustentabilidade da Comunidade

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EC – Expressões Chave

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ENCA – Encontro Nacional de Comunidades Alternativas

EUA – Estados Unidos da América

FIC – Fellowship for Intentional Community – Associação das Comunidades Intencionais

GEN – Global Ecovillage Network – Rede Global de Ecovilas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC – Ideias-Chave

MEC – Ministério da Educação

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONG – Organização Não governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PDC – Permaculture Design Certificate – Certificação de Design em Permacultura

PTA – Projetos e Tecnologias Alternativas

SCDP – Sustainable Community Development Programme - Programa de Desenvolvimento de Comunidades Sustentáveis

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A EMERGÊNCIA POR NOVAS ALTERNATIVAS EM UM CONTEXTO DE CRISE GLOBAL	25
1.1 O MEIO AMBIENTE DIANTE DOS RISCOS DE COLAPSO: A RUPTURA COM A NATUREZA	30
1.2 QUESTIONAMENTOS DE UMA ÉPOCA SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO.....	51
1.3 O MODELO DE ASSENTAMENTO HUMANO URBANO COMO PALCO DE DESISTÊNCIA.....	63
CAPÍTULO II: TRAJETÓRIA DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	71
2.1 A FENOMENOLOGIA COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	72
2.2 FERRAMENTAS METODOLÓGICAS	77
2.2.1 ÁREA DE ESTUDO	79
2.2.2 SUJEITOS PESQUISADOS E A METODOLOGIA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	82
CAPÍTULO III: ECOVILAS: VELHOS NOVOS ESPAÇOS DE FUGA	88
3.1 RELATOS DO DIÁRIO DE CAMPO	89
3.1.1 CONDOMÍNIO DOS SAMURAI – PORTO VELHO (RO)	90
3.1.2 ALDEIA – ITACARÉ (BA)	95
3.2 DEFININDO ECOVILAS: CONCEITO E EVOLUÇÃO	103
3.2.1 CADASTRO DAS COMUNIDADES INTENCIONAIS	117
3.3 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO NAS COMUNIDADES INTENCIONAIS	126
3.4 RESULTADOS E REFLEXÕES	154
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	167

APRESENTAÇÃO

Desde o primeiro dia de aula do mestrado, a Geografia foi um divisor de águas na minha forma de entender o mundo, as pessoas, o espaço. Minha formação como arquiteta e urbanista já havia me aberto os olhos para o mundo em diversos fatores e escalas, me fez enxergar diferenças além da minha bolha – anteriormente fechada ao restrito círculo de amizades e unicamente a territórios centrais da cidade –, transformou minha percepção de espaço, o qual passou a ser observado minuciosamente, em vários sentidos, dos detalhes materialmente construídos aos sentimentos que afloram a partir deles. Arquitetura e Urbanismo estão além do ambiente palpavelmente construído e das possibilidades de relações que se constroem com esse ambiente, pois são capazes de interferir nas relações entre as pessoas, em sua saúde, formas de ver e interagir com o mundo, em sua história, conta o passado, nos auxilia a compreender o presente e fazer projetos para o futuro.

A verdade da arquitetura não está no abrigo da chuva ou do sol, nem somente na organização do espaço cotidiano. Ela é muito mais que isso, é uma oportunidade de pensarmos como habitamos o planeta Terra, todas as consequências que causamos nesse meio, sejam elas benéficas ou não. Temos demandas de várias vertentes e a atividade de cada profissional é extremamente necessária, desde que se respeite o ser humano, a natureza e o mundo em que vivemos de forma crítica. Depois de passar por experiências onde reinam a simplicidade, associado ao mínimo impacto ao meio ambiente que tanto o arquiteto Johan Van Lengen prega no seu *Manual do Arquiteto Descalço*¹, descobri-me “arquiteta descalça”.

Até me dar conta disso, houve um longo processo, o qual ainda está em andamento, mas que teve seu ápice durante esse programa de pós-graduação em geografia. Quando digo que essa ciência foi um divisor de águas, estou querendo me referir ao fato de que, primeiramente (#foratemer), antes de usufruir da oportunidade de adentrar nesse meio, a geografia, para mim, se resumia basicamente a (perdoe-me a ignorância) estudos demográficos, populacionais, dados do IBGE, clima e mapas, o que de alguma forma, a meu ver, poderia estar relacionado ao urbanismo e sendo assim, minha atuação não estaria tão discrepante dos estudos geográficos.

¹ *Manual do Arquiteto Descalço* é o nome do livro mais importante no mundo da bioconstrução. Foi escrito pelo arquiteto Johan van Lengen, o qual tem-se destacado no Brasil como uma voz a ser respeitada quando se discute a integração do ser humano em harmonia com o ambiente em que vive.

Ao me aprofundar na ciência, pude ver o grande campo de estudos e possibilidades dentro dessa área de conhecimento, a qual me encantou profundamente e agregou muito ao meu saber desde então. Outra razão está no fato de que, mesmo tendo estudado o “espaço” durante a graduação, na geografia essa sabedoria foi ampliada, pude inclusive elaborar muitas relações com os aprendizados já adquiridos na graduação, além de expandir novos olhares sobre esse assunto. E por último, algo intrigante, porém muito interessante está no fato de que as turmas de mestrado são comumente compostas por uma grande diversidade de profissionais além dos geógrafos: educadores, administradores, cientistas sociais, biólogos, arquitetos, técnicos em informática, etc. o que acaba por engrandecer e progredir as discussões e aprendizados.

Há em mim, desde pequena, algo que me conecta às questões relacionadas à natureza e sua preservação. Sempre entendi que estávamos fazendo mal a ela de alguma forma, todavia, acreditava que jogar lixo na lixeira e economizar água já resolvia boa parte das questões que afetam o planeta. Conforme o tempo foi passando, fui entendendo que, apesar de importante, isso não seria nem um pouco suficiente, mas também não sabia o que poderia ser feito de fato.

Durante a graduação em arquitetura e urbanismo, aprendi que o ramo da construção civil é a maior fonte geradora de resíduos além de ser uma das que mais consomem recursos naturais não renováveis no mundo. Fiquei muito decepcionada e procurei entrar em contato com formas alternativas de construção. Foi nesse momento que conheci, ainda que de forma superficial e através de pesquisas pessoais, as técnicas de bioconstrução. Contudo, tais métodos não eram valorizados na academia e, se por algum acaso eu ousasse recorrer às técnicas antigas de construção nos projetos da faculdade, corria o risco de não me formar.

O mesmo problema era encontrado nos estágios, ou seja, na prática efetiva da profissão. Outros métodos² têm sido desenvolvidos para driblar esses problemas de resíduos da construção civil, entretanto, são ferramentas pelas quais não me identifico, apesar de reconhecer que alguns deles têm seu valor e eficiência. Todavia, a bioconstrução, por não ser um sistema convencional na atualidade, acabou tendo que se afastar do centro das grandes cidades, encontrando espaço no interior destes, como em

² Para enfrentar os problemas ambientais causados pela construção civil, as indústrias começaram a buscar maneiras de produzir edifícios com baixo impacto ambiental, e também um reconhecimento por esse empenho. Sendo assim, o mercado tem exigido produtos e materiais comprometidos com o meio ambiente, enfatizando a preocupação com o baixo impacto ambiental. Porém, muitas vezes esses produtos não passam de estratégias de *greenwashing* (termo que será explicado no Capítulo III).

sítios, fazendas, comunidades e ecovilas, principalmente nas regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Necessidades da vida e distância geográfica desses locais onde tal prática é corrente fizeram com que eu deixasse de lado meu interesse pela possível prática da bioconstrução. Entretanto, nunca deixei de pesquisar sobre o tema e onde seria possível ter contato de fato com ela, mesmo sabendo que as possibilidades de alcançá-las eram poucas, eu não perdi a esperança. Em março de 2015, ingressei no mestrado e um mês depois encontrei um minicurso de bioconstrução que seria realizado em Santarém – PA e me determinei a conseguir fazê-lo.

Essa foi minha primeira viagem sozinha para um lugar ainda desconhecido e pelo qual me apaixonei. O curso foi ministrado por dois dos melhores bioconstrutores do Brasil, Marcelo Pereira e Irina Biletska, membros do *Low Construtores Descalzos*³, e foi muito enriquecedor, me transformou profundamente. Principalmente por que, na semana anterior, ao finalizar as inúmeras leituras da disciplina de Epistemologia, havia acabado de ler *O Homem e o Espaço*, de Otto Frriedrich Bollnow, um livro que aborda a relação entre o ser humano e o espaço de forma deslumbrante. Para o autor, a prática de morar e o projeto arquitetônico deveria ser algo menos óbvio, matemático e sistemático para se tornar algo mais misterioso, sentimental, humano, integrado. Essa leitura me fez ter ainda mais certeza de que a bioconstrução era o caminho que eu deveria seguir de alguma forma. O curso acabou deixando isso muito mais claro, reacendeu uma vontade que eu havia deixado de lado.

Quase um mês depois da minha aventura pessoal, em setembro, voltei à Santarém, porém dessa vez acompanhada dos meus colegas professores e pesquisadores do GEPcultura⁴, através da II Expedição Amazônica – eixo via Transamazônica. Foi uma aventura inenarrável. Meu retorno à Santarém foi regado a saudosismo e me fez reviver as memórias da experiência anterior. O objetivo da expedição foi de registrar e mapear o percurso da misteriosa e perigosa rodovia BR-319, bem como analisar os espaços, as pessoas e as manifestações culturais da Festa do Çairé em Alter-do-Chão, vila pertencente à Santarém (PA). Todo o processo e pesquisa serão transformados em um livro, sendo assim, os pesquisadores tinham tarefas de pesquisa relacionadas ao seu

³ <http://lowconstrutores.com.br/>

⁴ Grupo de Pesquisa Modos de Vida e Culturas Amazônicas. O Grupo foi institucionalizado em 2000. Atualmente, em parceria com grupo de pesquisadores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi inscrito na plataforma dos grupos de pesquisa do CNPq e dá suporte ao Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

projeto durante a expedição. Eu, entretanto, que naquela época estava perdida e descrente com meu trabalho, fiquei na incumbência de ajudar os colegas em suas pesquisas. Realizávamos reuniões diárias para dividir tarefas e saíamos a campo. Porém, sempre que sobrava algum tempo ou havia alguma brecha, eu me pegava conversando com algum *hippie* sobre seu modo de vida ou me interessando pelas bioconstruções da cidade.

Retornamos à Porto Velho e retomei a pesquisa, no entanto, não estava me sentindo nem um pouco contente, na verdade o processo estava sendo bem torturante, uma vez que o projeto no qual eu estava me dedicando não tinha relação nenhuma com o universo pelo qual eu queria de alguma forma me debruçar: bioconstrução e modos alternativos de vida. Foi então quando tive uma ideia, muito óbvia, que já estava gritando dentro de mim, mas eu não estava ouvindo: por que não falar sobre bioconstrução no mestrado? Por que não falar sobre as pessoas que optam por esse estilo de vida? Por que não falar sobre as comunidades que estão criando alternativas dos modos de viver, habitar?

Tive a sorte de contar com um orientador, o Prof. Dr. Josué da Costa Silva, que compreendeu perfeitamente minha nova escolha e me apoiou na mudança do projeto de pesquisa, me orientou e indicou leituras que me ajudaram muito. Conversamos e discutimos bastante sobre o tema a fim de tentar desvendar o universo das comunidades intencionais, as quais trataremos aqui.

O caminho percorrido para chegarmos a presente pesquisa foi desafiador. Estamos todos, como seres humanos, sujeitos à mudanças e evoluções se assim nos permitimos. Entretanto, na maioria das vezes, a correria do dia-a-dia e os afazeres da vida moderna nos apartam de um contato conosco, pessoal, de autoconhecimento; distanciam-nos de coisas, projetos, áreas, lugares, pessoas as quais gostaríamos de realizar ou conhecer mais profundamente. A pesquisa que foi aqui desenvolvida é resultado de me permitir me conhecer melhor, como profissional e ser humano. Esse caminho, por si só, não é fácil para ninguém, muito menos durante o desenvolvimento de uma dissertação, onde as atividades curriculares são intensas e as demandas tem prazo estabelecido. Contudo, foi muito gratificante e enriquecedor, ainda mais por ter tido a chance de contar com os colegas pesquisadores da turma 2015/1, bem como também de outras turmas e demais professores que tanto contribuíram, tanto no dia-a-dia como em suas disciplinas, para que esse trabalho se tornasse algo real e significativo.

Durante o programa de mestrado, o qual tive a oportunidade de ingressar na condição de bolsista CAPES como também de participar de vários eventos, como o XI ENANPEGE (Encontro Nacional da Associação de Pós Graduação e Pesquisa em

Geografia), onde tive a oportunidade, juntamente com outros colegas, de apresentar um artigo como resultado da disciplina de Geografia e Gênero; do XVIII Encontro Nacional dos Geógrafos, no qual apresentei um artigo que trata do tema da presente dissertação; também fiz parte da comissão organizadora, juntamente com meus colegas do Grupo de Estudos e Pesquisa Modos de Vida Amazônicos – do qual faço parte – e do Grupo de Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero, do I Seminário Práticas Tradicionais e os Saberes da Floresta; também participamos do Encontro Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), a qual aconteceu em nossa universidade e foi de grande surpresa e aprendizado participar de um evento que reúne heróis e heroínas que lutam diariamente para a valorização de sua história e em defesa dos povos do campo, das florestas e das águas.

Todos esses eventos, entre outros, contribuíram de forma singular para o meu crescimento tanto pessoal como acadêmico. Juntamente a isso, sem dúvida, as disciplinas de Geografia e Gênero, Geografia Cultural, Estado e Políticas Públicas na Amazônia e Epistemologia da Geografia foram muito importantes. As aulas de campo, também foram de imensa contribuição para minha construção como geógrafa. A primeira delas foi parte da disciplina de Geografia Cultural, que foi realizada no distrito de Nazaré, uma comunidade ribeirinha que tem uma história incrível de luta pela valorização de sua cultura como também de vida e união, principalmente após a “cheia histórica do Rio Madeira”⁵ de 2014, a qual deixou a comunidade praticamente toda debaixo d’água. Nossa atividade foi em maio de 2015, um pouco mais de um ano após o ocorrido. Durante nossa visita, as marcas (nas paredes, na fala dos moradores) ainda estavam presentes na comunidade, porém, mais forte e visível era sua união, que superou, em conjunto, todo esse desastre de forma exemplar e emocionante. Também tivemos o campo até a aldeia do povo Oro Waran, no município de Guajará-Mirim (RO), onde tivemos a oportunidade de conhecer um pouco de suas tradições e sua luta para que estas não se percam e sejam

⁵ Anualmente, com o período de chuvas na região amazônica – dezembro a abril -, o nível do Rio Madeira (O rio Madeira é um rio da bacia do rio Amazonas que banha os estados de Rondônia e do Amazonas. É um dos afluentes principais do rio Amazonas. Tem extensão total aproximada de 3315 km, sendo o 17º maior do mundo em extensão), aumenta. Normalmente, o rio atinge seu máximo no mês de abril. A cheia do ano de 2014, ao contrário, começou a preocupar as famílias desde dezembro de 2013, quando atingiu a cota de 14,12 metros, cinco metros acima que o mesmo período do ano anterior. Naquele mês, o Sistema de Proteção da Amazônia (Sipam) já sinaliza maior risco de inundações e desmoronamentos para quem mora em bairros próximos ao Madeira, bem como para as comunidades ribeirinhas ao longo deste rio. No dia 27 de dezembro de 2013, o rio atingiu 14,12 metros e foi decretado estado de alerta. No dia 7 de fevereiro de 2014, o rio Madeira chegou à cota de 16,45 metros e a prefeitura de Porto Velho decretou estado de emergência. No dia 26 de fevereiro, o prefeito decretou estado de calamidade pública em Porto Velho. O nível estava em 18,60 metros. Fonte: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/03/menor-cheia-do-rio-madeira-completa-um-mes-e-riocontinua-subir-em-ro.html>>. Acesso em 8 de Jun de 2016.

cada vez mais valorizadas pelos jovens da aldeia. E por último, como já foi anteriormente citado, tivemos a II Expedição Amazônica.

Não poderia deixar de registrar também que todas as leituras realizadas até aqui foram extremamente importantes para aperfeiçoar meu aprendizado e me estimular como pesquisadora. Algumas delas questionaram fortemente sobre o desafio de cursar esse mestrado, entretanto, nada melhor do que o amadurecimento e o tempo para me mostrar que o caminho é realmente esse.

Por fim, está comprovado que todas as experiências que esse mestrado me proporcionou tiveram grande importância no aprimoramento do meu aprendizado, além de ter me ajudado a me descobrir como pesquisadora. Espero poder contribuir cada vez mais com essa ciência, sem deixar de lado, de forma alguma, todos os aprendizados e experiências que tive e que virão como arquiteta e urbanista também.

INTRODUÇÃO

É perceptível e visível que a conduta humana, em diversos aspectos, tanto sociais, como econômicos, políticos e principalmente ambientais, tem conduzido a humanidade para o caminho da destruição. Nesse sentido, é urgente a tomada de consciência, a mudança de atitudes e a busca por novos caminhos ou a retomada de práticas vistas como obsoletas. Seria esse o momento de abandonar o atual modelo civilizacional, do atual sistema onde impera a ideia de desenvolvimento e progresso, que vai na contramão do tempo da natureza, do uso consciente dos seus recursos, do equilíbrio, da comunhão, da ideia de comunidade? Eis que uma grande transformação urge e deve ser colocada em prática. É preciso sensibilidade para se conectar a natureza e colocar em ação novas condutas que estejam integradas à uma visão ecológica, que respeita a natureza e a vida como um todo.

Sendo assim, esse trabalho é resultado de uma reflexão a respeito da construção social do mundo atual, momento em que se unem e se ruíam tempos no qual processos simbólicos, físicos, biológicos estão sob dominação humana através da economia, da tecnologia e da ciência, germinando assim, novas ordens, novos tempos, novas práticas, novas culturas. É uma constante desconstrução e reconstrução do mundo cuja a homogeneização, a vida padrão moderna, está sendo posta em cheque para ser ressignificada.

Diante deste cenário, sucedeu-se a tarefa de introduzir tal reflexão nesta pesquisa científica a partir do tema das **ecovilas**, e de forma mais abrangente, das **comunidades intencionais** (ou alternativas, aquarianas, sustentáveis, etc.)⁶. Não se pode negar que esse assunto, por tratar de questões que também são singulares, de cada indivíduo, no que se refere aos sentimentos, sonhos, expectativas de cada pessoa que se propõe a fazer parte desse meio, entre outros motivos, apresenta uma certa dificuldade de tradução e sistematização. É um desafio, todavia, foi realizado, conforme será possível constatar no seu decorrer.

Pensar a ciência geográfica dentro deste meio abre os horizontes uma vez que cabe aqui questionamentos filosóficos, questionamentos sobre o sentimento com o lugar, sobre

⁶ As **ecovilas** fazem parte de um conceito maior, que são as **comunidades intencionais**. Estas, conforme será explicado no decorrer do trabalho, são formadas por pessoas que escolhem viver com outras para experimentar um estilo de vida compartilhado, uma vez que acreditam num mesmo propósito. Dentro das comunidades intencionais existem as ecovilas, colivings, cohousings, etc., os quais serão melhor explicados no decorrer do trabalho.

como se configura o espaço das ecovilas, discussões sobre o sistema econômico, social e político atual, a abrangência geográfica do objeto estudado ao redor do mundo, etc. Muitos foram os questionamentos, entretanto, as principais indagações desta pesquisa científica são: *Por que as pessoas estão optando por um estilo de vida mais perto da natureza? O que as chama? Do que elas estão fugindo? Que alternativas existem nesse meio? O que são esses espaços, afinal? Como proceder diante do cenário ambiental global?*

Tais questionamentos surgiram através de uma inquietação como pesquisadora sobre um fenômeno que está sendo cada vez mais corrente e diz respeito às comunidades intencionais, as quais estão ligadas ao movimento de contracultura, juntamente com as “velhas novas” tentativas de economia colaborativa e compartilhada, as “velhas novas” formas de educar, se alimentar, etc., as quais têm sido cada vez mais difundidas e abraçadas pela sociedade, mas não há como deixar de lado o crescimento intenso do movimento nos últimos anos⁷. Nesse sentido, investiga-se aqui a condição do ser humano que está em busca de novas alternativas de organização da vida social e espacial, uma vez que as formas padrões de vida estabelecida pela sociedade capitalista e globalizada estão se tornando cada vez mais frágeis, segregadas, competitivas, artificiais, etc. No decorrer deste trabalho, ao tratar dessas alternativas, dirigir-se a elas como “velhas novas” ou “novas” alternativas (formas, possibilidades, caminhos), diz respeito ao fato de que esses “novos” caminhos, em sua maioria, muitas vezes não são novidades absolutas, mas retomadas de práticas que já foram aplicadas no passado, e que agora, depois de esquecidas e consideradas obsoletas, estão recebendo novos adeptos e novas roupagens. Portanto, não se tratará aqui de uma redundância desatenta, mas de uma necessidade de dar crédito e voz às experiências anteriores. Todavia, é importante acentuar que tais experiências não foram e não são práticas que alcançam todas as camadas sociais da população, conforme será possível verificar no decorrer deste trabalho.

A jornada dessa pesquisa surge a partir de uma observação empírica do crescimento de comunidades intencionais no Brasil e no mundo nos últimos anos, fato que vem carregado de um cansaço da vida urbana, padrão, mecânica, onde o tempo para si e os outros é quase nulo, o trabalho não traz satisfação e o contato com a natureza é mínimo. Sendo assim, por mais que o movimento alternativo tenha nascido nos anos 1960, carregado de insatisfações com o modelo econômico, político, social e ambiental, esta pesquisa mostra como esses problemas e insatisfações ainda persistem. Todavia, conta

⁷ O crescimento intenso do movimento das comunidades intencionais nos últimos anos será melhor explicado na página 117.

agora com mais adeptos, conta com uma maior facilidade de acesso ao movimento e às comunidades devido ao advento da *internet* e à globalização; conta com uma população maior (e conseqüentemente mais resíduos descartados, menos recursos naturais para usufruto); conta com maiores desastres ambientais e mudanças climáticas, etc.

Para a presente pesquisa científica, essas são as indagações empíricas e é a partir delas que a abrangência da ciência geográfica permite a compreensão e o desenvolvimento de questionamentos cada vez maiores, conforme a evolução do pensamento. A oportunidade de ter a ciência geográfica como base para este trabalho traz à tona uma melhor compreensão do espaço, de como lidar com o desafio de enfrentar a situação atual da economia, da política, das relações sociais, uma vez que nesse meio encontra-se representações, simbolismos, questionamentos, evoluções. A ciência geográfica, entre outros questionamentos, responde às inquietações do ser humano, sua existência, seus anseios. Nesse sentido Dardel ressalta:

A geografia, ao surpreender a realidade do mundo enquanto espacialidade e o espaço enquanto fisionomia da Terra, exprime uma inquietude fundamental do homem. Ela responde a um interesse existencial que extingue o intento de abordar o homem como objeto do conhecimento. Colocar-se de fora da Terra e do espaço concreto para conhecê-los do exterior, é esquecer que, por sua própria existência, o homem está comprometido como ser espacial e como ser terrestre. É necessário, portanto, compreender a geografia não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal qual os insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino. (DARDEL, 2011, p. 20)

Dessa forma, para responder às suas inquietações humanas dentro da geografia, é preciso ter consciência de que a Terra, a natureza é parte intrínseca e inseparável do ser humano, onde existe uma conexão forte e existencial. Sendo assim, analisar os problemas ambientais da atualidade de forma separada dos políticos e/ou sociais não gera resultados nem mudanças, bem como colocar-se apenas como observador e questionador, sem deixar de se colocar também como parte do problema, e conseqüentemente, da solução.

Durante a pesquisa, várias foram as vertentes encontradas para o estudo das **comunidades intencionais**, ela está presente em várias áreas do conhecimento: ciências sociais, administração, filosofia, arquitetura, psicologia, entre outros. Tal interesse de pesquisa aprofundada neste tema, onde se buscam alternativas ou retomam modos de vida vistos como obsoletos, está atrelado aos desafios globais que a humanidade vem enfrentando, tornando assim, o estudo deste tema não somente necessário e urgente, mas

também motivador, a fim de que cada vez mais pessoas possam ter contato e se inspirar em uma mudança efetiva em suas práticas, hábitos e vida.

Interessante notar que o tema de **comunidades intencionais** parece incitar um retorno ao modo de vida primata, precário, tribal, alternativo, hippie. De certo modo, tendo em vista que no decorrer do tempo a humanidade passou apreciar valores como competição, egoísmo, alta produção em curto prazo, consumismo, etc. (tornando este o modo padrão e “natural”), no lugar da união, da simplicidade, coletividade e fraternidade, as comunidades tentam resgatar, entre seus valores e práticas, um modo de vida⁸ alternativo ao que é estabelecido e aceito atualmente como padrão. Entretanto, será possível notar no decorrer deste trabalho, que existem uma infinidade de diversidade neste meio, inclusive a realidade é bem diferente e relativamente restrita, em sua maioria, à uma parcela da sociedade, todavia, tal especificidade tem sido questionada e será possível perceber, através dos discursos dos entrevistados, que há movimentos para que ela seja cada vez mais abrangente, haja vista a necessidade por novos modelos independentemente de classe social ou econômica.

Ademais, ressalta-se que a literatura referente ao tema é embrionária e também não existe um conceito ou interpretação única sobre as ecovilas e comunidades. Os autores aqui apresentados têm teorizado a partir de experiências, vivências, observações e, adicionado às entrevistas realizadas com atores que estão inseridos, de alguma forma, em comunidades intencionais, procurou-se complementar a pesquisa a fim de compreender o que são afinal esses espaços que estão sendo estabelecidos desde os anos 1960, como se dão as relações nesse meio, o que as pessoas que buscam esse estilo de vida estão encontrando, quais são seus anseios, expectativas e o que acontece de fato.

As discussões aqui abordadas iniciam-se com “*Um olhar geográfico sobre a emergência por novas alternativas em um contexto de crise global*”, questionando e discutindo os motivos que têm levado as pessoas a buscarem alternativas no modo de viver. Para demonstrar isso, este primeiro capítulo aborda a relação entre sociedade e natureza e como esta vem se desenvolvendo ao longo do tempo, como a natureza passou a ser um fator de dominação pelo ser humano, que se colocou acima daquela, a qualquer custo, para satisfazer suas necessidades. Dentro desse contexto, e em contrapartida à essa

⁸ Entende-se por “modo de vida” a forma, a maneira como o ser humano interage e vivencia o mundo, como se comporta e quais são suas escolhas frente aos outros seres humanos, frente à natureza. Neste trabalho, sendo “modo de vida” uma palavra corrente, muitas vezes também serão utilizados sinônimos como: modelos de vida, estilos de vida, formas de vida e alternativas de vida.

atitude do ego, são expostos o surgimento de movimentos ambientais que, desde meados dos anos 1960, tentam diminuir essa separação, frear o uso abusivo dos recursos naturais do planeta e conscientizar os demais frente às atitudes relacionadas ao “desenvolvimento”. Ademais, expõe-se considerações sobre como o modelo de assentamento humano urbano padrão tem se tornado, para algumas pessoas, motivo de repulsa, dentre outros motivos, pela falta de tempo e contato consigo mesmo e com a natureza, fazendo com que estas pessoas busquem novas formas de assentamento humano, sendo as ecovilas uma delas.

O segundo capítulo trata da trajetória da pesquisa, descrevendo o método e suas abordagens, metodologias, bem como as ferramentas utilizadas para o desenvolvimento deste. Elegeu-se a abordagem fenomenológica através dos autores Edmund Husserl e Edith Stein – discípula de Husserl –, esta última através de Ângela Bello, que fez um estudo profundo da autora, para compreender o processo de empatia através da fenomenologia. Ademais, por compreender, ao longo do processo dessa pesquisa que não existe de fato uma unidade nos demais modelos de assentamento humano fora do padrão, buscou-se, através de entrevistas, um melhor entendimento dentro desse contexto. Buscou-se então contato com diversas pessoas que moram ou já moraram em comunidades intencionais ao redor do Brasil, bem como foram realizadas pesquisas de campo em duas comunidades a fim de compreender melhor as expectativas, necessidades, medos, anseios, etc., dentro do contexto das comunidades intencionais. Dessa forma, foram realizadas 12 entrevistas e estas foram organizadas na metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), onde foi possível reunir os relatos dos entrevistados e mostrar suas semelhanças apesar de estarem localizados em diferentes lugares e contextos.

Para finalizar, o terceiro capítulo trata da evolução e conceito das ecovilas, como elas têm se desenvolvido e mudado ao longo dos anos, quais são os órgãos e/ou entidades que regem essas iniciativas e como elas têm dialogado no decorrer do tempo. Aqui ocorre uma exposição dos conceitos considerados “oficiais”, bem como também dos indivíduos que estão vivendo na prática esse modo de vida, através de depoimentos colhidos ao longo do processo desta pesquisa.

Nas considerações finais há uma revisão de toda a discussão deste trabalho, apontando possíveis caminhos para práticas individuais e/ou comunidade, além do incentivo à demais pesquisas que possam vir a frente, seja na área da Geografia, quanto em outras áreas do conhecimento.

Por fim, é importante ressaltar que este trabalho não é um assunto acabado sobre as tendências e características da conjuntura da humanidade haja vista que ele tenta

destacar alguns assuntos e dinâmicas importantes que são significativas para os debates no momento histórico atual e também para o futuro. Portanto, este buscar contribuir como fonte de documentação para a discussão desses assuntos em demais pesquisas, bem como contribuir com o desafio de pensar além do presente, do imediato, do agora, de forma a construir horizontes para um futuro melhor e mais conectado com a vida. Não se pode negar que são tempos difíceis, mas também de ações urgentes, pois os sinais de que os modelos até então propostos estão falindo estão cada vez mais constantes.

CAPÍTULO I: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A EMERGÊNCIA POR NOVAS ALTERNATIVAS EM UM CONTEXTO DE CRISE GLOBAL

5 de junho - A natureza não é muda

A realidade pinta naturezas mortas.

As catástrofes são chamadas de naturais, como se a natureza fosse o verdugo e não a vítima, enquanto o clima fica louco de pedra e nos também.

Hoje é o Dia do Meio Ambiente. Um bom dia para celebrar a nova Constituição do Equador, que no ano de 2008, pela primeira vez na história do mundo, reconheceu a natureza como sujeito de direito

Parece estranho que a natureza tenha direitos, como se fosse pessoa. E ao mesmo tempo parece a coisa mais normal que as grandes empresas dos Estados Unidos tenham direitos humanos. E têm, por decisão da Suprema Corte de Justiça, desde 1886.

Se a natureza fosse um banco, já teria sido salva.

Eduardo Galeano

UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A EMERGÊNCIA POR NOVAS ALTERNATIVAS EM UM CONTEXTO DE CRISE GLOBAL

A humanidade como um todo, passa por momentos de transições, períodos de mudanças rápidas e irreversíveis. São sinais de colapso da sociedade industrializada, um crescimento econômico que vem criando, cada vez mais, defasagens nos níveis de renda, disputas comerciais e degradações ambientais. A transição não é uma novidade deste século, a humanidade já enfrentou muitas ao longo da história da Terra. Porém, é possível ousar dizer a transição atual nunca foi tão radical devido ao tempo acelerado de transformações e à escala do processo.

Essas transições estão de alguma forma, implicadas à expansão do capitalismo, que, desde o seu surgimento, abriu espaço para diversos acontecimentos, que vão desde os econômicos, políticos, sociais, culturais e históricos até a chegada da globalização. Esta, por sua vez, possibilitou a integração entre o mundo todo, quebrando barreiras e facilitando relações comerciais. Entretanto, também trouxe consigo efeitos negativos, principalmente no que se refere a questões sociais como desigualdade, exploração, desemprego, etc.

Diversas são as teorias e marcos dados pelos historiadores do surgimento da globalização. Há quem afirme que o processo teve início nos séculos XV e XVI com as grandes navegações e descobertas marítimas, época em que o contato intercontinental foi se desenvolvendo com objetivo de estabelecer expansão dos mercados e trocas comerciais, mas que gerou muitas consequências, entre outras, um grande impacto ao meio ambiente além da dizimação de várias populações ao redor do globo. Mas sua efetivação só foi realmente realizada no final do século XX, após a queda do socialismo. Em seguida, o neoliberalismo ganhou forças e impulsionou seu processo.

O conceito de globalização não é unânime e vários são os autores que discutem sua definição, também não é o objetivo desta pesquisa elencar qual seja a mais verdadeira. Para o presente trabalho, foram adotadas as discussões que Milton Santos aborda sobre a questão. Santos (2006) coloca a globalização como marco de uma ruptura no processo de evolução social e moral que se vinha fazendo desde os séculos precedentes. É um casamento entre ciência e técnica, ou seja, a tecnociência, a qual é condicionada pelo mercado. Para ele, a globalização tem que ser encarada a partir de dois processos: de um lado, a produção de uma materialidade, condições materiais que são base da produção

econômica, dos transportes e da comunicação; de outro, a produção de novas relações sociais entre países, classes e pessoas. Segundo o autor, uma tem base no dinheiro e a outra na informação. Na globalização, a informação é centralizada nas mãos de poucos que detém poderes financeiros, o território deixa de ter fronteiras rígidas e o Estado é flexível aos interesses dos condutores da globalização. O autor também ressalta que a instalação dos capitais globalizados supõe que o território se adapte às suas necessidades de fluidez, investindo pesadamente para alterar a geografia das regiões escolhidas. Tudo isso aponta para a compreensão de que o processo de globalização, como elemento do capitalismo, implica como um dos motivos das crises desse sistema econômico.

Conforme elucidado acima, pode-se dizer que o processo de globalização proporciona a tramitação de mercadorias, perpassando fronteiras sem embargos. Entretanto, a sociedade que não detém do capital, sente as barreiras invisíveis se tornarem visíveis, impossibilitando seu transitar. Não se pode deixar de ressaltar que a atual economia globalizada tem como principais características a injustiça, a degradação, a incompatibilidade com a vida humana e a insustentabilidade. Ela possui uma visão unilateral, de forma que concentra riquezas e capital em grandes instituições, empobrecendo a maioria, alavancando o consumismo, degradando o ecossistema, alterando o clima, causando guerras, e assim por diante.

Dentro desse contexto, é importante ressaltar que a degradação massiva do meio ambiente tem sido promovida, principalmente, por países desenvolvidos em cima dos subdesenvolvidos. Enquanto aqueles extraem matérias primas, utilizam mão de obra de escrava e, posteriormente, depositam seus resíduos nos países subdesenvolvidos, causando impactos ambientais irreparáveis em favor da produção de bens materiais; estes, além de sofrerem com a acentuação da miséria e da destruição como países explorados, ainda são incentivados a consumir tais produtos. Nessa circunstância, o Primeiro Mundo acaba estabelecendo as formas padrão de viver e consumir, impondo modelos desde a alimentação até a cultura, através de músicas estrangeiras, roupas, livros, entre outros, que são distintos dos costumes originais de determinado grupo. Aqui se encaixa bem o que Bauman (2012) define como *cultura como conceito hierárquico*, a qual, segundo ele, apesar de ter sido gestada no mundo helênico, persiste na mentalidade ocidental, onde a cultura é entendida como uma propriedade que pode ser adquirida, transformada e adaptada, partindo da suposição de que é parte inerente do ser humano. A construção do conceito de cultura como um índice de status e superioridade subjuga e reprime sujeitos e grupos e sociedades até os dias de hoje.

Simultaneamente ao auge da globalização, surge também o conceito de “desenvolvimento sustentável” a partir dos estudos da Organização das Nações Unidas sobre mudanças climáticas no início da década de 1970 em decorrência da preocupação com a humanidade diante da crise ambiental e social que abateu o mundo desde o pós-guerra. O conceito consiste em desenvolver um crescimento econômico contanto que haja preservação do meio ambiente e não comprometa o desenvolvimento social do presente e das futuras gerações. Ou seja, uma harmonização entre o desenvolvimento econômico, a preservação do meio ambiente, justiça social, qualidade de vida e uso racional dos recursos da natureza. Importante destacar que este é o conceito universalmente conhecido, entretanto, dentro deste existem diversas críticas, as quais serão discutidas no decorrer deste capítulo.

Desde então, a sociedade em geral vem apresentando uma preocupação com a natureza, mesmo que de forma muito lenta e fragmentada, existe uma certa aflição, inquietude e um sentimento de responsabilidade sobre como os recursos finitos da natureza estão sendo explorados. Foi nessa mesma época que surgiram, entre tantos outros, os movimentos hippies e ecologicamente sustentáveis, que, além dos ideais políticos, sociais e culturais, também aspiravam uma reconexão com a natureza e a diminuição gradativa do impacto humano através de práticas que não a explorassem de forma abusiva.

Importante destacar que abordar a expressão “(re)conexão” com a natureza diz respeito ao fato de que esta, como conjunto de elementos (montanhas, mares, árvores, fauna, todos os seres – inclusive e principalmente – os humanos, etc.) do mundo natural é o mundo material onde há vida. Ao longo do tempo, após tantas transformações e intervenções ocasionados pela própria sociedade, sucedeu-se um distanciando desta para com a natureza, tratando-a como recurso infinito, como uma máquina. Muitas dessas transformações foram essenciais para a sobrevivência da humanidade, contudo, o problema esteve e ainda está na forma pelas quais elas foram realizadas: tratando os recursos da natureza como se estes fossem infinitos.

Nesse contexto, é necessário destacar aqui, a questão do estudo do *Espaço* como categoria geográfica, de forma a permitir, a partir de uma visão holística, o estudo da configuração espacial que incorpora os seres humanos e sua estreita relação com a natureza. Nesse sentido, Dardel (2001) descreve o espaço geográfico como:

O espaço geográfico não é somente superfície. Sendo matéria, ele implica numa profundidade, numa espessura, numa solidez ou numa plasticidade que não são dadas pela percepção interpretada pelo intelecto, mas encontradas numa experiência primitiva: resposta da realidade geográfica a uma imaginação criativa que, por instinto, procura algo como uma substância terrestre ou que, se contradizendo, a “irrealiza” em símbolos, em movimentos, em prolongamentos, em profundidades. [...] Há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da “crosta terrestre”, um enraizamento, uma espécie de fundação da realidade geográfica (DARDEL, 2011, p. 15).

A partir do pensamento de Dardel (2011), compreende-se que o ser humano está diretamente ligado à Terra, sendo essa a fonte de toda a sua existência, de forma que sua conexão com a mesma se torna essencial. Apesar disso, é notável a desconexão dos seres humanos para com a Terra, a natureza em geral, fato de ser bastante discutido neste trabalho.

Ainda sobre a questão do espaço, importante também destacar o que Bollnow (2008) denomina como *espaço vivenciado*, o qual pode ser entendido como *experiência do espaço* no sentido psíquico ou a expressão do próprio espaço uma vez que o homem vive nele e com ele. Para o autor, a existência humana só existe na referência do espaço, necessita dele para se desenvolver. Sem caráter espiritual, imaginado ou concebido é um espaço concreto real, no qual acontece a vida. Bollnow destaca que o espaço não somente é diverso para os diversos homens, mas varia para o próprio indivíduo de acordo com sua constituição e humor circunstanciais. Cada modificação no homem condiciona uma mudança no seu espaço vivido.

Diante do exposto é possível entender que o espaço, uma vez que varia conforme o indivíduo e/ou com seu humor, sentimentos e circunstâncias, pode muitas vezes ser transformado em espaços que tem a capacidade de trazer sentimentos bons, de alegria, felicidade, vida, comunhão, etc., os quais, em sua maioria, estão relacionados a espaços onde a natureza ainda é abundante e o clima é natural, ou seja, ainda não sofreu modificações por forças antrópicas. Entretanto, também pode ser transformado em espaços que são descaracterizados de sua origem natural, na qual predomina uma cultura que é imposta, onde a natureza é escassa e o clima já sofreu mudanças irreparáveis.

Se por um lado, vêm-se observando uma crise que atinge não somente questões econômicas, sociais, políticas e ambientais, mas principalmente humanas, no que se refere a questões comportamentais, de relação consigo, com o outro e com a natureza, de saúde, de desenvolvimento intelectual e espiritual, etc., que são notadamente influenciadas pelas consequências do sistema econômico vigente; por outro lado têm-se observado também

uma busca por novas alternativas (ou retomadas de alternativas consideradas obsoletas) e modos de vida que sejam capazes de proporcionar ao ser humano experiências enriquecedoras, de comunhão com outras pessoas e com a natureza de forma verdadeira e não competitiva, novas alternativas no ato de consumir, morar, se relacionar, cuidar da saúde, entre outros.

Essa busca não é recente, mas está presente desde muito tempo na mente humana, que em seus ideais utópicos, Esses movimentos vêm se transformando ao longo do tempo e se estabelecendo planejaram e muitas vezes conseguiram realizar movimentos alternativos, que seguiam contra o padrão estabelecido pelo sistema de suas épocas e mais recentemente, do capitalismo como caminhos cada vez mais viáveis e reais.

Neste primeiro capítulo, a discussão inicial está nos motivos que tem levado as pessoas a buscarem alternativas. Com o passar dos anos, a sociedade tem se estabelecido em sua maioria nas grandes cidades e se inserido em todas as obrigações impostas por ela, delimitando formas padrões de trabalhar, morar, consumir, educar os filhos, se relacionar, etc. Dessa forma, cada vez mais as pessoas têm se sentido distantes de si, das outras e também da natureza. O que tem ocasionado isso? Serão abordados alguns levantamentos sobre essas possíveis causas, abrindo a discussão pela relação sociedade-natureza uma vez que existe aqui a premissa de que o distanciamento entre a sociedade e a natureza tem se agravado ao longo dos séculos, e conseqüentemente tem acarretado implicações em todas as relações: consigo, com o outro, com o mundo, com o trabalho, com a forma de viver, de morar, de trabalhar, de educar, etc. O objetivo deste capítulo é mostrar como isso tem ocorrido a fim de levantar reflexões a partir desse viés.

1.1 O MEIO AMBIENTE DIANTE DOS RISCOS DE COLAPSO: A RUPTURA COM A NATUREZA

A relação entre sociedade e natureza é um dos principais estudos da ciência geográfica. Desde o nascimento da Geografia como ciência no século XIX, várias foram as reflexões filosóficas e enfrentamentos em torno da dualidade entre o estudo da natureza como aspecto físico e um estudo da humanidade, tendo a sociedade como foco. O geógrafo espanhol Horácio Capel (1983), ao descrever sobre Alexandre Humboldt, conhecido como o pai da ciência geográfica moderna, diz:

Humboldt tenía ya bien definida su preocupación por ‘una restauración total de las ciencias’, en la que acentuaba la integración de los diversos conocimientos, o – como él mismo escribía – ‘el intento de “introducir unidad en todo afán humano’. Se interesaba por la influencia de la naturaleza física sobre el hombre y afirmaba la necesidad de ‘enlazar el estudio de la naturaleza física con el de naturaleza moral y empezar en realidad por llevar al universo tal como lo conocemos la verdadera armonía’⁹. (CAPEL, 1983, p. 07)

O pai da geografia moderna, ainda no século XVIII, entre uma de suas viagens, saiu em uma expedição científica para terras europeias e tinha um propósito: estar atento sobre “la acción combinada de las fuerzas, la influencia de la creación inanimada sobre el mundo animal y vegetal, sobre esta armonía (CAPEL, 1983, p. 6)”. Sendo assim, Humboldt saiu em expedição não apenas para cumprir pressupostos científicos, mas a fim de compreender as diversas relações entre os fenômenos do planeta. Entretanto, sua jornada lhe permite observar os espaços e o tempo vivido em cada região, o que o faz compreender que há uma relação direta entre a sociedade e a natureza, de forma que o conduz a descrever em seus diários como de fato o espaço vivido tem o poder de influenciar a sociedade.

Dessa forma, entre outros geógrafos, Humboldt foi um dos que contribuiu para que a partir do século XX, a sociedade começasse a ser efetivamente estudada numa perspectiva de inter-relação com a natureza. Desde então, a ciência geográfica tem mostrado cada vez mais integradora, uma vez que revoluções tecnológicas, socioeconômicas, políticas e ambientais têm acontecido, proporcionando assim, novos desafios dentro do pensamento geográfico em escala global.

De acordo com Santos (2009) a questão de relação entre sociedade e natureza está relacionado à “substituição de um meio natural, que é *dado* a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é, sucessivamente *instrumentalizado* por essa mesma sociedade” (SANTOS, 2009, p. 233). Dessa forma, o autor expõe o fato de que a história do meio geográfico pode ser grosseiramente dividida em três etapas: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico informacional. O primeiro se refere à quando tudo era meio natural e o homem escolhia da natureza partes ou aspectos considerados fundamentais para sua vida, valorizando lugares e culturas, era um meio utilizado sem grandes transformações. Havia um equilíbrio socioespacial estabelecido,

⁹ Humboldt já tinha bem definida sua preocupação por uma ‘restauração total das ciências’, na qual enfatizava a integração do conhecimento diversificado – ou como ele mesmo escrevia – ‘a tentativa de introduzir a unidade em cada desejo humano’. Ele se interessava pela influência da natureza física do homem e afirmava a necessidade de “vincular o estudo da natureza física à natureza moral e realmente começar a trazer o universo como o conhecemos a verdadeira harmonia”. (Tradução nossa)

que respeitava a natureza herdada no processo de criação de uma nova natureza, como por exemplo, rotação das terras¹⁰, agricultura itinerante¹¹, etc. O segundo, meio técnico, é um período onde se vê a emergência do espaço mecanizado, onde seus objetos são, ao mesmo tempo, culturais e técnicos e substituem os naturais. Aqui, o homem começa a fabricar um tempo novo no trabalho, no lar, de forma que os tempos sociais tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais e a razão do comércio toma conta da razão da natureza. Segundo Santos (2009), é nesse meio que a poluição e outras ofensas ambientais ainda não tinham esse nome, mas já eram notadas, isso em meados do século XIX, nas grandes cidades inglesas e continentais. O autor ressalta que o fenômeno era limitado apenas as regiões onde o progresso técnico podia se instalar, ou seja, países de Primeiro Mundo. Já o terceiro e último período, o meio técnico-científico-informacional, tem início após a segunda guerra mundial, afirmando-se nos anos 70 e incluindo os países de Terceiro Mundo. Distingue-se dos outros períodos devido sua profunda interação entre ciência e técnica, a qual se efetiva sustentado pelo mercado, que por sua vez se torna global. De acordo com o autor, as três ideias – ciência, técnica e mercado global – devem ser encaradas em conjunto, podendo oferecer uma nova interpretação a questão ecológica, uma vez que as mudanças ocorridas na natureza também se subordinaram a essa lógica. Aqui, os objetos são técnicos e também informacionais. Santos ainda destaca que o mundo rural, e não só as grandes cidades, estão cada vez mais sofisticados e carregados de artifícios. A diferença dos períodos anteriores é que a lógica global se impõe a todos os territórios e a cada território como um todo.

Mesmo sabendo que, de alguma forma, ainda que mínima, o impacto da civilização sobre as paisagens e ecossistemas vem ocorrendo desde a Antiguidade, serão adotadas as proposições de Milton Santos anteriormente aqui colocadas a partir da segunda etapa, a qual está diretamente ligada as questões ecológicas ou ambientais, por entender que não se faz necessário, no presente trabalho, um levantamento histórico desde os primórdios, mas sim destacar o que tem ocorrido a partir do momento em que tais questões se tornaram motivo de preocupação, ou seja, a contar nos anos 1960.

¹⁰ A rotação de terras (ou culturas) é uma técnica da agroecologia, que, baseada no tipo de solo de cada região e na capacidade adaptativa de cada espécie, consiste em alterar anualmente o cultivo de espécies numa mesma área visto que a cultura de uma única variedade (monocultura) no mesmo terreno empobrece o solo, desequilibra suas reservas minerais e reduz sua capacidade produtiva.

¹¹ Agricultura itinerante é uma técnica primitiva que consiste em atear fogo em um pedaço de mata como forma de preparar o terreno para cultivo de alimentos subsistência. É uma técnica bastante utilizada pelos indígenas.

Desde o início da década de 1960, verifica-se o surgimento de diversos documentos, convenções, declarações internacionais, reuniões, fóruns, conselhos, etc. que demonstram a preocupação pela degradação do ambiente e a necessidade de conciliar o desenvolvimento humano com o equilíbrio dos ecossistemas e a sustentabilidade do planeta. Isso indica que, a partir desse período, a preocupação com o futuro do planeta e seus habitantes procurou tomar frente nas questões políticas e sociais, conforme destaca Porto Gonçalves:

O debate acerca dos limites da relação das sociedades com a natureza começou a vir a público e, assim, a se tornar um debate propriamente político, a partir de uma série de manifestações que denunciavam os riscos que a humanidade e o planeta passaram a correr em função de um modelo de desenvolvimento que não os considerava devidamente, ao acreditar, enfim, que não existiriam limites para a intervenção humana na natureza (PORTO-GONÇALVES, 2015, p.67).

Contudo, é importante estar atento à ideia de “desenvolvimento”, a qual comumente está atrelada a questões econômicas, mensuráveis, de produtividade, carregada de indicadores de crescimento e de lucro. Quando acompanhada então da palavra “sustentável”, existe a ideia de que o desenvolvimento anteriormente colocado é apenas amenizado, mas sem deixar de lado suas intenções econômicas, desprezando o fato de que, além de seus progressos, as consequências são irreversíveis. Não há como mudar o rumo desse termo, mas existe a possibilidade de criar um novo ponto de partida, uma mudança de paradigma, conforme ressalta Leff (2001):

“O neoliberalismo ambiental e o discurso do “crescimento sustentável”, apesar do intuito de incorporar as bases ecológicas e as considerações de longo prazo na racionalidade econômica, não podem assimilar o sentido, os princípios e as condições de uma gestão democrática do desenvolvimento sustentável: a equidade social, a diversidade cultural, o equilíbrio regional, a autonomia e capacidade de autogestão das comunidades e a pluralidade de tipos de desenvolvimento. Se a economia se define como o processo de produção e de distribuição de riqueza, este pode transformar-se e fundar-se em outras bases produtivas. A mudança de paradigma não só é possível, mas impostergável. (LEFF, 2001, p. 59)”

O autor ainda expressa que “um dos grandes desafios está na construção do conceito de ambiente como um *potencial produtivo sustentável* (LEFF, 2001, p.60)”, ou seja, a complexidade está em transformar um conceito já enraizado e lançar um novo olhar para tal, de forma que integre processos tanto ecológicos como também tecnológicos e culturais a fim de gerar o que ele chama de desenvolvimento alternativo:

Os princípios de racionalidade ambiental oferecem novas bases para construir um novo paradigma produtivo alternativo, fundado no potencial ecológico, na inovação tecnológica e na gestão participativa dos recursos; uma nova racionalidade social que amalgama as bases democráticas e os meios de sustentabilidade do processo de desenvolvimento. (LEFF, 2001, p. 61)

Para Leff (2001), a ideia está em sair das práticas que apenas amenizam ou diminuem os grandes problemas ambientais como as políticas de conservação, restauração, descontaminação, alívio de pobreza, etc., e investir em uma economia sustentável que esteja fundada em princípios de racionalidade ambiental, fortalecendo e integrando economias locais e regionais que são baseadas no manejo produtivo dos recursos. Desta maneira, articulando tais economias locais de forma estratégica com a economia de mercado e sobrepondo os interesses ambientais aos econômicos, existe a possibilidade de construir uma ponte para a sustentabilidade global, fundamentada na diversidade regional e no desenvolvimento sustentável e democrático.

Para o autor, o desenvolvimento sustentável não se restringe a ajustar conservação e desenvolvimento, mas também instiga a pensar o ambiente a fim de construir um novo paradigma produtivo de forma a integrar natureza e cultura como forças produtivas, fazendo com que a natureza se converta “num meio de produção, objeto de uma apropriação social, atravessado por relações de poder (LEFF, 2001, p. 66)”, ou seja, de forma a promover novos valores em cima da economia vigente, direcionando atitudes para a elaboração e organização de uma produção que tenha como base os potenciais da natureza e da cultura.

É necessário repensar a sustentabilidade tanto em virtude do uso como da capacidade de resiliência da natureza, ou seja, a missão está na compreensão das reais dimensões da sustentabilidade e na capacidade de tolerância da natureza em suportar perturbações, as quais não podem estar exclusivamente à mercê de atender as necessidades da sociedade. Sendo assim, se faz necessário um novo jeito de organizar a vida, reconhecendo que o progresso e o desenvolvimento padronizado e normatizado acabam conduzindo a sociedade para um caminho sem saída. A natureza tem limites e o estilo de vida da sociedade atual, principalmente no que se refere aos exageros causados pela acumulação do capital estão cada vez mais evidentes.

Dentro desse contexto, qual a relação entre o significado e abordagem do “desenvolvimento sustentável” e a problemática ambiental que a sociedade vive atualmente? Tal problemática mora exatamente nas representações sociais da natureza, na

distância entre natureza e ser humano, no fato de que este tem mercantilizado aquele. Sendo assim, se torna necessário entender a sociedade humana no tempo presente, suas ações em relação ao meio ambiente para então pensar em ações, soluções, resoluções, etc. dos problemas ambientais. Se o futuro nasce do presente, conforme relata Morin (2010), isto significa dizer que a primeira dificuldade de pensar o futuro é a dificuldade de pensar no presente. A cegueira sobre o presente torna a sociedade insensível em relação ao futuro. Ou seja, antes de pensar em práticas, projetos e acordos para um futuro mais amigável com o planeta, é necessário tomar conta do real, do presente, do sistema vigente, das ações diárias, do sentido que se dá a si mesmo, aos outros, aos lugares, objetos, etc. O que a humanidade construiu até então e o que ela está ajudando a construir, afinal?

Os seres humanos vivem os mesmos problemas fundamentais da vida e da morte e estão unidos na mesma comunidade de destino planetário. Por isso, Morin (2001) enfatiza que é extremamente necessário aprender a estar aqui, no planeta. E isso significa aprender a viver, dividir, comunicar, comungar, etc., o que só se aprende por meio de culturas singulares. É necessário aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos, dedicando-se não só a dominar, mas principalmente a condicionar, melhorar, compreender. O autor ainda complementa que a sociedade deve, segundo ele, inscrever nela mesma:

- *A consciência antropológica*, que reconhece a unidade na diversidade;
- *A consciência ecológica*, isto é, a consciência de habitar, com todos os seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera): reconhecer nossa união consubstancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometeico do domínio do universo para nutrir a aspiração de convivibilidade sobre a Terra;
- *A consciência cívica terrena*, isto é, da responsabilidade e da solidariedade para com os filhos da Terra;
- *A consciência espiritual da condição humana* que decorre do exercício complexo do pensamento e que nos permite, ao mesmo tempo, criticar-nos mutuamente e auto criticar-nos e compreender-nos mutuamente (MORIN, 2000, p. 76).

Entretanto, essas necessidades apontadas por Morin enfrentam uma sociedade que tem se tornado, em geral, cada vez mais consumista e competitiva, onde o mundo é uma grande linha de produção no qual a sociedade vive para produzir mais, com o objetivo de não ser superada pela competitividade e também para se ter meios de gozar das vantagens oferecidas pelo capitalismo. Como então enfrentar esse desafio? Acosta (2016) sugere que:

A economia deve submeter-se à ecologia. Por uma razão muito simples: a natureza estabelece os limites e alcances da sustentabilidade e a capacidade de renovação que possuem os sistemas para autorrenovar-se disso dependem as atividades produtivas. Ou seja: se se destrói a Natureza, destroem-se as bases da própria economia (ACOSTA, 2016, p. 121).

Dessa forma, se pensará duas vezes antes de agir ou propor projetos ou planos de “desenvolvimento” ou “progresso”. Ao que parece, a sociedade em geral somente começará a mudar seus comportamentos, visões e atitudes para com e na natureza quando as consequências de seus atos interferirem direta e instantaneamente no seu capital.

No filme *Ponto de Mutação*, adaptação do livro de mesmo nome do autor Fritjot Capra, lançado em 1990, há uma frase inicial impactante que se apresenta em letras garrafais:

Quando percebermos que nós e o planeta somos, na verdade, um só, uma realidade, uma só consciência, teremos chegado ao ponto de descobrir que a nossa transformação não foi apenas uma atitude, mas uma mutação (PONTO DE MUTAÇÃO, 1990).

O filme convida, logo de início, se não a uma mudança, a saltar, pelo menos no plano mental, para o tempo onde a humanidade finalmente consegue transformar suas atitudes para o bem comum. O caminho até lá é longo e requer muita força, luta e quebra de paradigmas. A relação da sociedade com a natureza está longe do equilíbrio ideal. Há tempos que esta vem sendo tratada como um recurso infinito, de forma que o planeta está sobrecarregado devido aos estilos de vida da humanidade, bem como de sua política, relações, sistemas, etc.

Em uma das primeiras cenas do filme, os personagens discutem sobre o que teria levado os seres humanos à ruptura com a natureza. O diálogo gira em torno do fato de que o relógio foi a causa dessa ruptura, onde a natureza acabou sendo considerada apenas como um grande relógio, uma máquina desmontável, reduzida a um monte de peça simples e fáceis de entender, e não uma coisa viva. Dessa forma, os cientistas passaram a acreditar que todos os seres vivos, plantas, animais, seres humanos, não passam de máquinas, uma falsidade que, segundo eles, acabou por tomar conta de tudo: arte, política, sociedade, etc. É durante essa reflexão que os personagens percebem que uma mudança de valores, ideais, nas instituições, uma nova maneira de ver e entender a vida se faz necessária.

Outro motivo para tal ruptura também pode estar associado ao que Capra (1982) relata sobre os opostos, onde na sociedade ocidental, em particular, prevalece o conhecimento racional sobre a sabedoria intuitiva, ou seja, a competição sobre a

cooperação, a exploração dos recursos naturais sobre a conservação, etc. Essas questões, que resultaram em uma intensa mudança na mentalidade da cultura ocidental, foram acompanhadas de uma intensa alteração nas relações sociais e formas de organização social. Importante destacar que essas transformações ultrapassam medidas superficiais de reajustamento e correções econômicas e políticas que estão sendo feitas hoje. Isso porque as transformações que a sociedade está vivendo atualmente são mais amplas, tem um ritmo mais acelerado em relação ao passado e envolvem o globo todo. Para o autor, o problema não são apenas os indivíduos, mas também os governos, as instituições sociais, etc. que geralmente sobrepõem o pensamento racional diante do emocional, o conhecimento científico sobre o empírico ou intuitivo, os quais podem ser tão seguros e válidos quanto os outros.

Essas ideias de Capra já eram abordadas por Eric Dardel há 60 anos atrás, como é possível verificar em seu livro *O Homem e a Terra*, publicado originalmente em 1952. Um dos seus conceitos principais está na ideia de *geograficidade*, a qual, antes de uma preocupação científica, é uma relação concreta que liga o homem à Terra, representada pelo amor ao solo natal ou pela vontade intrépida de correr o mundo. Para ele, o Homem e a Terra são uma coisa só, e esta, como lugar, é a base e meio de sua realização. Dardel (2011) diz que a geografia pode expressar a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo através do solo e da paisagem.

Segundo ele, a paisagem não é feita somente para olhar e contemplar, mas é a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação do seu ser com os outros, base de seu ser social. Sendo assim, é possível dizer que o modo como a sociedade lida com o meio ambiente e enfrenta os desafios ambientais é resultado do modo como a paisagem foi apreendida e ensinada dentro da Geografia. Ou seja, a construção de uma consciência ecológica está diretamente ligada ao modo como a paisagem foi e é ensinada. Nesse sentido, Kropotkin (1885), em um texto do século XIX – que apesar da longa data ainda é muito conveniente para os dias atuais – dizia que as crianças não são verdadeiras admiradoras da natureza enquanto elas não tiverem alguma ligação com a humanidade. Para este autor:

A criança busca em todas as partes o homem, a atividade humana, as lutas contra os obstáculos. Os minerais e as plantas deixam-na fria; ela está atravessando uma etapa em que prevalece a imaginação. Quer dramas humanos, o que significa que a melhor maneira de suscitar-lhe o desejo de estudar a natureza é pelos relatos de pescadores e caçadores, de navegantes, de enfrentamentos com os perigos, de costumes e hábitos, de tradições e

migrações (...) Essa é a tarefa da geografia na primeira infância: tomando a humanidade como intermediária, desenvolver nas crianças os interesses pelos grandes fenômenos da natureza, despertar seu desejo de conhecê-los e explicá-los (KROPOTKIN, 1885, s/p.).

Para que isso ocorra é preciso repensar a Terra como uma questão essencial e fundamental, redescobri-la como Mãe de todos os seres, de forma que os indivíduos possam se reconhecer também como filhos, não somente como seres que vivem sobre e da Terra, mas que fazem parte e são Terra. O que se têm visto é uma guerra à Mãe Terra, assim também como uma falta de reconhecimento da sociedade como filhos uma vez que o homem se sobrepõe hierarquicamente diante da natureza. A humanidade insiste na ideia de que vive do capital e não da Mãe Terra, fomentando assim o progresso, o desenvolvimento, a modernidade, dominando e explorando os recursos do planeta.

Esse é um dos motivos pelo qual Tuan (2012) vê o contato físico da sociedade com o próprio meio ambiente natural de forma cada vez mais indireta e limitada a ocasiões especiais. Exceto pela decrescente população rural, o envolvimento da sociedade tecnológica com a natureza é mais recreacional do que vocacional. Segundo o autor, “o que falta às pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos *hippies* parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutavam (TUAN, 2012, p. 140). Isso também reflete nas potências perceptivas que o ser humano possui, mas não explora, seja por insipiência ou por falta de oportunidade para experimentação devido à sua rotina urbana e/ou desconexão com a natureza ao redor e em si. O autor afirma que a maioria das pessoas, ao longo de sua vida, acabam fazendo pouco uso de suas percepções devido ao fato de que o mundo moderno tende a dar ênfase à visão em detrimento dos outros sentidos – olfato e tato principalmente – por necessitarem de proximidade e ritmo lento para funcionar e despertar emoções, ou seja, condições que o ritmo da cidade moderna infelizmente não tem permitido. A natureza está se comunicando com os indivíduos a todo o momento, mas como ouvi-la no meio do caos, da ansiedade, da distração? Desta distração provocada pelos meios de comunicação ideologizados, que criam um exército de pessoas iguais, padronizadas, preocupadas – em grande parte – em produzir e consumir? As pessoas estão correndo à toda velocidade a fim de se sentirem úteis e ocupadas numa pressa constante que acaba por limitar seus sentidos para uma compreensão, conexão e harmonia com a natureza. Isso afirma o que Dardel (2011) diz sobre a sociedade só ver a natureza através de suas medidas e cálculos uma vez que no

mundo contemporâneo, a Terra foi “desnaturada” e a sociedade não se deixa mais decifrar por ela.

É relevante elucidar que o problema não está na cidade em si, como um lugar ruim, que deve ser abandonado ou evitado na primeira oportunidade. A intenção deste trabalho não é fazer com que todos corram para as zonas rurais e que dessa forma todos os problemas da vida moderna serão resolvidos. O problema mora no modo como sociedade tem construído a cidade, tanto em sua forma estrutural como também afetiva, ecológica, política, social, etc.; mora no estabelecimento de um comportamento padrão, obrigando os indivíduos a participar de um sistema econômico que não tem se mostrado justo com todas as camadas da sociedade; mora na sistematização da maneira de trabalhar; no tempo do relógio, na produtividade à qualquer custo, inclusive sacrificando a si, aos outros e o meio ambiente; mora na lógica linear de gerar energia ou tratar do lixo, por exemplo, entre outras demandas da vida moderna, conforme o exemplo abaixo:

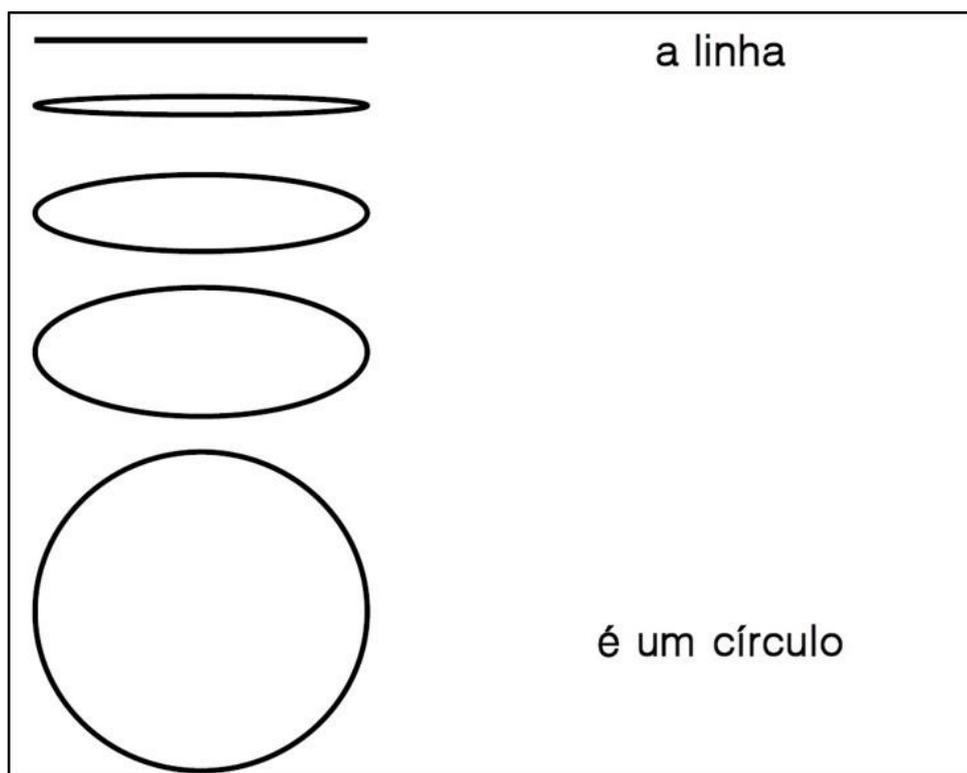
Figura 1 - Esquema da vida moderna padrão



Fonte: GARCIA, 2015. Adaptado pela autora.

O problema também mora no desinteresse (ou na falta de oportunidade) de (re)conhecer-se como parte de um mundo que é maior que o seu quintal. Se o ser humano sai do seu plano, do seu campo de visão comum, da sua zona de conforto, pode perceber que a linha, na verdade é um círculo:

Figura 2 - A linha é um círculo



Fonte: GARCIA, 2015. Adaptado pela autora.

A linha, na verdade, é um ciclo. Na natureza não existe começo, meio e fim. Todos os seres vivos deste planeta fazem parte de um ciclo que vai além do nascer, crescer, se reproduzir e morrer. Sair do plano é um passo importante para compreender os tempos atuais da sociedade. A Figura 2 demonstra que a humanidade faz parte de um sistema que é circular, que está sempre em movimento, é cíclico, e não linear, como tem sido praticado pelos seres humanos (Figura 1):

Enquanto isso, a Figura 1 ilustra a realidade estabelecida, padrão, que obriga e pressiona a sociedade a seguir um determinado roteiro, o qual é visto como comum. Há quem diga que é a lógica “natural” das coisas, confundindo-se na verdade, com o “cultural”. Existem procedimentos cujo o ser humano é obrigado a seguir para viver, como por exemplo respirar, comer, ingerir água, dormir, ou seja, imposições fisiológicas, realmente “naturais”. Entretanto, as demais são apenas convenções “culturais”.

Essas questões abordadas aqui decorrem do fato de que a separação entre o ser humano e a natureza também tem relação direta com a realidade de que a sociedade, principalmente a ocidental, dá ênfase maior ao pensamento racional, o qual, segundo Capra (1982), pode ser sintetizado no famoso enunciado de Descartes, “*Penso, logo existo*”. Para o autor, essa frase encorajou os indivíduos ocidentais a comparar sua

personalidade com sua mente racional ao invés de seu organismo total, colocando mente e corpo como duas estruturas divididas, uma separação entre espírito e matéria. Sendo assim, o referido autor diz que, conforme o ser humano se desvia para sua mente, esquece como “pensar” com seu corpo, de que modo usá-lo como agente de conhecimento, da mesma forma como se desliga do seu meio ambiente natural e esquece como comungar e cooperar com a rica variedade de organismos vivos que o rodeia. Essa ideia está entrelaçada com outra concepção do mesmo autor sobre a “teia da vida”, a qual consiste em sistemas vivos (redes) dentro de outros sistemas vivos (outras redes):

Desde que os sistemas vivos, em todos os níveis, são redes, devemos visualizar a teia da vida como sistemas vivos (redes) interagindo à maneira de rede com outros sistemas (redes). Por exemplo, podemos descrever esquematicamente um ecossistema como uma rede com alguns nodos. Cada nodo representa um organismo, o que significa que cada nodo, quando amplificado, aparece, ele mesmo, como uma rede (CAPRA, s/p, 1996).

Em outras palavras, a teia da vida está na interligação, conectividade e interdependência entre os seres vivos, estruturas e elementos presentes no planeta e no universo, que se relacionam e se modificam mutuamente, tudo isso baseado em estudos da cibernética, ecologia, teoria do caos, etc. Sendo assim, uma vez que os seres humanos fazem parte desse sistema – e mesmo que muitos não tratem disso com interesse e importância –, a partir do momento em que estes enxergarem que pertencem a esse meio, não serão necessárias advertências morais a fim de que haja preservação e cuidado, pois ocorrerá um comportamento natural. Isso fica muito claro na epígrafe do livro de Capra:

Isto sabemos. todas
coisas estão ligadas
como o sangue
que une uma família...

Tudo o que acontece com a Terra,
acontecerá com os filhos e filhas da Terra.
O homem não teceu a teia vida; ele é dela
apenas um fio.
Tudo o que faz à teia,
Ele faz a si mesmo (CAPRA, 1996).¹²

O autor ainda ressalta que o ser humano tende a hierarquizar esses sistemas, arranjando sistemas dentro de sistemas maiores, como se fosse uma pirâmide. Porém, isso

¹² Citação de Epígrafe de Ted Perry, inspirado no Chefe Seattle.

é uma projeção humana, pois na natureza não existe hierarquias, há somente redes aninhadas dentro de outras redes. Da mesma forma, o corpo humano está aninhado com o pensamento humano e estes à natureza e outros seres, de forma que não há separação e muito menos hierarquia, ou seja, a mente humana não está acima da matéria orgânica do seu corpo, assim como também não está acima de outros seres vivos para dominá-los. Todos os seres são parte de uma mesma rede que forma a teia da vida, na qual o homem é apenas um fio, que interage, combina, compartilha e troca com outros seres (ou outros fios). Isso significa que, quando o ser humano pratica algum mal, de alguma forma acaba fazendo mal tanto para os outros (os nodos interligados), mas principalmente para si, (pois faz parte da teia) assim também como quando pratica o bem. Entretanto, quando um indivíduo, por exemplo, derruba a mata nativa em terras indígenas para venda de madeira ilegal e construção de pasto para criação de gado, as consequências podem não ser perceptivelmente instantâneas para ele, mas são para outros seres que estão em nodos mais distantes. Isso acaba por incentivá-lo a repetir e reproduzir tal prática, seja por ainda não sentir as consequências diretas (ou não ter sensibilidade para tal) como também – e principalmente – por estar sendo economicamente favorecido diante de tal comportamento. Em suma, a natureza não está no mundo para servir aos indivíduos, inclusive porque cada ser humano também é natureza e, dessa forma, ao se desconectar dela ou fazer-lhe mal, o homem faz mal a si mesmo e aos outros seres.

Importante ressaltar que não são raros os indivíduos que fazem parte do time que de alguma forma (mesmo que mínima), acabam causando impactos ao meio ambiente, ou seja, ao planeta e aos seres como um todo. O exemplo anteriormente citado não é diferente de alguém que joga resíduos em qualquer lugar (e não na lixeira), sem falar que essa seria uma discussão para uma outra pesquisa uma vez que o próprio “lixo” deveria (e pode, uma vez que existem tanto tecnologias como práticas simples para resolver esse problema) ser extinto. O que a sociedade chama de lixo é tudo que ela considera que deveria ser “jogado fora”, ou seja, tudo que comprou e/ou adquiriu e não tem mais serventia, desde copos plásticos descartáveis até aparelhos eletrônicos que estão ultrapassados, pois um novo modelo surgiu em poucos meses. Todavia, há de se concordar com o fato de que o “fora” não existe, o lixo não desaparece, apenas sai do campo de visão da sociedade. Sem dúvidas esse tema necessita de atenção.

No entanto, por se tratar de um assunto denso e complexo, a intenção aqui é provocar uma reflexão inicial (e também atitudes, caso convenha) sobre o comportamento da sociedade diante de sua casa: o planeta Terra. É sabido que discorrer sobre esse

para estar aqui e agora, vivo? A pirâmide que coloca o homem no topo é resultado de uma cultura que dá muito valor à independência, ao indivíduo, à isenção de responsabilidade pelo outro, pelo que acontece ao redor. De certa forma, essa dependência é coerente com a realidade, onde existem vários sistemas impondo padrões de vida sob o ser humano. Entretanto, é importante e essencial ressaltar que apesar do sistema estabelecido, os seres humanos são interdependentes, conectados por uma rede que é natural e segue as mesmas leis. Não há como estar acima dela. Isso é uma ilusão do ser humano, que ao acreditar que está no topo, acaba causando mortes, desastres, desigualdades, entre outros, não só para os outros, mas para si mesmo. Essa visão de hierarquia é exposta por Capello (2013) da seguinte forma:

Não importa a época ou a cultura, nossa relação com o meio ambiente talvez nunca tenha sido, de fato, pensada e vivida com base em princípios e ações éticos. Ou talvez, nunca nos arriscamos a encarar a existência e a saúde dos demais seres vivos como algo tão importante quanto nosso próprio bem-estar. Através dos tempos, ou temíamos os poderes “mágicos” da natureza e, então, vivíamos sob o domínio e a ferocidade de deuses da chuva, do vento e do sol, condenados – por nós mesmos – à eterna submissão, ou, como fizemos mais tarde, julgávamo-nos onipotentes diante dela, controladores e exploradores sem limites, numa atitude pretenciosa e míope que, especialmente durante os dois últimos séculos, fez por destruir florestas, reduzir a biodiversidade, contaminar o solo, o ar e a água e condenar populações inteiras como refugiados ambientais. (CAPELLO, 2013, p. 27)

Existe uma visão tradicional que o ser humano tem sobre os demais seres vivos, que é de superioridade sobre estes, como se fossem classificados separadamente, fizessem parte de uma outra família. A visão ecológica proporciona uma visão totalmente diferente, de que todos os seres vivos são de alguma forma semelhantes, pertencem à mesma família e são feitos da mesma matéria viva. Estes, incluindo o ser humano, não estão de forma aglomerada na superfície terrestre, mas fazem parte de uma rede de sistemas, os quais são interdependentes, ou seja, dependem de interações, se retroalimentam para alcançar um equilíbrio e o bem-estar comum.

A realidade é que a hierarquia até então imposta não existe de fato. A importância do ser humano é tão grande quanto a da Natureza. Sendo assim, aquele não pode se sentir superior em relação aos outros seres. É mais que necessário e urgente a existência de um sentimento de pertença por parte do ser humano, de forma que ele se sinta parte de toda a biosfera, um respeito harmônico e recíproco entre os seres, que seja capaz de se estender e abranger o respeito a todos os habitantes desse espaço compartilhado.

Apesar desse distanciamento sociedade-natureza e a consciência de que uma retomada diante dessa realidade é necessária e urgente, questões ligadas à ecologia estão

sempre vinculadas à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados, fato que, segundo Guattari (1990), deveria ser mais abrangente, uma preocupação global. Afinal, se a natureza é vida e faz parte da existência do ser humano, porque há um distanciamento tão grande (e conseqüentemente da sociedade em relação a ela mesma) a ponto de que o padrão é totalmente contrário à essência e condição humana? Ou seja, se o ser humano faz parte da natureza e de uma rede conforme foi discutido acima, porque os assuntos ligados a esse sistema estão restritos ou são de interesse de poucos?

Esses poucos são pessoas que defendem e praticam modos de vida tradicionais, preservação e conexão com a natureza, responsabilidades no ato de consumir, cuidados com os resíduos, implementação e preservação de áreas verdes, delimitação de parques nacionais e terras indígenas, etc. Eles estão em busca de um bem comum, o fazem pela preservação do planeta e pela preocupação com o agora e as futuras gerações. Como então ampliar e diversificar a ecologia, o interesse pelas naturezas (ambiental, humana, etc.) em suas teorias e práticas, para cada vez mais pessoas? É possível que essa solução tenha relação direta com o incentivo através da educação, conforme foi demonstrado em parágrafos anteriores.

Guattari (ibid.), contrariando o destaque que dão frequentemente aos danos industriais numa perspectiva somente tecnocrática aos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural e da sociedade, defende que a saída está em uma articulação ético-política, entre os três registros ecológicos – do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana – o que ele chama de *ecosofia*. O primeiro se refere ao meio onde tudo é possível acontecer, evoluções flexíveis, catástrofes ambientais. Já a *ecosofia social* diz respeito à reconstrução do conjunto das modalidades do ser-em grupo, consiste em desenvolver práticas específicas que tendem modificar e reinventar maneiras de ser do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, do espaço vivido, etc. E por último, a *ecosofia da subjetividade humana* (ou mental) está na reinvenção da relação do sujeito com o corpo, a psique (inconsciência) e o consciente.

Segundo o autor, a adoção de uma ética ecosófica é de fundamental importância não apenas para a defesa da natureza, mas para uma iniciativa de reparação dos danos causados até então, uma política focalizada no destino da humanidade. Isso porque, para ele, o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre o planeta em decorrência das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Guattari (ibid.) ainda questiona a finalidade do contínuo desenvolvimento do trabalho

maquínico que foi revolucionado pela informática, mas que pode ocasionar desemprego, marginalidade opressiva, solidão, angústia, etc. Para ele, é necessária uma autêntica revolução política, social e cultural de forma a reorientar os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. A ecosofia então, pode ser considerada uma busca de uma dimensão ecossistêmica e não mais de uma antropocêntrica. Diz ainda que:

Se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, das cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração (sic.) do trabalho das crianças, da opressão das mulheres (GUATTARI, p. 16, 1990).

O autor alerta, de forma incisiva, para as consequências que virão (e já estão de alguma forma ocorrendo) caso a sociedade não adote a ecosofia. E esta, por não ser uma disciplina ou algo padrão e sim um modelo prático, é também eficaz na renovação das antigas formas de concepção do ser humano, da sociedade e do meio ambiente.

A título de comparação, vale ressaltar aqui também o que o Papa Francisco¹³ propõe em sua última encíclica, a qual foi publicada em 2015, e tem como subtítulo “*Sobre o Cuidado da Casa Comum*”. Ele recomenda uma solução similar à do filósofo Félix Guattari, mas pelo nome de *ecologia integral*. Para o Papa, uma vez que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais demandam um olhar que dê conta de todos os aspectos da crise mundial, sua proposta está em refletir sobre os diferentes elementos duma *ecologia integral*, que inclua dimensões humanas e sociais. Nesta encíclica, conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, ou seja, não se pode considerar a natureza como algo separado de seres humanos ou como uma mera moldura da vida destes. Segundo o Papa, não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social, mas sim uma única crise socioambiental, e, para solucioná-las, as diretrizes requerem uma abordagem integral para combater pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.

Além disso, ele sugere também uma ecologia econômica que não gere automatismos e homogeneizações a fim de simplificar os processos e reduzir os custos, mas que considere a realidade de forma mais ampla. Da mesma forma, também é importante não deixar de lado o humanismo, pois os problemas ambientais não estão

¹³ Papa Francisco, nascido como Jorge Mario Bergoglio é o 226º Papa da Igreja Católica e atual Chefe de Estado do Vaticano, sucedendo o Papa Bento XVI.

separados dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos e da relação de cada pessoa consigo mesmo, com os demais e com o meio ambiente. Aconselha igualmente não esquecer a questão cultural, pois assim como a vida e o mundo são dinâmicos, o cuidado do mundo também deve seguir o mesmo fluxo e descartar as soluções meramente técnicas que não respeitam o processo histórico no âmbito cultural de atores sociais e locais de cada grupo humano. Para o Papa Francisco (2015), o desaparecimento de uma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal, pois a imposição de um estilo de vida prevalente ligado a um modo de produção pode ser tão nocivo como a alteração dos ecossistemas. Ainda ressalta que:

Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem esta abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solícitude (Papa Francisco, 2015, p. 11).

É nesse mesmo documento que ele convida urgentemente a sociedade a renovar o diálogo sobre a maneira como estes estão a construir o futuro do planeta. Ressalta que é necessário um debate que una a todos uma vez que o desafio ambiental atual tem raízes humanas e diz respeito aos próprios seres humanos. Salaria que, apesar do movimento ecológico mundial ter percorrido um longo e rico caminho e gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na conscientização, infelizmente muitos esforços na busca de soluções concretas também acabaram devido à recusa de poderosos e também pelo desinteresse de outros. Para o Papa, as atitudes que dificultam os caminhos da solução vão desde a negação do problema à indiferença, à conformação ou à confiança cega nas soluções técnicas.

Ainda em tempo de acrescentar mais um autor para esta discussão, Alberto Acosta apresenta o que ele chama de o *Bem Viver*, um conceito aberto, latino-americano, o qual não é uma proposta totalmente elaborada, mas tanto um caminho que deve ser imaginado a fim de que seja construído, como também um caminho que já é uma realidade:

O Bem Viver será, então, uma tarefa de (re)construção que passa por desarmar a meta universal do progresso em sua versão produtivista e do desenvolvimento enquanto direção única, sobretudo em sua visão mecanicista do crescimento econômico e seus múltiplos sinônimos. (ACOSTA, 2016, p. 69)

Para Acosta (2016), o Bem Viver apresenta-se como uma oportunidade para construir novas formas de vida de forma coletiva, mas sem seguir receitas prontas, somar práticas isoladas ou a partir de interpretações individuais deste conceito. O autor acentua que o Bem Viver deve ser considerado como parte de uma extensa busca de alternativas de vida, inspiradas nas lutas populares, principalmente dos povos tradicionalmente marginalizados, explorados e excluídos como os povos de nacionalidades indígenas, por exemplo. A ideia de Acosta é dar visibilidade ao que foi ignorado e ocultado por muito tempo, superar as “correntes heterodoxas, que na realidade miravam a ‘desenvolvimentos alternativos’, quando é cada vez mais necessário criar ‘alternativas de desenvolvimento’ (ACOSTA, 2016, p. 70)”. O Bem Viver, por ter raízes em comunidades não capitalistas, rompe com o método antropocêntrico e propõe a superação do capitalismo enquanto civilização dominante, como também com os diversos socialismos que existiram até o momento para formar uma mudança civilizatória. O conceito consiste em:

O Bem Viver é um ponto de partida, caminho e horizonte para desconstruir a matriz colonial que desconhece a diversidade cultural, ecológica e política. Nesta linha de reflexão, a proposta do Bem Viver critica o Estado monocultural; a deterioração da qualidade de vida, que se materializa em crises econômicas e ambientais; a economia capitalista de mercado; a perda de soberania em todos os âmbitos; a marginalização, a discriminação, a pobreza, as deploráveis condições de vida da maioria da população, as iniquidades. Igualmente, questiona visões ideológicas que se nutrem das matrizes coloniais do extrativismo e da evangelização imposta a sangue e fogo.

O Bem Viver supõe uma visão holística e integradora do ser humano imerso na grande comunidade da *Pacha Mama*. Não se trata de “viver melhor”, supondo diferenças que, no fim das contas, conduzem a que poucos vivam às custas do sacrifício de muitos.

[...] O Bem Viver, em resumo, aponta a uma ética da suficiência para toda a comunidade, e não somente para o indivíduo.

Sua preocupação central, portanto, não é acumular para então viver melhor. Do que se trata é de viver bem aqui e agora, sem colocar em risco a vida das próximas gerações. Para consegui-lo, há de se desmontar os privilégios existentes e as enormes brechas entre os que têm tudo e os que não têm nada. Isso exige distribuir e redistribuir agora a riqueza e a renda para começar a sentar as bases de uma sociedade mais justa e equitativa, ou seja, mais livre e igualitária. Caso contrário, não há como sustentar a sobrevivência ou a reconstrução ou a própria construção das comunidades. (ACOSTA, 2016, p. 83-84)

O que Acosta propõe é a superação do extrativismo, da exploração, do padrão de vida imposta pelo Ocidente, a comunhão entre a sociedade e a natureza. Para isso, ele oferece uma porção de caminhos advertindo que a construção de um novo modelo de vida não segue um modelo único, pois a sociedade é diversa e enfrenta uma variedade de problemas e especificidades que não podem ser agrupados e resolvidos de forma

homogênea. Sendo assim, sua proposição mais importante dentro do *Bem Viver* está em uma trajetória que deve ser democrática e construída pelos e para os atores – a sociedade.

Podemos observar, entre os quatro autores anteriormente citados – o filósofo francês Guattari, o físico ecologista austríaco Fritjof Capra, o Papa Francisco e o economista equatoriano Alberto Acosta –, que, por mais que eles estejam em categorias diferentes do conhecimento, seus discursos, aspirações e proposições para o bem comum são muito parecidos. Os três abordam, cada um a seu modo, principalmente, o fato de que a natureza como meio ambiente não está ou não pode ser tratada separadamente do ser humano, das relações sociais, políticas, etc. Tudo está interligado. Não há como resolver problemas políticos, por exemplo, enquanto não se der ouvidos à própria natureza humana ou ao redor. Não é possível acabar com a violência se o próprio ser humano não cuida da sua própria natureza. Não há como erradicar a fome do mundo ou combater o câncer se a sociedade não questiona e nem luta pelo fim dos agrotóxicos, e para isso se faz necessária uma política que abrace a causa e ponha fim na mesma, entre tantas outras coisas. Tudo está interligado, não há como solucionar somente um problema sem interferir em outro, portanto, é indispensável uma consciência global em cima dos problemas atuais a fim de trabalhar em cima de uma solução que seja integrada.

Entretanto, como é possível dar início a uma solução se o modo de vida da maior parte da humanidade está configurado no capitalismo, no consumo, na exploração, na competição, etc.? O processo de evolução do ser humano o levou a um ponto onde a ciência, por mais que tenha oferecido novos saberes que revolucionaram seu conhecimento do mundo e tenha dado capacidade de desenvolver suas próprias vidas, também alcançou a possibilidade de morte com a degradação ambiental, assim também como na disseminação e produção de armas, por exemplo, etc.; além de acabar estabelecendo uma distância do próprio indivíduo consigo mesmo e com outros seres, incapacitando-o de se conectar com a sabedoria da natureza. Os seres humanos se tornaram máquinas que precisam trabalhar de forma cronometrada para atingir metas e mais metas que alimentam cada vez mais o sistema capitalista, as diferenças sociais e a exploração e dominação do meio ambiente. Como diz Porto-Gonçalves:

Já não é mais contra natureza que devemos lutar (se é que é de luta contra a natureza que se deveria tratar), mas sim contra os efeitos da própria intervenção que o próprio sistema técnico provoca. Lembremos aqui a fina observação do geógrafo Milton Santos, quando nos chama a atenção que não há sistema técnico dissociado de um sistema de ações, de um sistema de normas, de um sistema de valores, e assim, sinaliza para que não o reifiquemos afirmando uma

ação do sistema técnico como se ele se movesse por si mesmo, sem ninguém que o impulsionasse (SANTOS (1996) *apud* PORTO-GONÇALVES (2015) p. 69).

Ou seja, todas as ameaças que a sociedade está sofrendo são em grande parte decorrentes da própria intervenção humana no planeta, mais particularmente ainda decorrentes das intervenções do sistema técnico-científico, do desenvolvimento desenfreado, que não é capaz de perceber suas consequências catastróficas, visando somente as vantagens econômicas. Portanto, a humanidade está sofrendo os efeitos de sua própria intervenção. As crises ambientais, sociais, econômicas, políticas, existenciais, morais, etc., são reflexões de seus modos de viver, se alimentar, trabalhar, se relacionar, consumir, produzir e assim por diante. E se esses modos apresentam falhas, outros caminhos se fazem urgentes. Continuar na rota do “desenvolvimento” não parece mais ser possível se a sociedade quiser continuar nesse planeta. Isso não quer dizer que se deve andar para trás, voltar ao passado, mas procurar e/ou construir alternativas dentro desse meio que sejam incapazes de agredir o meio ambiente, a si mesmos, aos outros, a sua cultura, a diversidade, a sua permanência e a das futuras gerações. Nesse sentido, para sustentar o que as ideias aqui expostas, Leff (2001) diz que:

O movimento ambiental não é uma fuga ao passado, mas a invenção de um novo futuro; não é a recusa da ciência, mas a fusão dos saberes tradicionais e do conhecimento moderno (LEFF, 2001, p. 130)

Tais alternativas já têm conquistado um certo espaço, porém, ainda talvez pouco estudado, divulgado ou diversificado. É sabido que, num mundo onde o consumismo e o individualismo imperam, propostas de característica alternativa tem dificuldade de se mostrar, divulgar, se impor. Uma delas, entre tantas outras que serão discutidas nesse trabalho, está nos modos de morar. Nos subcapítulos seguintes serão expostas algumas questões sobre os motivos pelos quais as “novas” alternativas estão sendo cada vez mais procuradas.

Para finalizar, antes de mais nada, é importante ressaltar que apesar de todas as intervenções antropocêntricas, sejam elas em pequenas ações ou grandes invenções tecnológicas, independentemente do impacto que tenham causado, os seres humanos não podem ser vistos nem como indivíduos a temer, como se fossem uma ameaça ou como indivíduos derrotados e arruinados. Assim também como a Natureza não pode ser vista como um recurso a ser explorado, mesmo que tais recursos fossem infinitos.

1.2 QUESTIONAMENTOS DE UMA ÉPOCA SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO

A busca por uma sociedade melhor tem sido muitas vezes alcunhada de “utópica” ou “ideal”, como algo impossível de realizar e concretizar efetivamente. É fato que a utopia e a realidade possuem significados bem divergentes uma vez que o inconformado, sonhador ou utopista se encontra nesse estado por não aceitar a realidade na qual se encontra, por não estar satisfeito com o seu mundo e, devido a isso, projeta, sonha, busca experimentar algo novo, que é comumente difícil de realizar dentro de suas condições.

Porém, como diz o diretor de cinema Fernando Birri¹⁴, a utopia serve para isso: para que os indivíduos não deixem de caminhar. Sendo assim, quando há uma compreensão entre o que é e o que deveria ser; entre o que está acontecendo, onde a humanidade se encontra e o que poderia ser pensado para tornar essa realidade melhor, é que surge a utopia, o momento em que por mais que seja difícil, que pareça impossível, não haja desistência e não se deixe de caminhar para alcançá-la. Afinal, se as utopias surgem em períodos de grandes incertezas e são sempre proposições para melhorar uma realidade, Harvey (2012) está certo quando diz que sem uma visão de utopia, não há como definir para que porto a sociedade poderia rumar. Sem ela, ocorre uma estagnação e a busca por uma evolução não teria sentido algum.

O termo “utopia” foi legitimado somente quando Thomas Morus publicou seu livro de mesmo nome em 1516, mas suas ideias estão presentes na mente humana desde os primórdios. A maioria dos projetos utópicos consistiu em projetos urbanísticos e modelos de sociedades ideais, como propostas de “paraísos terrestres”, e vários foram os exemplos de ideias e projetos que receberam o epíteto de “utópicas” devido à sua impraticabilidade na época. Contudo, todas foram importantes e forneceram bases filosóficas para que outras utopias pudessem nascer.

¹⁴ A frase é de autoria de Fernando Birri, mas ficou conhecida quando, em entrevista, o escritor chileno Eduardo Galeano, conta de um episódio em que eles estavam juntos realizando uma palestra em uma universidade e Fernando Birri foi questionado por um aluno que o perguntou: para que serve a utopia? E Galeano conta que ele respondeu da melhor maneira: “Ele disse que a utopia está no horizonte. Eu sei muito bem que nunca alcançarei. Que se eu ando dez passos, ela se distanciará dez passos. Quanto mais a procure, menos encontrarei, porque ela vai se distanciando quanto mais me aproximo. Pois a utopia serve para isso, para que eu não deixe de caminhar.” Eduardo Galeano. *El derecho al delirio*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z3A9NybYZj8>>. Acesso em: 02 jul. de 2016.

Segundo com Castelnou Neto (2011), as utopias passaram a falar de lugares diferentes a partir do século XVII, o qual apontava para ideais sociais, sistema de valores, nostalgias e esperanças. Foi nessa época que surgiram as utopias que consideravam que só no campo seria possível viver verdadeiramente, cultivar sentimentos puros e desenvolver instintos nobres. Enquanto a cidade ia se tornando cada vez mais adensada e o espaço, conseqüentemente mais desnaturalizado, o verde preservava intactos os traços mais preciosos do homem no campo. Isso porque, segundo Monestiroli (1993, apud CASTELNOU NETO, 2011), durante esse período pré-industrial, inúmeras transformações estavam ocorrendo derivadas da passagem da economia mercantil para a industrial no território europeu. O abandono literal do campo em direção ao centro urbano estava fazendo surgir as primeiras grandes cidades e os efeitos estavam sendo catastróficos.

Várias foram as mudanças e correntes do urbanismo utópico (como os modelos de Cidade-Jardim proposto por Ebenezer Howard, a Cidade Linear proposta por Arturo Soria y Mata, só para citar alguns modelos) até que na passagem do século XX as obras utópicas começaram a querer desvendar um futuro fantástico, no qual, conforme Castelnou Neto (ibid.) relata, os problemas urbanos e sociais seriam ou não finalmente resolvidos. Sendo assim a proposta mais contundente de integração entre cidade e natureza foi o modelo anglo-saxão apresentado pelas “cidades-jardim”, que também se deu devido à disseminação do salubrismo durante o século XIX juntamente com questões funcionalistas. Nesse mesmo período, as propostas urbanas centro-europeias guiaram-se através do idealismo racionalista, no qual a imagem recorrente era da “cidade máquina”, capaz de abrigar e modelar uma homogeneidade de modos de vida e de consumo; reduto do ciclo capitalista de produção e reprodução social. O mesmo autor aponta que não passavam de espaços abstratos, em que a apreensão da natureza era apenas um elemento superficial de composição urbana.

Nesse sentido, é possível salientar o fato da natureza passar a ter um valor de troca, não sendo mais um direito dos cidadãos, como afirma Henri Lefebvre, em sua obra *A produção do espaço*, o qual versa sobre a construção das cidades a partir dos interesses do capital, de forma que a natureza é transformada em um “produto” e, para poder acessá-la, se faz necessário que o cidadão possua capital disponível para sua aquisição:

Nos projetos urbanísticos os mais modernos, utilizando técnicas muito percebidas, tudo é produto: o ar, a luz, a água, o solo ele mesmo. Tudo é artificial e “sofisticado”; a natureza aí desaparece, salvo alguns sinais e símbolos; através desses símbolos ela não é senão “reproduzida”. O espaço

urbano se destaca do espaço natural mas recria um espaço a partir das capacidades produtivas. O espaço natural se torna um bem raro, ao menos em certas condições sócio econômicas. Inversamente a raridade se espacializa, se localiza. O que se rarefaz tem uma relação estreita com a Terra: os recursos do solo, do subsolo (petróleo), do sobressolo (ar, luz, volumes, etc.) e o que disso depende, produções vegetais e animais, energias (LEFEBVRE, 1991, p. 257).

Ou seja, o espaço, principalmente o natural, se torna objeto de consumo, um produto a ser comercializado, onde somente alguns indivíduos – os que possuem capital necessário para adquirir esses bens – podem, conseguem ter acesso. O espaço, a natureza se torna assim, um instrumento político que promove a luta de classes.

É importante destacar tanto o papel da natureza dentro desses ideais, bem como também a relação entre ela e a sociedade inseridas nessas propostas que visavam uma vida urbana de qualidade. Afinal, até os anos 1960, conforme destaca Porto-Gonçalves (2015), “a *dominação da natureza* não era uma questão, e sim uma solução – o desenvolvimento (PORTO GONÇALVES, 2015, p. 51).” É só a partir desse período que se coloca explicitamente a questão ambiental como algo urgente a ser tratado. A dominação, subjugação, a transformação dos recursos naturais segundo a lógica do capital se sobrepuja aos aspectos naturais da convivência, da interação, do equilíbrio, da teia da vida. É exatamente aí que surgem as utopias ecológicas devido à situação catastrófica das metrópoles e a alienação do homem contemporâneo.

De acordo com Castelnou Neto (2011), após a abertura interdisciplinar que ocorreu na área do planejamento urbano e o amplo desenvolvimento da geografia humana, que se processou entre as décadas de 1940 e 1950, os anos 1960 e 1970 foram marcados pela eclosão mundial de “tecnoutopias” (baseadas em parâmetros técnico construtivos a fim de criar espaços variáveis e multifuncionais) e, principalmente, das “ecoutopias”, as quais marcaram o quadro da evolução do pensamento utópico do século XX. Foi nessa época que a ideia de assentamentos humanos sociais e ecologicamente sustentáveis finalmente ganharam força a partir desses movimentos e, em especial, a Contracultura¹⁵, que apresentou ao mundo comunidades alternativas, fundamentadas no desejo de abandonar um modelo de vida dominante e apontar um possível caminho para a sustentabilidade urbana. Desde então, uma nova geração de arquitetos apresentou a utopia como resposta ao descontentamento produzido pela situação da arquitetura e urbanística modernas.

¹⁵ Contracultura é um movimento que teve seu auge nos anos de 1960 e contestava alguns parâmetros estabelecidos pelo mercado cultural, governos e movimentos tradicionalistas. Dessa forma, teve como características principais: a valorização da natureza, a vida comunitária, a luta pela paz, o respeito às minorias, o anticonsumismo, crítica aos meios de comunicação de massa como a televisão e discordância com os princípios do capitalismo.

O mesmo autor destaca que durante esse período também ocorreu o fenômeno social norte-americano denominado *Back-to-the-Land Movement*¹⁶, que revelou um aumento significativo do êxodo urbano nos EUA, quando as pessoas começaram a achar que, vivendo na cidade ou no subúrbio, faltava-lhes alguma familiaridade com os princípios básicos da vida, como fontes naturais de alimentação ou um maior contato com a natureza. Além disso, recusavam alguns aspectos negativos da vida moderna, como consumismo em excesso; falhas do governo e sociedade, como a Guerra do Vietnã; e preocupação crescente com a poluição do ar e água. Ao aspirar pelo mundo natural, os *back-to-landers* buscavam voltar a viver no campo, transformando-se em trabalhadores autônomos de uma indústria caseira, construindo sua própria casa, produzindo seu alimento e optando por fontes de energia alternativa. Esse foi o momento em que se difundiu as comunidades ecológicas em todo o mundo, que, segundo o autor supracitado, tenta associar elementos rurais e urbanos no intuito de organizar comunidades sustentáveis.

Ecovilas, comunidades alternativas ou ecológicas, ecoaldeias, independentemente do nome, o movimento previamente tímido está tomando cada vez mais espaço dentro do contexto de crise econômica, social, sistêmica, política, estrutural, etc. que a sociedade enfrenta. Afinal, tal qual declara Porto-Gonçalves (2015), nesses últimos 30-40 anos a sociedade está diante de uma “globalização neoliberal, de uma devastação do planeta sem precedentes em toda a história da humanidade, período em que, paradoxalmente, mais se falou de natureza e em que o próprio desafio ambiental se colocou como tal (PORTO

GONÇALVES, 2015, p. 20)”. Ou seja, é importante e fundamental entender a natureza do processo de globalização e de que modo esse processo implica ou não a globalização da natureza. Sendo assim, o autor assinala que desde os fins dos anos 1960 e início dos anos 1970, a humanidade começou a enfrentar um novo período histórico, uma vez que até essa época, a natureza era considerada uma fonte inesgotável de recursos e não havia limites para a dominação da mesma. A esse novo período tem-se associado ao nome de globalização, o qual Santos (2009) chama de “período-técnico-informacional”, momento de estabelecimento de novas tecnologias impulsionadas pela ciência que impõe novas formas de produzir e consumir ao mandato de grandes centros de investigação e/ou corporações. Esse período tem gerado, desde seu início, mudanças significativas na vida

¹⁶ Movimento de-volta-à-terra (Tradução nossa)

cotidiana e, associadas a outras questões emergentes como questões ambientais, qualidade de vida, crise do petróleo, etc., estão promovendo uma crise a nível mundial.

O mundo cabe na palma da mão e tudo está ao alcance do homem. Essa é a principal ideia difundida pela globalização, de um mundo homogêneo, sem fronteiras, onde a difusão instantânea das notícias informa todas as pessoas de forma igualitária e o tempo e o espaço são encurtados ao passo que o consumo é incentivado. Entretanto, Santos ressalta que:

Com essa grande mudança na história, tornamo-nos capazes, seja onde for, de ter conhecimento do que é o acontecer do outro. Nunca houve antes essa possibilidade oferecida pela técnica à nossa geração de ter em mãos o conhecimento instantâneo do acontecer do outro. Essa é a grande novidade, o que estamos chamando de unicidade do tempo ou convergência dos momentos. A aceleração da história, e o fim do século XX testemunha, vem em grande parte disto. Mas a informação instantânea e globalizada por enquanto não é generalizada e veraz porque atualmente intermediada pelas grandes empresas da informação (SANTOS, 2006, p. 28).

A globalização está estritamente ligada ao sistema econômico vigente, que, além de se apresentar cada vez mais excludente, vem gerando também desigualdade de oportunidades, esgotamento dos recursos naturais, desconexão da sociedade com natureza, padronização de uma vida mecanizada, consumo demasiado sem real necessidade, relações rasas e líquidas¹⁷, ansiedade, depressão, competições, escassez, etc. há anos. Ou como diz Tavares, “a sociedade tecnológica aumenta a capacidade de consumo do homem e aumenta o conforto material de sua vida, mas cada vez o imbeciliza e o escraviza mais. (TAVARES, p. 24)”. Diante dessa realidade, é natural que a sociedade comece a buscar novas alternativas para continuar vivendo e compartilhando o mundo uma vez que ela está em constante evolução, que pode estar relacionada tanto a questões individuais e íntimas (evolução espiritual, comportamental, sentimental, etc.) como também à uma visão maior e macro, com intenção de alcançar e beneficiar a todos, uma evolução coletiva, em sociedade.

Tudo isso tem relação direta com a ideia de progresso e desenvolvimento. Este último, de acordo com Porto-Gonçalves (2015), é, rigorosamente, sinônimo de “dominação da natureza”. Afinal, ele assinala que ser desenvolvido é ser urbano e

¹⁷ O termo “líquido” é inspirado no livro “Amor Líquido” do autor Zygmunt Bauman, na qual ele expõe sua análise de maneira simples e próxima do cotidiano, uma análise das relações amorosas e algumas particularidades do que ele chama de “modernidade líquida”. Segundo ele, vivemos tempos líquidos, nada é feito para durar, tampouco sólido. Os relacionamentos escorrem das nossas mãos por entre os dedos feito água.

industrializado, é ser tudo aquilo que nos afasta da natureza e coloca a sociedade diante de constructos humanos, como a cidade e a indústria. A ideia geral do desenvolvimento acabou se transformando numa meta a ser alcançada a qualquer custo, uma exigência que se tornou global, que acarretou a difusão de um modelo de sociedade padrão. A ideia de desenvolvimento está na ideia de que todos os povos, independentemente de sua origem, estão rumando para um mesmo caminho a fim de atingir uma certa maturidade pautada num modelo padrão, baseada na ocidentalização, o que tem gerado uma tremenda perda de diversidade. De forma geral, caminhar rumo ao movimento ecológico e optar pelos estilos de vida que seguem esse mesmo fluxo parece ir na contramão do que se chama de desenvolvimento. Porto-Gonçalves (2015, p. 66) destaca que “o desafio ambiental continua a nos convidar para a busca de alternativas “*ao* e não *de* desenvolvimento”. E são as lutas sociais que se travaram desde os anos 1960 que oferecem caminhos para possíveis resoluções. Enquanto isso, o economista equatoriano Acosta (2016) ressalta que o discurso sobre “desenvolvimento” foi estabelecido e se consolidou como uma estrutura de dominação bipartido entre desenvolvido e subdesenvolvido, pobre e rico, civilizado e selvagem, centro e periferia, avançado e atrasado, etc., tudo para alcançar o tal do “desenvolvimento”, tentando maximizar resultados baseando-se na eficiência e reduzindo custos para acumular capital, uma ideia de processo planejado para superar o atraso:

Negamos inclusive nossas raízes históricas e culturais para modernizar-nos imitando os países adiantados. Assim, negamos as possibilidades de uma modernização própria. O âmbito econômico, visto a partir da lógica da acumulação do capital, domina o cenário. A ciência e a tecnologia importadas normatizam a organização das sociedades. Neste caminho – de mercantilização implacável – aceitamos que tudo se compra, tudo se vende. Para que o pobre saia de sua pobreza, o rico estabeleceu que, para ser como ele, o pobre deve agora pagar para imitá-lo: comprar até seu conhecimento, marginalizando suas próprias sabedorias e práticas ancestrais (ACOSTA, 2016, p. 51-52)

Existe a possibilidade de relacionar a ideia de desenvolvimento à de modernidade. Ser moderno comumente significa ser desenvolvido e/ou estar em desenvolvimento. É inovar, estar aberto a mudanças, ao novo e às transformações. Por outro lado, o termo também pode estar associado à ausência de raízes e à instabilidade. Além de tudo isso, modernidade também determina um movimento cultural e, mais importante ainda, um período histórico que caracteriza as mudanças sociais, econômicas, culturais, etc. decorridas do Iluminismo. Ao espacializar a modernidade, é possível elencar vários exemplos, mas sem dúvidas, é a cidade, o ambiente urbano e metropolitano, o exemplo

mais característico. Segundo Haesbaert (2015), o símbolo máximo da modernidade são as áreas centrais das grandes metrópoles:

Corações que pulsam, dilatando-se e contraindo-se frente à obsolescência e renovação de suas periferias, recheados de torres de vidro e aço que se impõe qual símbolos fálicos a prenunciar a infinita potência da modernidade (HAESBAERT, 2015, p. 91).

O mesmo autor ainda relata sobre as redes de relações estabelecidas por essas metrópoles, que tendem a se dar recorrentemente em escala mundial, de forma que muitas vezes os indivíduos estão muito mais informados ou ligados emocionalmente a fatos que acontecem há milhares de quilômetros do que a outros que ocorrem com o vizinho. O espaço metropolitano é abrigo de ambiguidades e permite que seja vivenciado, ao mesmo tempo, ao nível de mundo e de lugar. Próximos ao mesmo tempo que distantes; presos, porém, livres; singulares, mas também universais. Dentro desse contexto, Santos (2006) sustenta a ideia de que a forma como a informação é oferecida à comunidade é uma das violências centrais da globalização, pois, as novas técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, ao invés de serem utilizadas por atores específicos e seus objetivos particulares, aprofundando assim os processos de perpetuação das desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

Haesbaert (2015) assinala que a vida moderna foi se encastelando cada vez mais através de enormes edifícios e fortalezas, guaritas, seguranças, mecanismos de triagem e seleção, muros, cercas e, fundamentalmente, pelo automóvel, o que ele chama de “a nova carapaça inexpugnável do homem moderno”.

Todo esse encastelamento, desconexão com o que está acontecendo ao redor, com o próximo, com a realidade na qual a sociedade como um todo se encontra está fazendo com que cada vez mais pessoas busquem alternativas diante dessa desconexão consigo, com o próximo e principalmente com a natureza. É perceptível que, apesar das grandes vantagens e conforto que a cidade proporciona, nem tudo anda correndo bem na vida urbana. Cada vez mais seus habitantes andam se perdendo uns dos outros e de si mesmos.

Estamos exaustos e correndo. Exaustos e correndo. Exaustos e correndo. E a má notícia é que continuaremos exaustos e correndo, porque exaustos-e correndo virou a condição humana dessa época. E já percebemos que essa condição humana um corpo humano não aguenta. O corpo então virou um

atrapalho, um apêndice incômodo, um não-dá-conta que adocece, fica ansioso, deprime, entra em pânico. E assim dopamos esse corpo falho que se contorce ao ser submetido a uma velocidade não humana. Viramos exaustos-ecorrendo-e-dopados. Porque só dopados para continuar exaustos-e-correndo. Pelo menos até conseguirmos nos livrar desse corpo que se tornou uma barreira. O problema é que o corpo não é um outro, o corpo é o que chamamos de eu. O corpo não é limite, mas a própria condição. O corpo é (BRUM, 2016).

Essa condição que a autora expõe foi construída com a modernidade, e consequentemente, com o desenvolvimento da ciência, da técnica, da economia, do capitalismo, que gerou competição, racionalização, individualismo, etc. A verdade é que, diferentemente do que a autora coloca, o problema não tem sido o corpo em si, a matéria, mas sim o ser, a mente. Há uma inquietação, uma incompletude do espírito, uma insatisfação constante que a mente não está mais suportando. O corpo é capaz de suportar, mas a mente não. O corpo só é através de uma perspectiva da mente, de um conceito.

Há algo estressante e desestabilizador em ação. Porto-Gonçalves (2015), logo no início do seu livro *A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização*, questiona:

Que destinos dar à natureza, à nossa própria natureza de humanos? Qual o sentido da vida? Quais os limites da relação da humanidade como planeta? O que fazer com o nosso antropocentrismo quando olhamos do espaço o nosso planeta e vemos o quão pequeno ele é e quando passamos a saber que, enquanto espécie humana, somos apenas uma entre tantas espécies vivas de que nossas vidas dependem (PORTO GONÇALVES, 2015, p.15)?

Apesar da humanidade estar diante do caos, ou seja, diante dos problemas não somente ambientais, mas políticos, sociais, da psique humana, etc., ainda há tempo de mudar hábitos, gestões, comportamentos, etc. a fim de conseguir continuar vivendo neste planeta de forma saudável. Não seria o caso aqui de culpar o avanço da tecnologia e não reconhecer as vantagens da aplicação do seu potencial técnico e científico, uma vez que ela tem feito grandes reparações e ajudado o ser humano em suas limitações, inclusive em alternativas de reparação aos estragos antrópicos ao meio ambiente, como por exemplo o “despoluidor de águas”, que, como o próprio nome diz, despolui águas contaminadas como de rios, açudes, lagos, etc. Entretanto, a questão que fica é: não seria mais sensato não poluir? Pois bem, neste caso, justifica-se dizer que se a tecnologia for bem orientada – o que no fato agora exposto seria utilizar a tecnologia para ajudar e incentivar as pessoas a criarem novos hábitos e comportamentos a fim de não poluírem as águas do planeta (através de projetos de educação ambiental, jogos educativos, por exemplo) –, ela tem potencial para produzir benefícios inestimáveis a fim de melhorar a qualidade de vida do ser humano, seus objetos, assim também como transportes, edifícios, espaços, etc.

Entretanto, não se pode deixar de lado o fato de que a tecnologia não está ao alcance de todos. Ela é um instrumento de poder que acaba por segregar quem tem e quem não tem acesso a ela. Um projeto de educação ambiental pode ser muito efetivo e tem competência suficiente para gerar somente resultados positivos. Todavia, enquanto o acesso for restrito às classes sociais específicas, ou aos territórios específicos, os frutos dessa atividade até podem mostrar resultados, porém também segregados. Dessa forma os frutos serão rios limpos somente para uma pequena parte da população mundial? Como reverter esse quadro?

Importante lembrar também que a tecnologia tem gerado malefícios à medida que tem dado poder aos que detêm do conhecimento e prestígio econômico para desfrutar do domínio sobre o mundo inteiro de forma negativa. A humanidade tem um poder imenso sobre ela mesma e tudo pode vir falir dependendo da maneira como esse poder é utilizado já que o crescimento tecnológico não foi acompanhado de um desenvolvimento do ser humano em relação à consciência, valores, responsabilidade, ética, sabedoria, etc.

Derrotar o capital seria uma medida um tanto complicada. Entretanto, outras formas de organização, novos padrões de sociedade e atitudes estão sendo experimentadas como, por exemplo, a negação de produtos de origem animal ou que fazem testes nos mesmos, negação de produtos que escravizam seus funcionários, moedas locais ou alternativas, reutilização de roupas e objetos para diminuir o descarte de resíduos, compartilhamento, o movimento *lowmerism*¹⁸, etc. de forma que, mesmo que a longo prazo, fábricas podem até começar a se fechar.

Uma das características do capitalismo é a acumulação de riqueza nas mãos de poucos e devastação de ecossistemas. Ou seja, é ótimo em gerar riqueza e péssimo para frutificar igualdade, cooperação, justiça. Nesse sentido, Acosta (2016) diz que:

O capitalismo demonstrou uma importante capacidade produtiva. Propiciou progressos tecnológicos substanciais e sem precedentes. Conseguiu inclusive reduzir a pobreza em vários países. No entanto, desencadeia sistematicamente processos sociais desiguais entre os países e dentro deles. Sim, o capitalismo cria riquezas, mas são demasiadas as pessoas que não participam de seus benefícios. (ACOSTA, 2016, p. 198)

Entretanto, a sociedade é vítima da cultura do capital, ou seja, extremamente consumista. Como mudar esse quadro? Novos hábitos, novos pensamentos, nova

¹⁸ *Lowmerism* é um termo que vem do inglês e une as palavras *low* (baixo, pouco) e *consumerism* (consumismo). Traduzindo ao pé da letra, seria algo como “consumir pouco” ou “consumo equilibrado”. O

educação. É preciso renunciar o que o mercado oferece e praticar novos hábitos que andam na contramão da mera acumulação de objetos e prazeres da compra. Não é uma tarefa fácil e pode-se dizer que os indivíduos estão relativamente atrasados nesse ponto. Derrotar o capital, mesmo que fosse facilmente possível não seria a solução porque a crise não é apenas do sistema econômico.

O processo da crise, de acordo com Santos (2006) é permanente e sucessivo. Trata-se de uma crise global, que pode ser evidenciada tanto por fenômenos globais como locais sempre em direção a um novo estágio de crise uma vez que nada é duradouro. Para o autor, a sociedade está inserida numa crise estrutural e, sendo assim, quando se busca soluções não estruturais, o resultado é a reprodução de mais crise. A crise que caracteriza o tempo atual, segundo o autor, além de econômica, é também social, política e moral. Sendo assim, como agir dentro dessa normalidade de crise na qual a sociedade se encontra e superar esse processo constante de luta pela sobrevivência? Se a crise também atinge questões morais e sociais e todas as crises estão interligadas, por onde se deve começar? O processo de crise não é novidade deste século. O físico ambientalista Fritjof Capra, logo no início do primeiro capítulo do seu livro *Ponto de Mutação*, o qual foi lançado em 1982, discorre:

As últimas duas décadas de nosso século vêm registrando um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade. Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e de toda a vida no planeta (CAPRA, 1982, p. 1).

Não se pode deixar de ressaltar o fato de que o período da citação acima está inserido no auge da Guerra Fria, onde imperava o medo sobre a ameaça constante de uma guerra nuclear advinda da excessiva produção de armas, as quais tinham (e ainda têm) capacidade enorme de destruições alarmantes e globais. Essa era uma das principais causas da crise na época, mas não a única. O autor também cita que, enquanto havia um enorme investimento em armamentos, havia também uma parcela significativa da sociedade subnutrida, sem acesso a serviços de saúde, à água potável, etc. sem contar as consequências que já estavam sendo notadas com os despejos de materiais tóxicos da produção e armamento nuclear no meio ambiente, o que afetou água, ar, alimentos, etc., ou seja, a saúde e bem-estar da humanidade. Seria possível citar aqui mais uma infinidade

de problemas, mas para o presente trabalho se faz necessário, nesse ponto, a percepção de que este momento aqui exposto, não está muito diferente da atual situação em que se encontra a sociedade.

Em seu livro o autor também fala sobre a crise de percepção, a qual a sociedade está enfrentando diante deste mundo globalmente interligado e que, devido a isso, não pode ser descrito de modo cartesiano, mas sim por uma perspectiva ecológica, a partir de um novo paradigma, de uma nova visão da realidade, que deixa de lado a visão mecanicista. Como disse Einstein, não se pode resolver um problema usando o mesmo tipo de raciocínio que causou esse problema. É devido a isso que é possível perceber – a partir de uma significativa parcela da população que está descontente e constantemente em luta por melhorias, contra um sistema segregador, manipulador, que anda na contramão do bem comum – uma insatisfação dos modos de vida padrão e, conseqüentemente, o surgimento de alternativas que superem essa crise. São novas tentativas que buscam novos valores, novos paradigmas.

Para Capra (1982), a crise atual não é apenas uma crise de indivíduos, governos ou instituições sociais, mas é uma transição de dimensões planetárias na qual os seres humanos, como indivíduos, como sociedade, como civilização e como ecossistema planetário, estão chegando a um momento decisivo. Diante disso, ele ressalta que toda a transformação que a humanidade está vivendo poderá gerar conseqüências maiores que as crises ocorridas no passado, dado que a realidade envolve todo o planeta e várias transições importantes estão coincidindo.

As crises não precisam ser consideradas experiências totalmente ruins. É certo que não são os melhores momentos para vivenciar, todavia, é possível aprender muito com esse processo e seu final tende a trazer uma mudança positiva. A etimologia e o significado minucioso da palavra, *crise* vem do grego *krisis*, que significa “escolha”. Já os chineses usam “wei-ji” como termo para “crise”, os quais significam “perigo” e “oportunidade”. No dicionário português, “crise” pode ser uma manifestação súbita de uma doença, uma fase difícil para evolução ou um ponto de transição entre uma época de prosperidade e outra de depressão (ou vice e versa). Analisando esses significados, encontra-se um ponto global: eles levam em direção à uma evolução que vem para o bem comum, seja por meio do perigo, da escolha, de manifestações ou oportunidade. De acordo com o autor supracitado, a humanidade está perto de ingressar em uma grande transição e precisa se preparar para tal, fazendo um profundo reexame dos principais valores de sua cultura e uma alteração nas relações sociais e formas de organização social, transformações que vão

muito além das medidas superficiais de reajustamento econômico e político que estão sendo considerados pelos líderes políticos de hoje.

É preciso um olhar atento àqueles que lutam por uma “nova velha” forma de lidar com a natureza. Muitos têm buscado, há anos, uma outra relação com ela diante das desconexões aqui apresentadas. Várias são as alternativas que têm sido experimentadas diante de todo esse contexto de crise. Estudar e discutir essas novas práticas é de suma importância para analisar a possibilidade de suas permanências, quais são suas possíveis alterações, contradições e o que esperar delas no futuro a fim de contribuir para uma sociedade que esteja cada vez mais consciente da sua própria natureza e da natureza ao seu redor. Para alcançar tal consciência e para que seja ecológica, Capra (1982) ressalta que ela só surgirá quando os seres humanos aliarem ao seu conhecimento racional, uma intuição da natureza não-linear de seu meio ambiente. E que essa sabedoria intuitiva é característica dos povos tradicionais, não letrados, especialmente as culturas indígenas, onde a vida foi organizada em torno de uma consciência altamente refinada do meio ambiente ao passo que a do restante da sociedade foi negligenciada o cultivo da sabedoria intuitiva. Seguindo o mesmo raciocínio, Leff (2001) explana que o “saber ambiental”, apesar de ser um saber enraizado na organização ecossistêmica da natureza, está integrado à ordem cultural:

O ambientalismo entra em diálogo com os paradigmas estabelecidos, busca seus campos de complementaridade e, a ponto de identificar-se com seu outro dominador no discurso do desenvolvimento sustentável, descobre a força transformadora de seu saber, sua pulsão vital e seu desejo de emancipação; reconhece a falta de conhecimento que impele a diferenciar-se e a não confundir-se com outros saberes. Por isso, o saber ambiental é desconstrução dos saberes consabidos e construção, a partir de sua alteridade, de novos conhecimentos, de novas utopias, de novos direitos e novas identidades que impulsionam a história para frente. (LEFF, 2001, p. 193)

Além da desconstrução de velhos paradigmas e construção de uma nova consciência, é importante notar que, apesar das fronteiras culturais, geográficas e econômicas entre os seres humanos, todos estão sob o mesmo planeta, sofrendo as mesmas consequências, por vezes em menor ou maior escala dependendo de várias circunstâncias. Todavia, mais cedo ou mais tarde a humanidade sofrerá as implicações se nenhuma atitude for tomada. A vida deve ser valorizada e, para tal, a discussão ambiental é necessária e urgente. Dessa discussão deve decorrer não somente proposições, mas, principalmente, ações e construções. Para tal, discutir a relação sociedade-natureza é indispensável e a geografia desempenha papel fundamental nessa construção uma vez que, conforme já foi ressaltado, é uma ciência de interface entre natureza e sociedade.

1.3 O MODELO DE ASSENTAMENTO HUMANO URBANO COMO PALCO DE DESISTÊNCIA

Não faz muito tempo que a maioria das pessoas viviam em zonas rurais, vilarejos, ou pequenas cidades. Várias foram as formas de moradia e de organização do espaço para atender as necessidades da sociedade. Os seres humanos, por terem necessidade de laços afetivos e sociais, percorreram séculos experimentando formas distintas de vida em assentamentos. Mas foi somente na Era Moderna que as cidades começaram a tomar maiores proporções e as pessoas foram forçadas a mudarem o estilo de vida. Um dos principais motivos para a então crescente urbanização das cidades é a ideia de que ela proporciona uma vida melhor que a do campo. De acordo com Tuan (2012), a supremacia da cidade como ideal sobre a vida rural está entrelaçada com o significado das palavras.

A “cidade”, para os filósofos e poetas, representou a comunidade perfeita. Os cidadãos viviam na cidade; os servos e os vilões viviam no campo. A cidade do homem, onde o bispo tinha a sua sede, era uma imagem de uma cidade de Deus: no campo longínquo ou sertão estavam os sertanejos e no distrito rural ou vila (*pagus*) estavam os campônios ou pagãos.

Diante desse contexto, muitos queriam fazer parte da cidade, da comunidade perfeita. Morar na cidade, cada vez mais moderna, industrializada, atualizada, cheia de serviços e facilidades fazia parte do sonho da grande maioria de moradores do campo, da zona rural, e muitos não hesitaram realizá-lo. Esse foi um dos motivos pelos quais as cidades foram ficando cada vez mais populosas e estas, como não estavam estruturalmente preparadas, tiveram que lidar com uma infinidade de problemas sociais, espaciais, culturais, econômicos e ambientais. Outro motivo refere-se ao avanço da agricultura e da mecanização do campo. Muitos partiram para a cidade devido à falta de alternativa, pois houve uma expulsão do pequeno agricultor, sem que este houvesse opção.

Na geografia, os espaços denominados *rural* e *urbano* são expressões se diferem em suas dinâmicas econômicas, culturais, sociais, estruturais, etc. De forma simples, o espaço rural refere-se ao conjunto de atividades primárias (extrativismo agricultura e pecuária) que são praticadas em espaços que reúnem tanto as áreas transformadas e cultivadas como também as áreas naturais, sem intervenções antrópicas. Já o espaço

urbano é totalmente antrópico, possui um elevado adensamento populacional, reúne atividades vinculadas ao terceiro setor (indústria e serviços) em uma área teoricamente delimitada, mas que tem se expandido cada vez mais com o crescimento desordenado das cidades. Ibáñez (2016), em seu artigo *Ressignificando a cidade colonial e extrativista*, diz que:

A cidade colonial instaurou no imaginário coletivo a ideia de que a civilização, a superioridade, são vividas nas cidades. Embora em grande parte de nosso período colonial tenha havido uma forte presença da vida em *haciendas* (quando as pessoas foram mais obrigadas a conviver, ainda que de forma tensa, com os indígenas), a cidade passou a ser o referente de poder e dominação, o centro da noção de civilização e superioridade, em contraposição ao rural, ao camponês, ao indígena, ao atrasado (IBÁÑEZ, 2016, p. 304)¹⁹

O autor relata ainda que a cidade ascendeu como um símbolo dominante, como um lugar privilegiado de distanciamento da Natureza, elevando-se como lugar do sucesso moderno, do progresso e do desenvolvimento. Dessa forma, ela acabou por se distanciar do camponês, a se opor ao rural. Apesar desse distanciamento, a cidade, por concentrar o consumo, acaba por depender da produção rural e, sendo assim, se apropria do extrativismo do campo. Além disso, a cidade também concentra o lixo e o descarta de volta ao campo, um dos motivos pelo qual o enfrentamento urbano versus rural perpetuasse.

O fenômeno da urbanização, ou seja, da aglomeração populacional nas cidades em decorrência do surgimento das sociedades industriais, teve início a partir da Revolução Industrial do século XVIII. Foi se intensificando devido as instalações das primeiras fábricas, as quais provocaram um grande êxodo rural uma vez que havia necessidade de absorção de mão de obra, assim também como a formação de mercados consumidores. Paralelamente a isso, as máquinas também invadiram o campo e acabaram dando início à mecanização da lavoura e expulsando os camponeses de suas terras. O processo de urbanização não ocorreu de forma igualitária ao redor do mundo, muito menos ao mesmo tempo. Ainda é possível encontrar lugares onde esse processo ainda está em andamento ou ainda nem aconteceu. O fato é que nos países onde o processo se sucedeu de forma mais lenta e tardia, a urbanização se efetivou sem planejamento, de forma desordenada,

¹⁹ Publicado originalmente em *Alternativas al Capitalismo/ Colonialismo Del Siglo XXI* (Quito: Fundação Rosa Luxemburgo; Abya Yala, 2013)

provocando assim, danos ao meio ambiente, sem contar a infinidade de problemas sociais, psicológicos, relacionais, culturais, econômicos, etc. resultantes desse fenômeno.

Essa urbanização tardia é definida por Porto-Gonçalves (2015) mais como um processo de desruralização ao invés de urbanização, ou seja, estamos diante muito mais de desfazer do rural do que da conformação do urbano. Segundo ele, a ideologia do urbano como “modelo de civilidade” não corresponde à realidade cotidiana onde estão 70% da população do planeta. Pois, dos quase 3 bilhões de urbanos, cerca de 924 milhões estão em favelas, e, dessa população favelada, 94% está na África, na Ásia, na América Latina e Oceania, segundo a ONU. Ou seja, a população vivendo em favelas no mundo, muitas sem os serviços urbanos mais básicos, é maior do que a população total dos países desenvolvidos. Nesses aglomerados das periferias, a população sente da maneira mais drástica a vulnerabilidade de doenças, a enchentes e a desmoronamentos. Isso faz com que a natureza se faça presente mais como morte e desastres do que como vida e esperança, distanciando e criando uma repulsa ainda maior dessas pessoas com o meio ambiente natural.

Nesse sentido, se faz necessário falar também sobre o atual modelo de produção e consumo, uma vez que estes são elementos que influenciam diretamente na dinâmica da cidade. Esse modelo não pode, de acordo com o autor supracitado, ser generalizado para toda a humanidade, mesmo que essa seja a proposição feita cotidiana e massivamente pelos meios de comunicação de massa como promessa de felicidade. Se com apenas cerca de 20% a 25% da população possuindo automóveis já faz com que todos sofram os efeitos do congestionamento, por exemplo, os efeitos dos 20% da população mundial que consome mais de 80% das matérias-primas e energia comercializadas atualmente no mundo são catastróficas. O estilo de vida do consumo material infinito é totalmente insustentável e, segundo Capra (2005), há uma estreita relação entre a destruição do ambiente natural nos países do Terceiro mundo com o fim do modo de vida tradicional e autossuficiente das comunidades rurais, uma vez que as mídias televisivas propagam imagens glamorosas da modernidade e do consumo como se fosse algo regular e padrão e de acessibilidade abrangente, sem mostrar as desigualdades e as reais consequências desse estilo de vida no planeta. São essas propagandas que fazem as pessoas acreditar que elas vivem em uma sociedade de abundância, mas na verdade, vivem a sociedade do desperdício, da escassez, da frustração, do estresse, da depressão, etc. As coisas mais importantes têm se tornado cada vez mais escassas, ao exemplo do ar e da água. A verdade é que, sem limites e consciência, não há como satisfazer a necessidade de todos. A

ideologia do consumo ainda é muito forte e uma mudança nesse sentido se faz necessária. Antes de mais nada, é importante ressaltar aqui que não está sendo apresentado nem sugerido a abominação radical do consumo como solução, mas uma provocação e proposição de reflexões sobre a realidade para então procurar, sugerir e praticar formas de alcançar um equilíbrio que não ocasione implicações para o mundo e, conseqüentemente, para a vida no planeta. De acordo com o exposto, Capello (2013), em seu livro *Meio Ambiente & Ecovilas*, onde ela compartilha sua experiência de sair da cidade de São Paulo rumo à uma ecovila no interior da cidade, versa que:

A humanidade só conseguirá superar a crise civilizatória que vive neste tempo se for capaz de livrar-se da ansiedade tóxica do consumo compulsivo, exacerbado, insaciável, que destrói em uma década o que a natureza leva séculos para produzir. Para isso, a medida certa é a da qualidade, não a de quantidade. O sustentável não é o muito, é o bem. (CAPELLO, 2013, p. 30)

É necessário compreender que o sistema econômico atual produz e vende incessantemente para gerar lucro, fazendo com que a sociedade acredite que precise, a qualquer custo, dos inúmeros produtos. Estes, de forma alguma são feitos para durar, mas para se tornar rapidamente ultrapassados (“obsolescência programada”), de modo que haja necessidade de comprar um novo. Dessa forma, há uma demanda de recursos naturais além da capacidade, além da geração de lixo. Isso mostra o quanto o capitalismo é suicida devido ao fato de não conseguir se manter sem prejudicar as condições normais necessárias para a vida da humanidade como bens naturais a longo prazo, segurança alimentar, clima equilibrado, etc.

É conveniente considerar dados e estatísticas a fim de entender como a presença e o crescimento da população urbana (e também da industrialização) impõe mudanças significativas no modo de organização do espaço em todo o mundo e pode influenciar na tomada decisões sobre o presente e o futuro do planeta. De acordo com o último Censo (2010), o Brasil tinha mais de 190 milhões de habitantes, onde 84 de cada 100 moravam em área urbana. De acordo com os estudos da ONU, este percentual deve subir para 90% em 2020. Dados oficiais como o último Relatório pré Habitat III²⁰ publicado pela ONU deixa claro que o modelo atual de urbanização é insustentável para os desafios associados

²⁰ O Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT) se estabeleceu em 1978, como resultado da Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos (Habitat I). Em outubro de 2016 acontece a Habitat III - Conferência das Nações Unidas para a Habitação e o Desenvolvimento Urbano Sustentável, onde o pre-relatório já foi anteriormente publicado como parte da preparação para a Nova Agenda Urbana.

à urbanização. Todo esse inchamento e novas dinâmicas das cidades faz com que para algumas pessoas ela se torne um lugar inabitável, cada vez mais indesejado, ou segundo Relph (1979), um lugar topofóbico, onde experiências de espaços, lugares e paisagens são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão. Ou como diz Dardel (2011), um lugar:

Às vezes arejado e opulento, às vezes miserável e repugnante, uma presença compacta, de onde pode nascer tanto a polidez particular que chamamos de “urbanidade” quanto os sobressaltos de revolta, motins que a história registra como reações próprias às populações urbanas (DARDEL, 2011, p. 27-28).

Hoje em dia, a grande maioria da população vive presa em seu espaço urbano e acaba se submetendo às organizações, regras e corporações que lhe são determinadas pelo capital, que o obrigam a permanecer dentro de um sistema para sobreviver, seguindo normas de uma vida baseada no consumo e no sucesso. Este último, também já pré estabelecido, não tem levado em consideração o fato de que “sucesso” possui significados diferentes para cada pessoa dentro de seus contextos. Porém, nesse meio é possível encontrar pessoas que não se contentam com a realidade prescrita e vão em busca de uma alternativa que propicie experiências enriquecedoras e valorosas, em comunhão com outras pessoas e com a natureza, buscando outras formas de organização de assentamentos humanos.

Essas outras formas de assentamentos humanos já encontram uma variedade interessante, são formadas por pessoas que foram estimuladas, de alguma forma, a se organizarem de outros modos fora do padrão na tentativa de praticar e proporcionar uma “nova” e melhor forma de viver. Tal variedade se define como “comunidades intencionais”, as quais são “formadas por pessoas que escolhem viver com ou perto o suficiente de outras para experimentar um estilo de vida compartilhado, dentro de uma cultura compartilhada e com propósitos comuns. (CHRISTIAN, 2007, p.18, tradução nossa)”. Esse estilo de vida tem sido cada vez mais procurado, conforme relata Christian (2003):

Mais e mais pessoas estão ansiando por mais “comunidade” em suas vidas; você pode ser uma delas. São pessoas que se sentem cada vez mais isoladas e alienadas, e querem algo mais satisfatório. Isso pode significar criar uma comunidade onde elas estão, ou pode significar que procuram comunidades intencionais residenciais. Isso inclui *cohousing*, casas compartilhadas, ecovilas, habitações cooperativas, comunidades de ativistas ambientais,

comunidades de comunhão cristã, comunidades rurais, e assim por diante ¹⁸
(CHRISTIAN, 2003, p. xvi).

Observa-se então a ocorrência de uma inversão do fluxo no que diz respeito à procura por uma vida melhor, uma vez que anteriormente esta acontecia do rural para a cidade e agora tem ocorrido do abandono dos assentamentos urbanos padrões para assentamentos por vezes rurais, por outras ainda dentro do própria ambiente urbano, mas prioritariamente com um contato maior com a natureza, procurando sempre causar o menor impacto socioambiental.

Existem várias alternativas para quem deseja abandonar os padrões estabelecidos dentro da cidade e toda a bagagem que muitas vezes vem atrelada a ela como por exemplo, carreira profissional que consome todo o seu tempo, o incentivo massivo ao consumo, a falta de acesso à alimentos não-industrializados ou orgânicos, falta de elementos naturais, falta de contato com a vizinhança, finanças, etc. Mais adiante este trabalho terá a oportunidade de mostrar, através das entrevistas realizadas com pessoas que abandonaram o estilo de vida das cidades, os motivos mais detalhados. Há também os que constroem comunidades na própria cidade, com o intuito de poder partilhar dos mesmos ideais, sejam eles espirituais, religiosos ou propósitos de vida. Para melhor entendimento, segue abaixo um panorama geral de alguns tipos de comunidades intencionais:

a) Cohousing: sem tradução para o português, pode ser denominado de mini comunidades. Christian (2003) explica que esta é considerada uma das mais populares formas de comunidades intencionais contemporâneas em crescimento. Em geral, elas são pequenas comunidades formadas por vizinhos de 10 a 40 famílias, as quais elas mesmas projetaram em conjunto, desenvolveram e conseqüentemente, gerenciam a comunidade. Os *cohousers* possuem cada um (ou família) suas próprias unidades habitacionais e dividem a posse de toda a propriedade, a qual geralmente é composta pelas unidades habitacionais e uma área em comum com cozinha para refeições em conjunto, espaço para reuniões, área para recreação infantil, etc. A decisão de morar nesse tipo de comunidade parte do princípio que essa é uma maneira mais “suave” de viver uma vez que estão, a todo momento, cooperando e partilhando um com o outro além dessa alternativa ser economicamente viável uma vez que os gastos são divididos e conseqüentemente, menores. Um dos principais motivos da opção pela cohousing deve ser a vontade de viver em comunidade e resgatar a união e cooperação entre os seres humanos. Elas podem estar localizadas tanto na área urbana ou rural. Ainda não existem cohousings estabelecidos no Brasil, mas existem grupos que estão no processo desta construção.

b) Casas compartilhadas/ habitações cooperativas ou *colivings*: foram inspiradas nas cohousings, porém são obrigatoriamente urbanas. É um processo que advém de um grupo de amigos que toma a iniciativa e decisão de compartilhar uma casa já existente, onde cada um possui seu quarto particular e dividem o resto das áreas comuns. Diferem também das repúblicas estudantis uma vez que a principal intenção não é economizar o aluguel, mas unir pessoas de todas as idades, formações e profissões a fim de compartilhar experiências, viver de forma comunitária a partir de uma organização não hierarquizada e estabelecer relações.

c) Comunidades Cristãs (ou de outras religiões): são comunidades que reúnem pessoas que se identificam pela mesma religião e espiritualidade.

d) Ecovilas: durante a construção deste trabalho, percebeu-se o quão difícil tem sido elencar uma definição que abrace sua complexidade. Os detalhes serão explanados no capítulo III - *Ecovila: velhos novos espaços de fuga*. Por enquanto, o importante é destacar que elas possuem um forte enfoque ecológico e podem ser urbanas ou rurais.

Atualmente é possível encontrar centenas de comunidades ao redor do mundo baseadas em sua maioria, na preservação da natureza, sustentabilidade, o bem-estar dos seus habitantes, educação livre, práticas espirituais de evolução, etc. São numerosos modelos de forma que não é possível elencar qual seria o mais “correto”. A única certeza é que elas são uma resposta ao modelo atual de desenvolvimento urbano e econômico, o qual tem se apresentado excludente e egocêntrico e, diante disso, pessoas têm tomado providências, se (re)organizado socialmente e se (re)produzido espacialmente em diversos lugares do mundo ao longo do tempo, tentando colocar em prática outras formas de relação consigo, com o próximo e com a natureza.

É crucial salientar que a cidade e consequentemente os modelos de assentamentos humanos urbanos, apesar das características aqui apresentadas, não são e não devem ser entendidos como um modelo a se evitar, mas um modelo a se reinventar, haja vista que muitas pessoas têm desistido de permanecer nela. Nesse contexto, Ibáñez (2013) convida a refletir sobre a esperança de viver na cidade e propor alternativas:

Dizem que prosperidade vem do latim *pro espere*, que significa “viver de acordo com a esperança”. Se observarmos esses modos de vida diversos, que habitam a cidade e a disputam, poderemos advertir a existência de muitas “prosperidades” que formam os imaginários sobre as cidades. A maioria delas não aparece no campo discursivo, inclusive dos setores que vivem de outras maneiras, porque há uma espécie de “pensamento único” sobre a cidade. Se conseguirmos abrir melhor nossas sensibilidades, poderemos identificar a pluralidade que habita a cidade. A partir dela poderemos reestruturar os imaginários sobre a cidade e propor alternativas. (IBÁÑEZ, 2013, p. 331)

Além disso, é necessário se atentar e relacionar, conforme o autor supracitado ressalta, a pluralidade à igualdade, haja vista que as cidades não são monoculturais e apresentam distribuição injusta dos bens e riquezas. O problema está no modo como a cidade tem se estabelecido, suas dinâmicas pré-determinadas, seus modelos que seguem um padrão independentemente do clima, da cultura e da especificidade do povo que o compõe, sua negação para com a natureza e sua oposição ao rural, apensar de sua dependência para com esta, como já foi citado anteriormente. O modelo de assentamento humano urbano como palco de desistência se apresenta como um espetáculo que chegou ao seu fim de temporada. É necessária uma nova roupagem, novos caminhos – ou a recuperação e/ou reformulação de caminhos tidos como obsoletos – devem ser seguidos: uma ressignificação desses modos, de forma a integrar e se conectar com o rural, deixando a separação, a negação e a distância de lado, recuperando uma reciprocidade saudável de complementariedade com a natureza, respeitando os ciclos desta, resgatando o espírito de comunidade e partilha, entre outras alternativas, pode ser considerado um caminho a seguir dentro da própria cidade. Trabalhar sobre a cidade é um desafio urgente, apesar de não ser o único e muito menos o central, pois é concomitante a outros tantos temas que se manifestam diante da crise ambiental, social, econômica e política que a sociedade enfrenta atualmente.

CAPÍTULO II: TRAJETÓRIA DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

"Se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente que se despertam consciências."

Jean de La Fontaine

TRAJETÓRIA DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por objetivo abordar a trajetória da pesquisa, começando pela explanação da metodologia elegida – a fenomenologia –, bem como as ferramentas utilizadas para o desenvolvimento deste, tendo como foco as entrevistas e a pesquisa de campo.

Para dissertar sobre a abordagem metodológica que possibilitou a pesquisa sobre a temática das comunidades intencionais, serão então apresentados os métodos, assim também como os instrumentos metodológicos. Estes são elementos importantes haja vista o fato de que possibilitaram um melhor aproveitamento da vivência do trabalho de campo, bem como das entrevistas realizadas, proporcionando fontes de conhecimento para análises das informações.

2.1 A FENOMENOLOGIA COMO ABORDAGEM METODOLÓGICA

A questão da escolha do método a ser utilizado dentro de uma pesquisa é um grande desafio, uma vez que é a partir dele que o pesquisador tem a possibilidade de traçar caminhos a serem seguidos, bem como também escolher as ferramentas metodológicas a serem utilizadas, que lhe servirão de auxílio na compreensão do objeto estudado. Nesse sentido, Spósito (2004), diante de seus questionamentos e também dos seus orientandos, diz que:

Para se conceber uma metodologia de ensino do pensamento geográfico é preciso, inicialmente, discutir o método científico. [...] o método não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar, mas como instrumento intelectual e racional que possibilite a apreensão da realidade objetiva pelo investigador, quando se pretende fazer uma leitura dessa realidade e estabelecer verdades científicas para a sua interpretação. (SPOSITO, 2004, p. 23)

A partir do pressuposto apontado por Spósito, é possível perceber a importância que o uso adequado do método é capaz de possibilitar ao investigador, sendo este um vetor que apreende os desígnios previamente estabelecidos. A escolha do método fenomenológico para estudar as comunidades intencionais se configura diante da necessidade de uma leitura imanente do investigador e do investigado.

Com base em no referido autor, o uso do método não se concebe isoladamente, ou de forma autônoma, mas necessita de arranjos para que sua utilização compreenda os campos necessários inerentes as pesquisas científicas, e assim enfatiza:

O método não existe como uma entidade simples e desconectada da realidade científica. Ele comporta, ao ser internalizado e utilizado pelo pesquisador, outros elementos. Esses elementos são, sem nenhuma preocupação de comparar suas importâncias, a doutrina, a teoria, as leis, os conceitos e as categorias. (SPOSITO, 2004, p. 55)

O pensamento deste autor segue uma estrutura lógica e coerente no tocante a formulação de traços a serem seguidos com o propósito de responder os questionamentos a partir da ciência. Os elementos elencados pelo autor são necessários para este caminhar científico com o intuito de tornar a pesquisa coesa.

Os questionamentos para a construção do presente trabalho, conforme mencionado na introdução dessa pesquisa, diz respeito a proliferação, nos últimos anos, do surgimento de comunidades intencionais devido ao fato de que a vida padrão estabelecida pela sociedade capitalista e globalizada tem se tornado cada vez mais atrofiada e antinatural, não respeitando a natureza e o ser humano. A escolha do método fenomenológico para explorar as organizações sociais e espaciais que vem (re)surgindo frente às crises da modernidade é de extrema importância uma vez que tal método tem permitido a compreensão dos motivos pelos quais uma boa parte da população mundial vem optando por métodos alternativos de viver e habitar.

Nesse meio, a ciência geográfica tem muito a colaborar, iniciando, como visto no capítulo anterior, pela relação entre o ser humano e a natureza, seja na qualidade de espaço de compreensão do próprio ser, compreensão existencial; mas também do espaço de vida, vivido, dinâmico, no qual a humanidade está inserida. Também colabora na compreensão dos acontecimentos atuais, do meio social e político em que a sociedade está inserida, de forma a ajudar a construir e discutir análises culturais, críticas e filosóficas. Dessa forma, essa pesquisa tem a possibilidade de estudo baseando-se nas análises teórico metodológicas elaboradas pela Filosofia, a partir da Fenomenologia.

A escolha desse método está atrelada ao fato de que o pesquisador, quando permeado por dúvidas e indagações, ao destacar ou escolher um determinado fenômeno, procura conhecê-lo, compreendê-lo, descrevê-lo e/ou interpretá-lo. Para realizar tais tarefas, o pesquisador precisa ficar em estado de alerta, acender os sentidos, ficar atento às percepções manifestadas ao redor, no ambiente, nas relações humanas e em si mesmo.

Sendo assim, a percepção é uma maneira que possibilita a compreensão do mundo, bem como do ser humano, através das relações, sentimentos e vivência do pesquisador. Na Geografia, a obra *Topofilia*, de 1980, do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, atua como um primoroso exemplo de que a percepção, bem como representações, atividades e valores do ser humano podem ser priorizados frente ao pensamento objetivo e científico ou teórico.

Neste caminho, a investigação deste trabalho está situada na linha epistemológica da Geografia Humanística, a qual, conforme Tuan (1976), é a linha que reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. Para o autor, a Geografia Humanística procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. Ou seja, é nessa linha que se estuda as experiências das pessoas e/ou grupos em relação ao espaço com o fim de entender seus valores e comportamentos.

Para compreendermos o fenômeno das comunidades intencionais e outras questões intrínsecas a ela, adotamos abordagens fenomenológicas e optamos pelo uso da metodologia qualitativa, uma vez que o objetivo do trabalho é obter a percepção e analisar o modo de vida das pessoas que moram, moraram ou tiveram, de alguma forma, algum contato íntimo com as comunidades intencionais. Através da análise profunda dos discursos dos entrevistados, tal metodologia pode nos ajudar a compreender os motivos que tem levado muitas pessoas a deixarem a vida nas cidades em busca de novas alternativas. Uma vez que a percepção e os sentidos são a porta de entrada para a relação do ser humano com o mundo ao qual se tem contato, se relaciona, vive, observa, percebe, etc., o método elegido tem por objetivo manifestar a visão de mundo dessas pessoas. Dessa forma, os discursos foram reunidos e analisados em categorias de assunto para melhor compreensão do todo.

O ser humano está em constante busca de um sentido para o que está sendo posto, apresentado e então, a partir disso, cabe a ele a reflexão. Se, conforme afirma Husserl, “a fenomenologia é a doutrina universal das essências em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 2000, p. 22), é possível dizer que a fenomenologia se preocupa com o conhecimento do mundo na forma em que se realiza, e também na visão de mundo que o indivíduo tem. Por ser um método que investiga a experiência do vivido, do cotidiano em que se vive, age, planeja, entre outros, ele é aplicado especialmente quando se tem a intenção de dar destaque para a experiência de vida das pessoas. Como o

presente trabalho anseia por mostrar a vida das pessoas que saíram da cidade em busca de novas alternativas – sejam elas em comunidades intencionais ou zonas rurais –, bem como discutir o que as têm levado à essa opção e apresentar quais são os espaços e relações sociais que estão sendo reorganizados a partir disso, não poderia ter sido escolhido método mais conveniente. Em seu livro *A ideia da fenomenologia*, Husserl questiona:

Como pode o fenômeno puro do conhecimento atingir algo que lhe não é imanente, como pode o conhecimento (absolutamente dado em si mesmo) atingir algo que não se dá em si absolutamente? E como pode compreender-se este atingir? (HUSSERL, 2000, p. 27)

Tal questionamento leva a refletir sobre como o “eu” é capaz de conseguir compreender o “outro”. Nesse sentido, Bello (2014), autora que estudou Edith Stein, discípula de Husserl, pode ajudar a entender como esse processo de entender o outro acontece:

Consigo mesmo compreender o que os outros estão vivendo. Com isso, vivo então a peculiar intuição, o particular vivido (vivência) que se chama *intropatia*, aquele *einfühlen* (*ein – fühlen*: sentir em) que me permite dar-me conta, sempre de fora e permanecendo eu mesmo, do que o outro sente ou experimenta, posso entrar, ao menos aproximativamente, na estrutura da sua vida psíquica. (BELLO, 2014, p. 22)

A fenomenologia pode contribuir no processo de empatia, de se colocar no lugar do outro, uma vez que os seres humanos, como seres dotados de sentimento e razão pode compreender o outro através de si mesmo. A empatia é a vivência da experiência alheia e a fenomenologia pode ajudar nesse processo se forem desconsiderados hipóteses e valores de julgamento. Esses são fatores muito importantes para esta pesquisa em desenvolvimento, pois as experiências de campo realizadas para tal pode, desde suas primeiras impressões, destacar alguns motivos pela escolha desse método.

A primeira visita de campo foi realizada no Condomínio dos Samurais, em Porto Velho (RO) e a segunda na Aldeia, em Itacaré (BA). As duas experiências foram desafiadoras devido ao fato de que, ao adentrar na comunidade a fim de compreendê-las e começar efetivamente a pesquisa, houve a surpresa de que elas não se reconheciam como ecovila, o que acabou desapontando, à primeira vista, a expectativa para a construção do trabalho. Entretanto, conforme o estudo sobre as comunidades intencionais foram progredindo, essa “falta de reconhecimento” como ecovila se tornou uma interessante questão para o desenvolvimento da pesquisa.

Dessa forma, ficou evidente que: ou a definição de “ecovila” não estava sendo compreendida pela pesquisadora, nem para as pessoas que ali moravam, ou a definição pela qual já é conhecida não estava de acordo com a realidade das comunidades intencionais visitadas e/ou outras existentes, as quais possivelmente poderiam se encaixar em sua categoria. Dessa forma, ficou notório que era preciso investigar, através de entrevistas com moradores de diversas comunidades intencionais, não só o que eles entendiam como ecovila, mas também buscar profundamente os motivos pelos quais eles estavam deixando a cidade em busca de construir e morar em comunidades intencionais, sendo elas consideradas ecovilas ou não.

Ambas as experiências, foram muito gratificantes e enriquecedoras. Foi de extrema importância para quebrar barreiras e julgamentos sobre a imagem do que “deveria” ser uma “ecovila”. É devido a isso que a fenomenologia foi de grande importância para a presente pesquisa, pois ofereceu a oportunidade tanto de compreender as próprias ideias como ser humano neste mundo, como também de se colocar no lugar do outro, neste caso, dos moradores de comunidades intencionais, para compreender as dinâmicas dos seus espaços. De acordo com as leituras de Bello, compreende-se que a experiência relatada aqui se assemelha muito ao fato de que:

Estamos vivendo algo que pode ser examinado na sua estrutura essencial: é dor, alegria, reflexão, e reconhecimento como tal aquilo que é vivido por mim. [...] aquilo que Edmund Husserl indica como noções complexas, como a de *epoché* ou retenção do juízo (colocar entre parênteses), além da de redução à essência e, por fim, a de redução transcendental. Trata-se do desenvolvimento histórico e, portanto, de uma reflexão sobre o que estou vivendo na tentativa de compreendê-lo, penetrando mais profundamente em mim mesmo, para colher, se é possível, como sou feito, qual é a minha estrutura como ser humano. Desse modo, apareço a mim mesmo, apresento-me como um “fenômeno”, no sentido etimológico da palavra, isto é, sou uma manifestação para mim mesmo. (BELLO, 2014, p. 14-15)

Sendo assim, através das experiências que foram possíveis realizar durante a presente pesquisa, houve a oportunidade de colher sua essência até onde foi permitido, de forma consciente. Muitas dúvidas foram sanadas, assim também como novos questionamentos surgiram durante a construção deste trabalho. É natural que quanto mais conhecimento se adquire, mais perguntas vão surgindo, tornando este um caminho sem fim, mas de grande importância, principalmente na vida de uma pesquisadora.

Por conseguinte, para a elaboração da presente dissertação, foram realizadas leituras, observações e análises em cima de materiais bibliográficos bem como das entrevistas coletadas e dos diários de campo.

2.2 FERRAMENTAS METODOLÓGICAS

Os instrumentos metodológicos que possibilitaram a compreensão das espacialidades e relações sociais das comunidades intencionais, assim também como compreender quem são as pessoas que estão em busca dessa alternativa e os motivos que estão levando-os a essa mudança, seguiu-se da seguinte forma: o trabalho iniciou-se com o levantamento e avaliação de bibliografia referente ao tema e temáticas próximas e disponíveis em bibliotecas, livrarias e na internet. Seguidamente, e durante o percurso do trabalho, foram realizadas pesquisas de campo através de visitas de campo a duas comunidades intencionais com o objetivo de compreender melhor como funciona o espaço e as relações entre os moradores, bem como a relação entre a vizinhança. Foram realizadas também entrevistas com diversas pessoas que moram em comunidades do mesmo perfil ou estão, de alguma forma, em estreita relação com tais comunidades a fim de entender quais são os motivos que tem levado as pessoas a essa escolha de vida e qual a visão de mundo que eles têm, bem como quais são seus sentimentos, crenças, reações, condutas frente à essa alternativa. Optou-se pelo uso da metodologia qualitativa em função dos objetivos que o trabalho propõe, e por compreender sua importância frente ao tema proposto, uma vez que essa metodologia possibilita a apreensão de percepções próprias do ser humano.

Nesse sentido, Lefebvre (2000), versa que:

Caso se queira trabalhar de modo qualitativo, os passos deverão ser diferentes. Deve-se, inicialmente, como diriam os fenomenólogos, “colocar entre parênteses” o conhecimento prévio sobre o tema. Isso posto, deve-se construir o instrumento que poderá ser um roteiro com alguns questionamentos (LEFÉVRE E LEFÉVRE, 2000, p. 12).

Seguindo, o mesmo autor diz que o conjunto de respostas a indagações sobre o tema que se propõe, gerará, para cada pesquisado, um discurso ou um pensamento encadeado discursivamente sobre o tema. O conjunto desses discursos comporá as

Representações Sociais sobre tal tema, ou na essência discursiva destas representações sociais, e o conjunto destas Representações, o imaginário existente sobre um dado assunto. A fim de definir o que é representação social, Jodelet (2001), diz que tal teoria é:

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Segundo Lefèvre (2000), para se conceber as Representações Sociais, basta entendê-las como a expressão do que se pensa ou se acha determinada população sobre um determinado tema. Este pensar tem capacidade de manifestar, dentre outros motivos, através do conjunto de discursos verbais emitidos por pessoas dessa população. Isso posto, para que este método seja eficaz, o pesquisador deve indagar individualmente as pessoas de um grupo que faz parte do que está sendo estudado, de modo que seus discursos verbais, podem ser analisados a fim de conhecer, de modo sistemático, estas representações sociais. Tais representações também podem aparecer em jornais, revistas ou outros meios de comunicação.

Para Costa Marinho (2015), as representações sociais são concebidas pela atividade simbólica e psicossocial do entrevistado como ser social que compreende o seu ambiente e expressa o seu pensamento. Dessa forma, o contexto histórico no qual são produzidas e comunicadas as entrevistas são de grande importância para sua interpretação. Por conseguinte, o investigador, ao questionar o investigado a partir dessa teoria, realiza questões da ordem de comportamento, dos valores, da percepção, da conduta, do afeto, etc.

Na Teoria das Representações Sociais, conforme relata Lefebvre *et al.* (2000), é importante destacar que os indivíduos (os entrevistados) não podem, como acontece convencionalmente na pesquisa social, serem identificados nominalmente com seus discursos, como se um conjunto de indivíduos pudesse corresponder a um dado tipo de discurso ou vice-versa. Para o autor, “uma coisa são os discursos; outra, os indivíduos” (LEVÉFRE, 2000, p. 34). Nesse contexto, diz que:

[...] podemos dizer que o pensar dos indivíduos atuando e interagindo no dia-a-dia da vida social, tanto no plano sincrônico quanto no diacrônico,

expressasse através de uma série de conteúdos que, reunidos, acabam, juntamente com outras fontes discursivas, conformando o meio ambiente ideológico, do qual cada pessoa ou grupo de pessoas, vivendo na formação social, nutre-se e embebe-se de forma natural e espontânea, para pensar e emitir seus juízos particulares, dar explicações ou justificativas sobre os mais variados temas [...] (LEVÉFRE, 2000, p. 24).

De acordo com o exposto acima, Lefebvre propõe a reflexão sobre o fato de que a compreensão do tema investigado não deve vir somente através do conteúdo verbalizado dos entrevistados. Isso porque além de suas verbalizações, existe também o que eles pensam e não dizem, o que está em seus pensamentos diante da cultura no qual estão inseridos, bem como, entre outros, das relações sociais que essas pessoas construíram e constroem ao longo do tempo. Portanto, o pensamento de um indivíduo pode ser complementado por aquilo que outros indivíduos socialmente equivalentes verbalizam por ele.

Dessa forma, por compreender, no decorrer da pesquisa e através das entrevistas, que os indivíduos pertencentes ao universo das comunidades alternativas têm muito em comum, foi possível captar, através de suas falas, um discurso quase uníssono, o qual foi complementado através de outros meios de comunicação²¹ que circulavam nos anos 1980 entre algumas comunidades.

2.2.1 ÁREA DE ESTUDO

De modo geral, as comunidades intencionais não são de fácil acesso geográfico, ou, no caso da região Norte, onde a pesquisadora reside e estuda, não existia, ao princípio, em quantidade relevante se comparada a outras regiões como Sul, Sudeste e Nordeste, onde estão localizadas a maioria dessas comunidades. Entretanto, conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, foi possível encontrar duas iniciativas de comunidade no Estado do Pará. Todavia, ainda assim, o Norte do país encontra uma dificuldade muito grande de acesso aos estados de sua própria região. Dessa forma, pela dificuldade de alcance geográfico e também por compreender, conforme o aprofundamento sobre o tema, que

²¹ Como por exemplo, as revistas Comum-Unidade, disponível em <<http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PCOUNRJ061982005.pdf>> e <<http://docslide.com.br/documents/revista-comum-unidade-4-parte-2.html>>. Acesso em 27 de Agosto de 2016.

independente da região na qual se encontrem, essas comunidades não seguem um estilo específico padrão (de vida, moradia, práticas, relações, política, etc.), mas sim, cada uma, conforme suas próprias visões e perspectivas, não haveria como vivenciar cada comunidade em particular para a construção deste trabalho.

Compreende-se também que, possivelmente, eleger uma comunidade específica para vivenciá-la e experienciá-la poderia ser uma alternativa para a elaboração dessa dissertação. Entretanto, a experiência nas comunidades Aldeia e Condomínio dos Samruais, foram cruciais – por diversas razões que serão relatadas no próximo capítulo – para a escolha de mostrar e desvendar a pluralidade dessas comunidades, entrevistando pessoas de diferentes lugares. Como o movimento tem se mostrado cada vez mais heterogêneo, entende-se que quanto maior a diversidade das pessoas e lugares que forem reveladas, mais riqueza se torna possível trazer para a produção deste trabalho. Quando se fala de diversidade entre as comunidades, a intenção não é indicar que elas sejam diferentes em sua totalidade, todavia, pelo fato de estar lidando com espaços e relações construídas por atores que diferem em cultura, classe social, origem, educação, idade, experiências, etc., é possível encontrar e identificar muitos aspectos em comum, principalmente, conforme será possível verificar nas entrevistas, no que diz respeito aos motivos que os têm levado à mudança de vida.

Dessa forma, optou-se por entrevistar pessoas de comunidades intencionais ou projetos relacionados ao tema que morassem ou tivessem alguma relação com o Brasil. A seguir, um mapa de localização dos entrevistados para compreender a abrangência de suas localidades.

Figura 4 - Localização dos entrevistados no Brasil



DURAN, Elenice Silva, 2016.

2.2.2 SUJEITOS PESQUISADOS E A METODOLOGIA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A problemática que definiu a questão central da presente pesquisa está no fato de que cada vez mais pessoas estão deixando as cidades e ambientes urbanos a fim de construir novos espaços e relações em ambientes rurais, formando, em sua maioria, as comunidades intencionais. Dentro disso, buscou-se discutir e analisar: a desconexão do ser humano com a natureza que vem ocorrendo ao longo do tempo, o atual contexto social e econômico em que a sociedade está inserida, bem como as aspirações do ser humano frente a esses contextos e também os novos espaços e relações que estão sendo organizados como alternativa.

Todas as entrevistas foram recolhidas e transcritas para a compilação e análise dos resultados, sem nomenclatura, com o objetivo de não os vincular às suas respectivas identificações. De modo geral, o perfil dos entrevistados compõe-se de jovens entre 25 e 35 anos; apenas um apresenta idade de 54 anos, maioria de nacionalidade brasileira, sendo um de nacionalidade holandesa.

Sendo assim, para a construção deste trabalho, foram realizadas: a) duas entrevistas in loco (na comunidade intencional); b) três entrevistas com pessoas que foram indicadas, por morarem em comunidades intencionais ou fazerem, de alguma forma, parte do movimento e c) sete entrevistas com pessoas que, a partir de pesquisas feitas pela internet, foram selecionadas por fazerem parte de comunidades intencionais ou de algum projeto ou iniciativa relacionada ao tema.

Com exceção das entrevistas in loco, as demais foram realizadas através de ligações via *Skype*²², após agendamento prévio com os participantes, onde foi possível, por meio de um roteiro semiestruturado, gravá-las para posteriores transcrições e análises. O roteiro foi usado com o intuito de guiar alguns pontos específicos de interesse, pois o entrevistado tinha liberdade para responder de forma aberta e natural. Sendo assim, como resultado, obteve-se entrevistas que se assemelharam muito a conversas informais, o que foi ainda mais interessante, gerando como resultado alguns assuntos dos quais ainda não haviam sido cogitados.

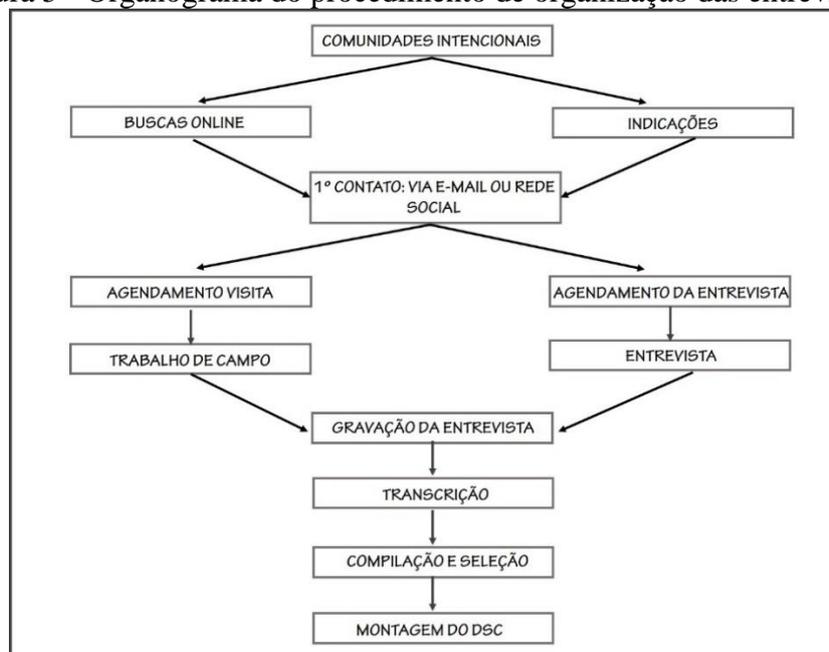
²² *Skype* é um software que possibilita comunicações de voz e vídeo via Internet, permitindo a chamada gratuita entre usuários em qualquer parte do mundo.

Sistematizar uma entrevista é de grande importância a fim de escolher e seguir um caminho durante o percurso do trabalho, entretanto, sair sutilmente dessa sistematização também pode trazer surpresas importantes de forma a agregar a pesquisa. O roteiro teve como base as seguintes perguntas:

- a) Qual é a sua história? Onde nasceu e como foi sua trajetória até chegar à comunidade intencional (ou área rural)?
- b) Qual foi o motivo que te levou a sair da cidade em busca de morar no campo?
- c) O que a comunidade significa para você? O que ela te transmite, quais são suas impressões do lugar?
- d) Quais as semelhanças e diferenças entre morar na cidade e na comunidade?
- e) Você consegue identificar alguma contradição no seu modo de viver na comunidade (ou área rural) em relação ao modo de viver na cidade?
- f) Como essa mudança para a comunidade, juntamente com as práticas intrínsecas a ela (bioconstrução, agrofloresta, partilha de bens materiais, etc.) pode se tornar mais acessível social, econômico e educacionalmente falando?
- g) Como se deu e se dá a questão financeira nesse meio? Como você e sua família se sustentam?

O procedimento da organização das entrevistas foi feito da seguinte forma:

Figura 5 - Organograma do procedimento de organização das entrevistas



FONTE: MORÃO, Regina C. G., 2016

Para obter respostas autênticas dos entrevistados, Lefebvre et. al. (2012) sugerem a elaboração técnica e criativa dos instrumentos de pesquisa social, considerando a natureza do tema pesquisado e dos atores sociais envolvidos. Uma alternativa está em compor pequenas histórias ou casos onde seja possível verificar os principais aspectos do tema, seguidos da pergunta que implica o objetivo. Sendo assim, o Quadro 1 a seguir, demonstra esse procedimento de sistematização e organização do tema problematizado, bem como dos objetivos que se pretende obter através das perguntas que foram elaboradas para a presente pesquisa, a fim de produzir um material discursivo para posterior análise:

Quadro 1 - Relação entre o tema problematizado, os objetivos e as perguntas

TEMA	OBJETIVOS	PERGUNTAS
Processo de vida do entrevistado.	Entender o processo de vida da pessoa a fim de compreender quais os motivos a (o) levaram a mudança de estilo de vida e optar por viver em alguma comunidade intencional ou ter algum tipo de relação com esse meio.	Qual é a sua história? Onde nasceu e como foi sua trajetória até chegar à comunidade intencional (ou área rural)? Qual foi o motivo que te levou a sair da cidade em busca de morar no campo?
Percepção do lugar.	Conhecer a percepção da (o) entrevistada (o) sobre o ambiente em que vive, bem como sua relação com o lugar, quais são as impressões e sentimentos que afloram quando está em comunidade ou simplesmente morando mais perto da natureza.	O que a comunidade significa para você? O que ela te transmite, quais são suas impressões do lugar?
Diferença entre as dinâmicas do viver na cidade, como a maioria das pessoas, e viver em comunidade e/ou no ambiente rural.	Entender se a (o) entrevistada (o) sente falta da dinâmica da cidade e se a mudança de estilo e dinâmica de vida (o viver em comunidade e em contato com a natureza) condiz com os propósitos que buscavam ou buscaram.	Quais as semelhanças e diferenças entre morar na cidade e na comunidade? Você consegue identificar alguma contradição no seu modo de viver na comunidade (ou área rural) em relação ao modo de viver na cidade?
Acessibilidade financeira, educacional e social.	Entender se, na visão da entrevistada (o), esse estilo de vida só pode ser experimentado por pessoas que financeiramente conseguem optar por essa escolha e/ou se há meios disso se tornar, de alguma forma, mais acessível aos todos, independentemente de condição social, financeira, educacional, etc.	Como essa mudança para a comunidade, juntamente com as práticas intrínsecas à ela (bioconstrução, agrofloresta, partilha de bens materiais, etc.) pode se tornar mais acessível social, econômico e educacionalmente falando? Como se deu e se dá a questão financeira nesse meio? Como você e sua família se sustentam?

Fonte: COSTA MARINHO, p. 97, 2015. Adaptada pela autora.

A teoria das Representações Sociais é fundamentada por algumas técnicas, uma delas é o Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, o qual foi escolhido neste trabalho a fim de analisar os dados das entrevistas realizadas. O DSC tem a intenção de elucidar, através da descrição, uma dada representação social, ou seja, o que pensa uma coletividade sobre o que está sendo perguntado/pesquisado. Para Lefebvre et. al. (2003):

O Discurso do Sujeito Coletivo ou DSC é isso: um discurso síntese elaborado com pedaços de discursos de sentido semelhante reunidos num só discurso.

Tendo como fundamento a teoria da Representação Social e seus pressupostos sociológicos, o DSC é uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos que resolve um dos grandes impasses da pesquisa qualitativa na medida em que permite, através de procedimentos sistemáticos e padronizados, agregar depoimentos sem reduzi-los a quantidades.

A técnica consiste basicamente em analisar o material verbal coletado em pesquisas que tem depoimentos como sua matéria prima, extraindo-se de cada um destes depoimentos as Ideias Centrais ou Ancoragens e as suas correspondentes Expressões Chave; com as Ideias Centrais/Ancoragens e Expressões Chave semelhantes compõe-se um ou vários discursos-síntese que são os Discursos do Sujeito Coletivo.

Em uma (sic) palavras, o DSC constitui uma técnica de pesquisa qualitativa criada para fazer uma coletividade falar, como se fosse um só indivíduo.

(LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003²³)

Nessa metodologia, a impressão é de que os discursos acabam se anulando ou sendo reduzidos a uma categoria unificadora, mas Lefebvre *et al.* (2000) dizem que o que se busca é fazer o contrário, ou seja, através de pedaços de discursos individuais, reconstruir, assim como em um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue ser necessário a fim de expressar um pensar, uma figura representativa, uma representação social sobre um fenômeno. No caso da presente pesquisa, se busca compreender o que pensam e expressam os sujeitos que optaram por sair da cidade em busca de um estilo de vida mais conectado consigo, com a natureza e com os demais seres. O que essas pessoas, que tem relação ou moram em comunidades intencionais ou simplesmente se mudaram para a zona rural, estão buscando, encontrando, quais são seus desafios, esperanças, crenças, etc.

Para compreender as figuras que compõem o DSC, o mesmo autor explica que a **ancoragem** (AC) está sempre presente em quase todo discurso, uma vez que este se encontra sempre alicerçado em pressupostos, teorias, conceitos e hipóteses que existem na sociedade e na cultura do indivíduo entrevistado. Já a **ideia central** (IC) pode “ser entendida como a(s) afirmação(ões) que permite(m) traduzir o essencial do conteúdo discursivo explicitado pelos sujeitos em seus depoimentos (LEFÈVRE, 2000, p. 18)”. Por fim, as **expressões-chave** (EC) são as transcrições literais de partes dos depoimentos. Estes permitem o resgate essencial do conteúdo discursivo dos segmentos que dividem o depoimento. Para compor um DSC não se faz necessário a utilização de todas as figuras ao mesmo tempo, tudo depende do tipo de pesquisa e da preferência do pesquisador.

²³ Disponível em: <http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/Discurso_o_que_e.htm>. Acesso em 8 de agosto de 2016

O DSC funciona como uma tática metodológica que tem a intenção de dar luz e tornar mais nítida uma dada representação social, mas de uma forma mais real, viva, através dos discursos dos entrevistados. É a partir desses discursos, conforme assinalam os autores supracitados que se começa a elaboração do DSC, seguindo de um trabalho analítico de decomposição daqueles, selecionando as principais ancoragens e/ou ideias centrais que se manifestam em cada um dos discursos individuais e em todos eles reunidos. Dessa forma, a análise termina sob uma forma sintética, onde se busca a reconstituição discursiva da representação social. De acordo com Costa Marinho (2011), para os autores do DSC, ocorre tanto a união ou soma das representatividades sociais de sentido semelhante que o discurso coletivo evidencia/enuncia, como também, caso seja identificado, o destaque de uma ideia que seja individual, a qual também é representada uma vez que nessa metodologia nenhuma ideia ou pensamento é descartado.

Existem várias formas de se construir um DSC. Para a presente pesquisa, a partir dos depoimentos dos entrevistados, foram identificadas algumas Ideias Centrais, as quais foram consideradas importantes e essenciais para a discussão desta pesquisa. Seguindo assim, será possível compreender o que o conjunto de pessoas que fazem parte, de alguma forma, de comunidades intencionais, pensam, sentem, aspiram, etc. É através dessa metodologia que será viável uma possível compreensão sobre como se dá o direcionamento do pensar dessas pessoas.

CAPÍTULO III: ECOVILAS: VELHOS NOVOS ESPAÇOS DE FUGA

*Eu quero morar
Numa casinha feita à mão
Numa floresta onde eu possa plantar o que eu quiser
E andar de pé no chão*

*Com o cuidado do facão
Apagar a ilusão de que
O que é bom é o que produz demais
Confiar na natureza, sem manchar sua beleza
Com veneno e "outras cosas mas"*

*Ter uns oito cachorros pra fazer a festa
Bem logo, assim que eu chegar
Sem ócio ou moleza
Curtir com firmeza
Aquilo que a terra me dá*

Nanan

ECOVILAS: VELHOS NOVOS ESPAÇOS DE FUGA

Durante a trajetória desta pesquisa, várias foram as surpresas diante do assunto em torno das comunidades intencionais. O tema “ecovilas” havia sido eleito como foco principal deste estudo até o momento em que este viabilizou possibilidades para uma discussão mais abrangente. Isso ocorreu, primeiramente, pelo fato de que as “ecovilas” fazem parte de um movimento maior, as comunidades intencionais, e, dentro destas, existem tantos outros formatos de comunidade além das ecovilas, conforme já foi explicado anteriormente. Em segundo lugar, isso se procedeu porque a discussão acerca das ecovilas está além de suas espacialidades, número de moradores, formas de se organizar e/ou técnicas construtivas. O movimento de comunidades intencionais é uma iniciativa que, em essência, na sua teoria, busca um mundo melhor diante de tantos problemas sociais, econômicos e ambientais que a humanidade vivencia hoje. Diante disso, se faz necessário explicar o percurso de sua história e suas definições a fim de um entendimento maior sobre esse meio, e também para que ideias e práticas errôneas do movimento sejam cada vez menos reproduzidas. Todavia, antes de discutir o conceito, entende-se como necessário que o relato das experiências de campo seja primariamente apresentadas, as quais ocorreram em duas comunidades. Uma vez relatados tais experimentos, será possível compreender a importância da discussão e definição de ecovilas presentes neste trabalho.

3.1 RELATOS DO DIÁRIO DE CAMPO

Antes de entrar na discussão do conceito e história das ecovilas, bem como buscar entender como se organizam, é importante relatar as experiências que fazem parte do campo de pesquisa para a construção deste trabalho. Além das experiências ao longo da vida da pesquisadora, durante o percurso deste estudo, foi possível visitar duas comunidades intencionais: o Condomínio dos Samurais, em Porto Velho (RO) e a Aldeia, há 10 km de Itacaré (BA).

Antes de se alojarem definitivamente no Condomínio, eles moraram juntos em uma casa alugada no centro da cidade. As pessoas do grupo que tinham disponibilidade se dedicavam a trabalhar diariamente no terreno, no plantio, na construção da primeira casa, etc. A construção foi uma fase de grande aprendizado e muito trabalho. Como eles não tinham acesso à energia nem água encanada, eles saíam de carro até o bairro mais próximo para realizar alguns trabalhos que necessitavam de energia como cortar telhas para acabamento ou pedaços de madeira e voltavam. Atualmente o condomínio tem 15 anos desde sua primeira construção. São várias casas espalhadas pelo terreno. Cada família tem sua casa particular ou está em fase de construção da mesma.

A primeira construção do condomínio foi uma cabana, chamada carinhosamente pelos moradores de “Cabana do Príncipe”. Tal cabana serviu de base para a construção das casas. Existe também a “Cabana do Rei”, que foi construída posteriormente para se reunirem e beberem o vegetal. Importante destacar que a construção das casas foi feita pelos próprios moradores, conduzido pelo seu mestre, que além de ser o mestre do grupo tanto no karatê como na filosofia de Gurdjieff, era também um mestre de obras nesses momentos de construção. Em geral as construções do Condomínio seguem levemente alguns traços da arquitetura japonesa.

Foto 1- Entrada do Condomínio dos Samurais



Fonte: Disponível em: <<http://beneditonelson.blogspot.com.br/search/label/Condom%C3%ADnio%20dos%20Samurais>>. Acesso em: 19 de junho de 2016

Foto 2 - Estrada da entrada do Condomínio dos Samurais



Fonte: Disponível em: <<http://beneditonelson.blogspot.com.br/search/label/Condom%C3%ADnio%20dos%20Samurais>>. Acesso em: 19 de junho de 2016

Foto 3- Detalhes da arquitetura japonesa



Fonte: Disponível em: <<http://beneditonelson.blogspot.com.br/search/label/Condom%C3%ADnio%20dos%20Samurais>>. Acesso em: 19 de junho 2016

Apesar de cada família possuir sua própria casa dentro do condomínio, os moradores dividem tanto seus espaços “particulares” como também um espaço localizado na entrada do Condomínio, o chamado “Tori”, onde praticam as chamadas “danças

sagradas”, reuniões, karatê e outras atividades. Eles também promovem aulas gratuitas de karatê aos domingos para a comunidade vizinha, prática onde focam principalmente, além do esporte, o desenvolvimento da pessoa como ser humano. Por estarem grande parte do tempo juntos, estão planejando construir uma área de lazer onde possam desfrutar em comunhão. Eles já produzem alguns alimentos na horta e tem intenção de aumentá-la, para poderem se alimentar sem agrotóxicos. Além disso, um dos seus projetos que está em andamento é a instalação de um canteiro de plantas medicinais a fim de desenvolver práticas da medicina natural.

Como qualquer grupo de pessoas, relações são fortalecidas ou enfraquecidas no decorrer do tempo. O grupo passa a maior parte do seu tempo junto e algumas dessas pessoas vieram casadas do Rio de Janeiro. Conforme o tempo foi passando, novos casais se formaram e outros se separaram, mas isso não fez com que os laços de amizade e da própria comunidade fossem rompidos, apenas reestruturaram seus espaços ou construíram novas espacialidades dentro do espaço comum que compartilham.

O grupo tem uma rotina baseada na filosofia que os une. Semanalmente se reúnem às segundas feiras para discutir as coordenações do condomínio, o que precisa ser feito, no que precisam de ajuda um do outro, qual a tarefa de cada um da semana, etc. Os moradores se dividem em “coordenações”, algumas são mensais e outras anuais e cada morador gerencia uma coordenação que muda conforme a necessidade e consenso do grupo. Eles também se organizam conforme o que eles chamam de “programação”: no dia anterior, os moradores avisam seus horários de saída e chegada para que possam se dividir nas caronas e ter segurança de quem entra e quem sai do Condomínio.

Todas essas organizações e divisões de trabalho estão relacionadas à filosofia de Gurdjieff, ao Karatê e também à religião União do Vegetal. Toda manhã eles praticam as danças sagradas, conhecidas como Movimento de Gurdjieff. A proposta não é ser somente um grupo que vive junto socialmente. Todas essas coordenações e trabalhos tem um objetivo maior: poder gerar experiências para as pessoas, que possam se conhecer melhor, proporcionar o autoconhecimento. A tônica do trabalho está no fato de que os seres humanos, são pessoas extremamente mecânicas e, seguindo dessa forma, não existe consciência do que se está fazendo e vivendo. Sendo assim, os ensinamentos de Gurdjieff servem para mudar esse estado automático a fim de dirigi-lo para a lembrança e consciência, a fim de que se registre e aproveite o momento presente.

Apesar de o grupo ter nascido no Rio de Janeiro e se mudado para Porto Velho, hoje o condomínio não é formado apenas por cariocas. Como eles praticam Karatê e

realizam cursos do trabalho de Gurdjieff, algumas pessoas adentraram a comunidade por esses caminhos, entretanto, a partir do consenso do grupo formador. Outro ponto importante a destacar é que a mudança radical que os moradores advindos da capital carioca tiveram que enfrentar, uma vez que saíram de uma metrópole para morar numa zona relativamente ainda rural de Porto Velho, houve toda uma fase de adaptação.

O Condomínio dos Samurais nasceu pela vontade de estarem compartilhando a filosofia e suas práticas em união. A escolha do terreno e tudo que ele se tornou é uma consequência de um trabalho em grupo que desenvolvem em prol de si e do conjunto. Eles trabalham de forma convencional na cidade, como se morassem em qualquer outro lugar, onde cada um possui sua ocupação, estuda, etc. Os moradores nunca pensaram no condomínio como uma ecovila ou comunidade ecológica. Todavia, de acordo com as pesquisas deste trabalho, pode-se constatar que ela pode ser considerada uma comunidade intencional, uma vez que são formadas por pessoas que escolheram viver juntas com o intuito de experimentar um estilo de vida compartilhado, dentro de uma cultura compartilhada e com propósitos comuns.

Quando o grupo se instalou em Porto Velho, há 15 anos atrás, o condomínio era praticamente isolado, quase não havia ocupação nos arredores. Entretanto, no decorrer do tempo isso foi se modificando e hoje boa parte da mata foi destruída para o estabelecimento de loteamentos que estão sendo ocupados ou estão à venda. Isso significa que hoje a comunidade agora está lidando com uma nova dinâmica, um novo choque, uma nova experiência, o que é uma riqueza dentro da filosofia que praticam.

Como primeira experiência de campo, o Condomínio dos Samurais foi uma grande surpresa tanto para os moradores, os quais não esperavam pela visita de uma pesquisadora, como para esta, que não tinha conhecimento de comunidades intencionais residentes nas mediações da cidade de Porto Velho. Mesmo que eles não se considerem nada mais que um grupo de pessoas que vivem juntos e compartilham práticas e filosofias em comum, essa experiência pode enriquecer o trabalho no que diz respeito à compreensão da pluralidade das comunidades intencionais existentes no país e no mundo.

3.1.2 ALDEIA – ITACARÉ (BA)

A segunda experiência de campo para a presente pesquisa foi realizada na Aldeia, um lugar a 15 km de Itacaré (BA) onde se encontram, conforme eles mesmos se autodenominam, “um grupo de amigos e família que buscam viver juntos em harmonia com a natureza”. A Aldeia nasceu há cerca de quatro anos.

Foto 4 - Moradores da Aldeia comemorando seus quatro anos de existência



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/aldeia.community.brazil/?fref=ts>>. Acesso em 4 de maio de 2016.

O contato com a comunidade foi realizado através da internet, após um *google hangout*²⁵ intitulado “Como criar uma Ecovila”²⁶, no qual o palestrante, Gabriel Siqueira, Mestre em Administração²⁷ morador da Aldeia, dialogava assuntos relacionados à criação de uma ecovila, como viver ou se voluntariar em comunidades intencionais e também divulgando seu curso online de Gestão de Ecovilas. Em seguida, foi combinado uma data para conhecer a comunidade através do programa de voluntariado.

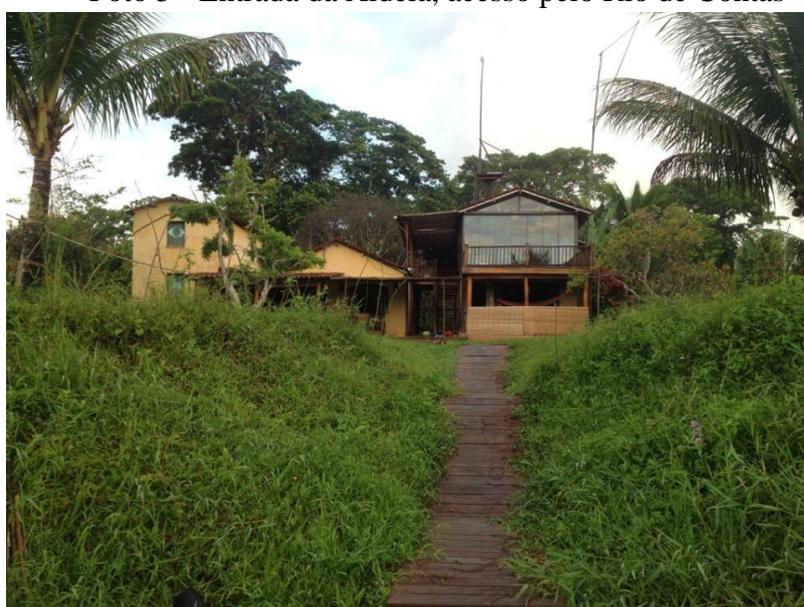
²⁵ Plataforma de mensagens instantâneas de chat e de vídeo desenvolvido pelo Google, onde é possível assistir palestras online em tempo real e interagir com o (a) palestrante através de mensagens instantâneas escritas (chat).

²⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9mliON_5Avk>. Acesso em 6 nov. 2015.

²⁷ Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Tensão entre as Racionalidades Substantiva e Instrumental na Gestão de Ecovilas: Novas Fronteiras do Campo de Estudos.

A área da Aldeia é extensa. São em torno de 45 hectares de terreno na margem esquerda do Rio de Contas (sentido Itacaré – Aldeia). Na entrada localiza-se um deck de madeira que dá acesso à comunidade. Do rio já é possível ver algumas construções, as quais foram feitas, em sua maioria, com madeira aliando técnicas da bioconstrução pelos próprios moradores. As primeiras construções acessíveis ao adentrar o terreno são o espaço de convivência e logo em seguida, a cozinha de produção. Do lado direito encontra-se a casa de uma moradora e em seguida duas casas que são reservadas aos voluntários, com cozinha e banheiro.

Foto 5 - Entrada da Aldeia, acesso pelo Rio de Contas



Fonte: SAYD, Maria. 2016.

Foto 6 - Entrada da Aldeia pelo Rio de Contas



Fonte: MORÃO, Regina C. G. Trabalho de Campo, janeiro de 2016.

A seguir, a Foto 7 ilustra a primeira obra feita na Aldeia, onde os primeiros moradores compartilhavam o espaço até construir suas próprias casas. Hoje o local ainda tem a mesma função, também acolhendo os moradores mais recentes que chegam e montam acampamento em suas proximidades até construírem suas casas. Durante o trabalho de campo, duas famílias estavam acampadas, enquanto preparavam seus terrenos para iniciar a construção.

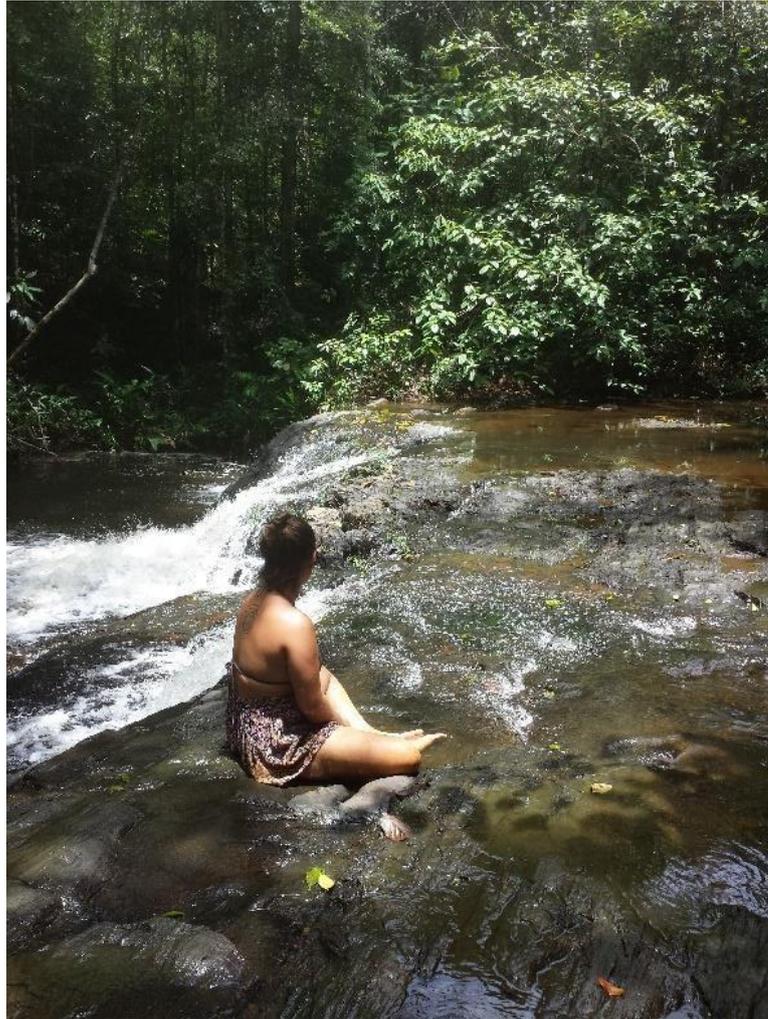
Foto 7- Moradores da Aldeia e voluntários durante a construção da cozinha comunitária



Fonte: Disponível em: <<http://www.communityinbrazil.com/quem-somos/>> Acesso em 6 novembro de 2015.

O terreno da comunidade ainda conta com uma nascente, a qual utilizam para banho, lazer e de onde canalizam a água para as dependências da comunidade.

Foto 8 - Nascente da Aldeia



Fonte: MORÃO, Regina C. G. Trabalho de campo, janeiro de 2016.

Na Aldeia os voluntários trabalham durante a parte da manhã, das 7h30 até as 11h30. Semanalmente, durante as reuniões de *feedback* e planejamento, são escolhidas duplas de voluntários para preparar o café da manhã e limpar os cômodos de suas dependências durante o horário livre. O trabalho dos voluntários é rotativo e consiste em: cuidar da horta, ajudar na construção de outras casas com técnicas de bioconstrução, preparar o almoço dos demais voluntários e trabalhar na cozinha de produção (onde são produzidos óleo de coco, tahine, creme de cacau, etc. para venda em Itacaré e outras comunidades). Qualquer pessoa pode se voluntariar na Aldeia desde que haja demanda de trabalho e seja feito um agendamento através de contato pela internet.

Foto 9 - Casa construída pelos voluntários da Aldeia



Fonte: MORÃO, Regina C. G. Trabalho de campo, 2016.

Foto 10 - Cozinha dos voluntários da Aldeia



Fonte: MORÃO, Regina. C. G. Trabalho de Campo, janeiro de 2016.

Foto 11 - Almoço dos voluntários



Fonte: MORÃO, Regina C. G. Trabalho de campo, 2016.

Foto 12 - Casa dos Voluntários



Fonte: SAYD, Maria. 2016.

Foto 13 - Voluntários no horário livre na área de convivência



Fonte: MORÃO, Regina C. G. Trabalho de campo, janeiro de 2016.

A horta da comunidade ainda não produz alimento o suficiente para a comunidade, apenas algumas hortaliças e frutos, o que faz com que a comunidade necessite comprar maior parte dos alimentos de Itacaré, que é a cidade mais próxima. Existe uma dificuldade em cultivar alimentos de forma natural, sem uso de agrotóxicos. A comunidade já encarou outras tentativas e tem se empenhado em melhorar nesse sentido.

São em torno de seis famílias que vivendo na Aldeia. Cada uma trabalha com algo diferente e a maioria desses trabalhos tem relação com lojas virtuais, as quais permitem a possibilidade de trabalhar em qualquer lugar desde que se tenha acesso à internet. Um dos casais trabalha com loja virtual de fraldas ecológicas para bebês e vende chocolate e produtos naturais para a comunidade e vizinhança. Outra tem uma loja virtual de *sling*²⁸, outra família trabalha como *freelancer*²⁹ na área de design e assim por diante.

²⁸ *Sling* é todo carregador de bebê, não estruturado, que permite formar uma espécie de saco ou rede, onde se carrega o bebê próximo ao corpo em várias posições. Trata-se de uma versão moderna dos antigos carregadores de bebês utilizados há séculos por diversas culturas (indígenas, africanas, asiáticas e indoamericanas).

²⁹ *Freelancer* é um termo inglês usado para denominar o profissional autônomo que se auto emprega em diferentes empresas ou, ainda, guia seus trabalhos por projetos, captando e atendendo seus clientes de forma independente. No Brasil, é conhecido popularmente como “freela” ou “frila”.

Importante destacar que todos os moradores têm filhos, os quais ainda são crianças pequenas (o mais velho tem apenas 7 anos). A opção da comunidade é a de praticar a educação livre, também conhecida como *homeschooling*³⁰, onde as crianças não frequentam a escola formal padrão, mas aprendem conforme seus interesses e desenvolvimento através da convivência com outras crianças em conjunto com o direcionamento e planejamento dos pais.

Apesar das construções da Aldeia serem feitas de materiais locais, do próprio terreno da comunidade (madeira, barro, areia, palha, piaçava, etc.), usando técnicas de bioconstrução, da comunidade utilizar banheiro seco³¹, cuidarem da água que nasce no seu terreno, cultivar uma horta – mesmo que ainda não suficiente para suprir as necessidades alimentares da comunidade, de praticarem o *homeschooling*, entre outras práticas, eles não se consideram uma ecovila. O motivo é eles que não se consideram ecologicamente corretos o suficiente devido ao fato de ainda dependerem da cidade para alimentação e, conseqüentemente, produzirem uma quantidade considerável de resíduos sólidos devido às embalagens de alimentos, entre outras.

A experiência na Aldeia foi muito interessante, e principalmente intrigante pela surpresa com o fato de não se autodenominarem como uma ecovila, mesmo que seja possível perceber que a maioria de suas condutas correspondem às práticas reconhecidas como ecológicas, ou seja, onde há uma preocupação e principalmente a ação em reduzir o impacto ambiental no seu modo de viver. Apesar dessa surpresa, percebe-se que tal fato acabou tornando a experiência ainda mais valiosa, além de ter transformado a pesquisa das comunidades intencionais ainda mais desafiadora e curiosa. A questão então se tornou: afinal, o que são e o que caracterizam as ecovilas? Surge então a necessidade de buscar um conceito através de autores que abordam o tema a fim de unir a teoria às práticas vivenciadas e apresentadas.

³⁰ O *Homeschooling* (Educação Domiciliar) é um método de ensino que funciona em diversos países e oferece aos pais a possibilidade de educar seus filhos em casa, sem a necessidade de matriculá-los em uma escola de ensino regular

³¹ Os banheiros secos são uma alternativa ecológica para o tratamento de fezes humanas. São conhecidos por não utilizarem água nem sistema de descarga, e sim matéria orgânica seca, como serragem, folhas e/ou galhos secos moído. A estética do banheiro seco é muito semelhante ao banheiro comum, entretanto, as fezes são armazenadas em um local sem contato com o ambiente externo, onde a cada defecação a pessoa deve jogar um punhado de matéria orgânica seca sobre as fezes para mantê-las secas e evitar o mau cheiro. Os dejetos, após serem tratados, podem ser utilizados como adubo para as plantas. A urina deve ser feita em outro compartimento de forma a ser encaminhada a um sistema fechado de tratamento de águas cinzas (bacia de evapotranspiração), onde através de plantas semiaquáticas, a água da urina é evaporada pelas folhas e seus nutrientes também utilizados pelas plantas.

3.2 DEFININDO ECOVILAS: CONCEITO E EVOLUÇÃO

Como foi possível perceber através das experiências relatadas, ou o conceito de ecovila não estava sendo compreendido pela pesquisadora através de seus conhecimentos empíricos, nem dos moradores das comunidades experienciadas, ou a definição popularmente conhecida não está de acordo com a realidade das comunidades visitadas. Sendo assim, se faz necessário, diante do exposto, um aprofundamento sobre sua definição a partir de bibliografias que discutem o tema.

Entretanto, antes de discorrer sobre o conceito de “ecovila”, é essencial que o significado de “comunidade” seja primariamente abordado. Comunidade pode ser usada para descrever vários tipos de grupos. O termo pode estar associado tanto à questão territorial como também a sentimentos de pertencimento, de coletivo. Todos os seres vivos do planeta, de alguma forma, fazem parte de uma comunidade, fazem parte de algum grupo com o qual se identifica devido a um contato mais próximo, seja pela realidade diária de interesses, seja pela similaridade de ideias, objetivos, condições econômicas ou sociais, seja por necessidade de sobrevivência, etc. Se considerarmos todas as populações que coexistem numa mesma região, como populações de coelhos, formigas, lírios, cabras, etc., este é o caso de uma comunidade. O que ocorre em uma comunidade? Os seres vivos interagem, estabelecem relações entre si, dependem um do outro, ou seja, existe uma interdependência entre os seres, conforme foi elucidado no primeiro capítulo. Se uma dessas populações desaparecem, dos vegetais, por exemplo, toda a comunidade fica ameaçada uma vez que os animais que dependem dessa fonte não encontrariam mais alimentos e conseqüentemente, morreriam.

De acordo com o dicionário, o termo “comunidade” enumera dez significados, os quais podem ser resumidos em: conjunto de pessoas ligadas por interesses comuns (culturais, econômicos, políticos, religiosos, etc.) que se associam com frequência ou vivem em conjunto. Essa definição bastaria para seguir adiante para o conceito de “ecovila”, entretanto, acredita-se que seja enriquecedor para o presente trabalho uma discussão mais filosófica sobre o tema, apoiando-se em algumas breves ideias propostas pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman em seu livro intitulado *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*.

Logo no início do livro, Bauman (2003) traz à tona a sensação que a palavra “Comunidade” oferece. Segundo o autor, tal palavra produz uma sensação boa porque carrega significados que prometem prazeres. Nos dias de hoje, é outro nome do paraíso perdido, o qual a humanidade espera ansiosamente retornar e por isso busca freneticamente por caminhos que possam os levar até lá:

Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”). Numa comunidade, todos nós entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN, 2003, p. 7-8)

Não é difícil perceber que dentro da realidade da sociedade atual, onde predominantemente há de se lidar com competições, disputas, rivalidades, individualismos, etc., o sentimento que o termo “comunidade” pode trazer está muito distante, assim também como sua prática. O autor supracitado associa esse fato de segmentação da sociedade bem como a diversidade das identidades à Modernidade, a qual acabou impactando os vínculos sociais. As novas tecnologias, inclusive as de comunicação, acabaram dificultando a singularidade e a homogeneidade da comunidade, bem como facilitando o processo de individualização, uma vez que a comunicação entre o interior e o exterior, ou entre os “de dentro” e os “de fora”, que era antes inclinado para o interior, começa a mudar e ficar cada vez mais frágil. Sendo assim, o autor discorre que a distinção entre “nós” e “eles”, se intensifica, até que ganham mais peso que as trocas internas e, conseqüentemente, a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida.

É uma tarefa um tanto desafiadora conciliar os individualismos da contemporaneidade – onde em sua maioria, é “cada um por si” – com os interesses coletivos. Entretanto, Bauman (2003) afirma que atualmente ainda é possível encontrar um sentimento de pertencimento nas minorias étnicas, onde são perceptíveis os limites

entre os de dentro e os de fora, uma vez que a cultura pode ser considerada como um fator de unidade e pode também legitimar um grupo. Para manter sua identidade, esses grupos podem valer-se de uma conservação exclusiva e adotar uma postura radical. O autor ainda diz que num mundo onde o “multiculturalismo” está em voga, as culturas podem coexistir, mas é difícil que se beneficiem de uma vida compartilhada.

As discussões sobre o conceito de comunidade podem ser muito mais aprofundadas. Diversos autores discutem o tema e esse poderia até vir a ser, inclusive, o tema para uma dissertação completa. Para o presente trabalho entende-se como sendo o suficiente para poder introduzir as questões sobre as ecovilas, bem como o que uma parte da sociedade anda buscando, almejando ou apenas resgatando frente ao mundo globalizado e acelerado que vive.

Essa primeira discussão foi importante porque as ecovilas também são uma das formas de comunidade. Elas fazem parte do que se denomina “comunidades intencionais”³², mas se diferem de outros tipos por serem comumente pautadas pelo uso de tecnologias alternativas e de baixo impacto ambiental, experiências não hierarquizadas, adoção da prevenção da saúde combinada com alimentação saudável e autônoma, respeitando os ciclos da natureza e os sistemas tradicionais da medicina, edificações baseadas na bioconstrução, etc., que, combinados de diversas formas e intensidades dependendo do contexto da comunidade, resultam num estilo de vida alternativo. Quando se fala em “alternativo”, se coloca em questão o fato de que este é diferente do padrão comumente estabelecido pela cidade moderna e industrializada, onde grande parte das pessoas estão inseridas, ao mesmo tempo em que estão, de certa forma, desconectadas da natureza. O alternativo poderia definir-se aqui como o oposto a esse modelo, o que o coloca num patamar mais ecológico e natural.

Para melhor compreensão desse mundo alternativo, principalmente no que se refere às comunidades (ou sociedades) alternativas, e também para dar voz a quem entende do assunto, Leila Hakin (1982), em um artigo para a *Revista Comum-Unidade: guia para um mundo alternativo*³³, explica que a semente foi lançada nos movimentos de

³² "Intentional communities are formed when people choose to live with or near enough to each other to carry out a shared lifestyle, within a shared culture and with a common purpose." - Comunidades intencionais são formadas por pessoas que escolhem viver com ou perto o suficiente de outras para experimentar um estilo de vida compartilhado, dentro de uma cultura compartilhada e com propósitos comuns. (CHRISTIAN, 2007, p.18, tradução nossa)

³³ A *Revista Comum-Unidade: guia para um mundo alternativo* era o órgão de divulgação do movimento de cultura alternativa nos anos 1980. Segundo Magnani (2000), tal revista surgiu a partir do IV Encontro Nacional de Comunidades Alternativas.

juventude na década de 1950, quando havia uma insatisfação de toda uma geração diante dos valores estabelecidos. Entretanto, foi somente em 1961 que os jovens, inconformados com a realidade da época, iniciaram o maior movimento de juventude já registrado nas ruas de San Francisco, conforme relata:

Cabeludos, vestindo roupas exóticas, escandalizando o mundo pelo total desrespeito aos mais arraigados conceitos da civilização ocidental, dinheiro, sexo e poder, sacaram que os valores pré-estabelecidos estavam tornando seus pais infelizes, neuróticos e reprimidos. Decididamente negaram-se a seguir tais exemplos. (HAKIN, 1982, s/p.).

Dessa forma, a referida autora destaca também que o movimento hippie cresceu e se espalhou rapidamente pelo mundo, com a ideia de que a “Sociedade deveria adaptar-se às necessidades humanas e não vice-versa (HAKIN, 1982, s/p.)”. Sendo assim, o jovem hippie começou a voltar-se para si e diversas foram as formas que proporcionaram uma expansão da consciência juntamente com novos modelos de alimentação. Hakin relata que os frutos desse novo comportamento foram passíveis de avaliação somente entre dez e quinze anos depois. Para ela, “de um modo geral, grande parte das pessoas que viveram intensamente essa época, conseguiram adiantar-se no estágio de conscientização em que a maioria da humanidade normal vivia e vive até hoje (HAKIN, 1982, s/p.)”.

Posteriormente a isso, a autora declara que houve uma decadência do movimento hippie devido ao fato de a fala ser maior que a ação, juntamente com o abuso das drogas e pela total rejeição dos valores do sistema, o que provocou uma total transformação da contracultura através do surgimento das Sociedades Alternativas:

A estratégia do Movimento Hippie foi mudada. Utilizaram as experiências da juventude dos anos 60 e, em 1971, reuniram-se cientistas e sociólogos em congresso na Universidade de Berkeley, na Califórnia, e chegaram às seguintes conclusões: “A nova Sociedade, a Sociedade alternativa, deve emergir do velho sistema, como um cogumelo novo brota do tronco apodrecido. Acabou-se a era do protesto subterrâneo e das demonstrações existenciais. Devemos de agora em diante, investi, toda a nossa energia na construção de nossas condições. O que for possível utilizar da velha Sociedade, nós utilizaremos sem escrúpulo: meios de comunicação, dinheiro, estratégia, know-how e as poucas e boas ideias liberais.” (HAKIN, 1982, s/p.).

Destaca ainda que as sociedades alternativas nasceram com um caráter popular, pois agiam no meio da massa e foram adotando novos hábitos. Finalizando seu artigo, a autora chama atenção ao fato de que:

A Sociedade alternativa é um estado de consciência. Não é uma nova maneira de comer ou viver somente. É uma percepção diferente de todas as coisas. É

uma conduta ativa, sincera, prática e positiva dentro da Sociedade em que vivemos ou na Sociedade que procuramos formar no campo. É como disse uma vez, um amigo, referindo-se ao sistema comunitário, ou seja, às Comunidades fundadas por integrantes do movimento alternativo: – “A vida nas comunidades deverá ser uma vida consciente nos mínimos detalhes. A cada passo, nos mínimos detalhes, deveremos estar atentos, vigilantes, para que não cometamos os mesmos erros da nossa atual estrutura social. Aqueles que não quiserem esforçar-se para modificar a si, em prol desta nova Sociedade, que fique onde estão. Esqueçam o campo! Esqueçam o alvorecer de uma nova humanidade.” (HAKIN, 1982, s/p.).

O artigo da Leila Hakin oferece uma abordagem lúcida e simples do movimento, de forma que fica compreensível entender o contexto do que comumente se caracteriza de “alternativo”. O fato da sociedade alternativa ser comparada a um “estado de consciência” não significa que aquela esteja longe de ser praticada verdadeiramente, em ações, mas que é necessário, antes de tudo, estar disposto a mudar a si mesmo para que enfim, uma nova sociedade possa nascer. Esse destaque se torna ainda mais importante e fundamental quando algumas pessoas que tem interesse por uma vida alternativa acreditam que a simples mudança do urbano para o rural pode resolver os seus problemas, quando na verdade, há de se buscar uma mudança dentro de si para poder viver em comunidade.

Retornando à questão da comunidade, Tavares (1983) diz que a comunidade é um agrupamento social que tem característica na conexão baseada em um consenso que é estabelecido de forma espontânea entre as pessoas. As comunidades podem ser de vários tipos, entre elas: urbanas e rurais, de lazer, religiosas, residenciais, profissionais, místicas, políticas, etc. Independente da especificidade do grupo, a essência está no respeito na ajuda mútua.

Uma das grandes preocupações da vida nas comunidades, segundo o referido autor, está na questão relacionada à convivência entre os moradores, bem como também no manejo da terra, obtenção das sementes de boa qualidade, uso de energias alternativas e da constatação da existência de uma certa rotatividade das pessoas na comunidade. Sendo assim, de acordo com as experiências ao longo do tempo, iniciou-se um processo de normas nas comunidades, entre elas: conhecimento prévio das pessoas que farão parte do projeto, decisões referentes à comunidade tomadas na base do consenso, conhecimento sobre o custo da implantação de uma comunidade, rotatividade das lideranças, necessidade de reunir pessoas com aptidões variadas, arquitetura alternativa, rapidez em alcançar a independência econômica para não depender do sistema, entre outros. Outra grande preocupação, segundo o autor, está na formação de comunidades urbanas para

servirem como escolas para as pessoas que almejam o campo, de forma que estes possam reaprender a conviver de forma fraterna, fazendo deste um modo de estágio após anos dentro de um sistema estabelecido.

Neste ponto, onde movimento das comunidades alternativas está entendido, há de se adentrar no mundo das “ecovilas”. Tal movimento corresponde ao das comunidades alternativas, uma vez que foi fortemente iniciado entre os anos 1960 e 1970 com o ressurgimento dos ideais utópicos. Tais movimentos contestavam a sociedade por seus valores tradicionais e imposição militar e capitalista além de que rejeitavam a hierarquia, as instituições já estabelecidas e eram contra as armas nucleares e guerras. Sendo assim, desiludidos pela sociedade moderna consumista, individualista e competitiva, o movimento idealizou e têm realizado desde então a vida em comunidades, procurando cada vez mais autonomia, as quais são chamadas de comunidades intencionais. Contudo, Bates³⁴ (2003) afirma que as ecovilas originaram-se nos anos 1930 como comunidades intencionais formadas por grupo de pessoas que tinham em comum direcionamentos sociais, espirituais ou de serviços e que só a partir dos anos 1990 começaram a se denominar ecovilas, quando se tornaram mais conscientes e comprometidas com o meio ambiente.

Portanto, é nos anos 1990 que se nota um *boom* na eclosão e disseminação de experiências de cunho ecológico, tornando indispensável a discussão das questões que norteiam essa busca, sejam elas pelas crises estruturais, sociais, políticas, ambientais e culturais da atualidade, seja pela disseminação e acesso à informação ou pela urgência em (re)descobrir e (re)experimentar formas de relacionar-se com a natureza, consigo e com o próximo.

Essas comunidades são, em outras palavras, novas formas organizacionais e territoriais, ou como Robert e Diane Gilman propõem a partir dos anos 1990, são as chamadas “ecovilas”, termo que apareceu pela primeira vez na preparação para o seminário Gaia Trust³⁵, na Dinamarca. Em 1991, o Gaia Trust encomendou uma pesquisa sobre os melhores exemplos de ecovilas do mundo todo, os quais foram realizados pelos Gilman. As comunidades intencionais foram incorporadas pelas Nações Unidas no

³⁴ Secretário Regional da GEN (Global Ecovillage Network), diretor do Centro de Treinamento de Ecovilas da Farm Community da Cidade de Summertown, Tennessee, EUA e co-editor da Communities Magazine (informações relativas à essa publicação)

³⁵ Gaia Trust é uma associação fundada em 1987, com a intenção de apoiar a transição para uma sociedade do futuro, mais sustentável e espiritual através do engajamento proativo.

Programa de Desenvolvimento de Comunidades Sustentáveis (SCDP) e hoje também fazem parte da Rede Global de Ecovilas (Global Ecovillage Network - GEN). Esta, criada em 1995, na Conferência sobre as Ecovilas e Comunidades Sustentáveis - Modelos para o Século XXI, realizada na Fundação Findhorn na Escócia, que é uma rede que tem como objetivo expandir e aperfeiçoar cada vez mais esses assentamentos ao redor do mundo além de reunir uma série de comunidades intencionais a fim de fortalecê-las para a troca e o fluxo de informações.

Para os Gilman, o termo “comunidades sustentáveis” simplesmente não transmitia a mensagem certa após uma análise das comunidades já existentes. Apesar de serem comuns no sistema de valores e na visão similar de viver em pequenas comunidades intimamente ligadas à natureza, elas apresentavam estruturas físicas diversas e variações infinitas. Sendo assim, a definição de ecovila proposta por Robert e Dieane Gilman que prevalece até hoje como uma das mais aceitas no movimento é:

Um assentamento funcionalmente completo, de escala humana, onde as atividades são integradas ao mundo natural de maneira inofensiva, de tal forma que dão apoio ao desenvolvimento humano saudável, podendo ser continuamente bem-sucedido indefinidamente no futuro ³⁶ (GILMAN; GILMAN, 1991, p.10).

Conforme os autores supracitados, as características de uma ecovila podem ser cultural, socioeconômico e ambientalmente influenciadas dependendo do contexto onde ela está inserida. Sua definição pode ser detalhada da seguinte forma:

- a) Proporções humanas (human-scale): se refere ao tamanho da ecovila, que deve ser o suficiente para conhecer a todos e ser conhecido pelos demais da comunidade, de forma que os habitantes possam interagir em nível pessoal e cada membro seja capaz de tomar parte nas decisões e atividades comunitárias. De acordo com Gilman e Gilman (1991), há provas concretas consideráveis, tanto nas sociedades industriais modernas como em outras culturas, que o limite superior para tal grupo é de aproximadamente 500 pessoas. Em ambientes muito estáveis esse número pode ser maior, talvez 1.000, sem afetar o caráter da comunidade. Mas muitas vezes uma situação de menor porte seria

³⁶ Tradução nossa de: “A human-scale, full-featured settlement, in which human activities are harmlessly integrated into the natural world in a way that is supportive of healthy human development and can be successfully continued into the indefinite future.”

mais propícia para um ambiente interativo mais próximo, como menos que 100;

- b) Assentamento funcionalmente completo (full-featured settlement): é aquele onde as principais funções da vida normal – residência, alimentação, lazer, vida social, comércio, etc. – estão claramente presentes de forma equilibrada. A maioria dos espaços de ocupação humana da sociedade industrializada são divididas em funções urbanas de forma separada e espalhada, entrando assim em desacordo com a escala humana. Em contrapartida, a integração de funções nas ecovilas permite que ela se torne um “microcosmo abrangente” da sociedade. Isso não quer dizer que as ecovilas precisam ser autossuficientes e desconectadas do contexto circundante. Certos serviços especializados dependem de um número grande de pessoas e funções que possivelmente não terão porte para serem providenciados dentro da ecovila. Dessa forma, há necessidade de ligações com seu entorno, afinal, uma ecovila deve promover a diversidade tanto entre seus moradores quanto em atividades que ela promove e apoia.
- c) Integração das atividades humanas ao mundo natural de forma inofensiva (harmlessly integrated into the natural world): esse princípio traz a ideia do “eco” para a ecovila, ou seja, traz à tona a importância do ambiente natural. Um dos aspectos mais importantes desse princípio é a igualdade entre os seres humanos e outras formas de vida. Sendo assim, essa noção limita a dominação do homem sobre a natureza e o desafia a encontrar seu lugar junto a ela. Outro princípio importante é o uso cíclico de energia e recursos materiais. Ao invés da abordagem linear criada pela sociedade industrial, que não assume responsabilidades entre consumo e suas consequências residuais, as ecovilas devem concentrar-se no uso de recursos renováveis, compostagem de resíduos orgânicos, reciclagem de materiais inorgânicos e evitar o uso de substâncias tóxicas e nocivas;
- d) Apoiar o desenvolvimento humano saudável (supportive healthy human development): o quarto princípio reconhece que as ecovilas são comunidades humanas, ou seja, o desenvolvimento humano envolve a integração harmoniosa de todos os aspectos da vida humana – características físicas, emocionais, aspectos mentais e espirituais. É de suma importância que toda a

comunidade esteja envolvida e direcionada para esse desenvolvimento. Esses valores devem permear as questões tanto econômicas como as sociais e de governança da ecovila;

- e) Boa sucessão no futuro indefinido (succesfully continued into the indefinite future): o último princípio indica a relevância da sustentabilidade como é entendida no contexto das ecovilas. Depende da honestidade e senso de justiça da comunidade. Gilman e Gilman (1991) afirmam que o princípio da sustentabilidade traz consigo um profundo comprometimento com a justiça e não exploração, com respeito às demais regiões do mundo, humanos e não humanos, e toda a vida futura.

Essa primeira definição, de acordo com Capello (2013), foi importante para unir os pioneiros do movimento das ecovilas em torno de um conceito que estava sendo apresentado em divergência a uma sociedade que havia perdido o contato com a natureza, a ligação com a escala humana, etc., ou seja, não se tratava mais de comunidades isoladas, mas de uma rede que agora estava interligada e estavam dispostas para a troca de experiências e estratégias de disseminação de suas boas práticas. A mesma autora ainda relata que:

Das 26 comunidades descritas no relatório dos Gilman, dezessete vinham do mundo industrializado do Norte e outras duas (Auroville, na Índia e Aztlán, no México) haviam sido fundadas por estrangeiros com raízes no hemisfério Norte – onde o despertar da consciência sobre os desafios socioambientais exibiu, à época e de modo geral, mais força do que no restante do globo. Além disso, metade delas não tinha mais do que uma centena de moradores. Eram pequenos grupos de cidadãos envolvidos na criação de assentamentos de pequena escala (Robert Gilman falava em, no máximo, quinhentos moradores por ecovila), fundados por visionários guiados pela meta de independência governamental e vida comunitária alternativa (CAPELLO, 2013, p. 79).

Mesmo aquele sendo um dos conceitos mais relevantes na atualidade, é importante deixar claro que a denominação “ecovila”, conforme relata Capello (2013), não se limita ao estabelecimento de um *checklist* onde ocorrem ou não pontuações em decorrência da utilização de soluções ou equipamentos ecologicamente corretos. Sua definição está principalmente ligada às aspirações do grupo que decidem caminhar juntos ao longo de sua existência em um processo que tem começo, mas não tem fim.

De acordo com Joseph e Bates (2003), as ecovilas são normalmente baseadas em várias combinações de três dimensões: social, ecológico e espiritual. São essas dimensões que descrevem as razões pela qual as pessoas são frequentemente atraídas pelo

movimento de ecovilas, embora uma dessas dimensões possa predominar mais que outras em alguns projetos ou simplesmente não existir em outras. Durante seus trabalhos, Joseph e Bates (2003) e outros ativistas de ecovilas analisaram se seria útil e adequado especificar critérios e estabelecer um patamar mínimo a ser atingido pelas comunidades para que elas pudessem ser identificadas como ecovila. Eles então decidiram que o objetivo era muito maior e significativo: o de encorajar mais pessoas a fazer o que for possível para viverem de forma sustentável. Sendo assim, foi criada então a *CSA - Community Sustainability Assentment*³⁷, uma ferramenta de auditoria de comunidades que poderia ser usada para encontrar uma direção e identificar medidas que poderiam ser tomadas a partir da comparação com outras comunidades. Segundo os autores, o mais importante dessa ferramenta, a qual consiste em um documento³⁸ disponível no site da GEN a ser preenchido, é que ela permite que a ecovila acompanhe seu próprio progresso em comparação a critérios um pouco mais objetivos.

Apesar de o termo ter sido criado em torno dos anos de 1990, sabe-se que sua origem vem de tempos mais antigos, uma vez que há séculos a humanidade vem experimentando diferentes formas de vida, que começaram em aldeias humanas (onde as relações interpessoais eram mais próximas e baseadas na troca, partilha, no cuidado mútuo, etc.) e chegaram até os dias atuais, nas megalópoles (onde as relações interpessoais são cada vez mais *líquidas* e, em sua maioria, baseadas em trocas mercantis). Passou-se de comunidade para sociedade e a ideia que prevalece é a de que a humanidade evoluiu ao longo desse tempo (CAPELLO, 2013). Entretanto, conforme já foi explicado no primeiro capítulo, isso não deixa de ser verdade já que a evolução científica avançou de forma imensurável, porém, não acompanhou a evolução do ser humano, do seu interior, o qual tem se tornado, entre outras coisas, cada vez mais competitivo, consumista e individualista. É em contrapartida a isso que uma parte da sociedade, consciente do atual estado da sociedade contemporânea, tem tentado (re)inventar maneiras de viver que (re)integrem o espírito de comunidade, troca, solidariedade, partilha, tornando as relações sociais mais profundas e confiáveis juntamente com uma redução da pegada ecológica, a restauração do verde da natureza real, etc. Para Capello:

³⁷ A Community Sustainability Assentment foi criada pela *GEN – Global Ecovillage Network* para mostrar como as abordagens – social, ecológico e espiritual – podem ser utilizadas para tornarem as comunidades mais sustentáveis.

³⁸ Disponível em: <<http://gen-europe.org/resources/csa-toolkit/index.htm>>. Acesso em 07 de Jul de 2016.

Fundamentalmente, as ecovilas resgatam a concepção mais antiga de comunidade, mas dessa vez *inserida* em uma sociedade: seus integrantes voltam a compartilhar o mesmo território e – reparem – *constroem* uma ética cultural idealmente comum a todos do grupo, que diverge ou se coloca acima, sob muitos aspectos, das regras e do *modus operandi* predominantes na sociedade da qual, inevitavelmente, elas também se mantêm como parte constituinte. Assim, para exemplificar, uma ecovila pode estabelecer acordos comunitários para a construção de habitações que sejam mais restritivos ou criteriosos, em termos ambientais, do que as leis vigentes em sua localidade; ou, como ocorre em algumas ecovilas europeias (em especial, em Zegg, na Alemanha, e em Tamera, em Portugal), experimentar arranjos familiares diferentes daqueles mais integrados à sociedade que as circundam – há casos, por exemplo, de ecovilas que desobrigam seus moradores da monogamia ou estendem a referência de maternidade e paternidade a todos os adultos da comunidade na educação das crianças e dos jovens. (CAPELLO, 2013, p.30)

A autora ressalta ainda que, diferentemente das comunidades primitivas ou tradicionais, onde cada integrante era, a partir do seu nascimento, automaticamente membro, nas ecovilas ocorre de forma diferente: são pessoas que consciente e voluntariamente se propõem a formar uma comunidade e fazer parte de um grupo que partilha dos mesmos propósitos eleitos como guias pelo próprio grupo fundador de cada ecovila, seguindo assim, o princípio da definição de “comunidades intencionais”. Entretanto, a ecovila, sendo um dos vários tipos de comunidades intencionais existentes, se distingue de outras porque seus propósitos estão relacionados a questões que direcionam a comunidade para a conquista de um estilo de vida ecologicamente correto, o que justifica o prefixo “eco” do nome. A mesma autora salienta também que as comunidades intencionais existem há muitos séculos, como por exemplo, as missões religiosas e os mosteiros, que foram sendo criados a partir de crenças comuns e de muito trabalho coletivo, os quais viviam sob uma base comunitária, mas que foi só no século XX que essas comunidades foram crescendo em número e tipologias, sendo a ecovila uma delas.

Independentemente da definição, que é muito importante e necessária, a intenção principal aqui é mostrar, analisar e discutir o que tem sido feito nos últimos anos e no presente momento, enquanto a sociedade enfrenta o contexto de crise ambiental, social e política, e novas tentativas estão sendo iniciadas ao redor do mundo. Por que tem surgido, ao longo dessas últimas décadas, cada vez mais comunidades com a finalidade de viver em contato maior com a natureza e causar o menor impacto possível a ela? Por que cada vez mais pessoas estão buscando saídas, alternativas para o modelo de vida padrão estabelecido pela sociedade capitalista? O que essas pessoas estão buscando, afinal? Ou

melhor, do que elas estão fugindo? Dentro desse contexto, Tavares (1982) reconhece que existe uma fuga:

Eu não tenho receio de reconhecer que as comunidades alternativas são uma fuga. Mas são uma *fuga* no bom sentido da palavra. Quem não deseja fugir desta vida de tensão e correr para a paz necessária? Quem não deseja se livrar do veneno químico para se alimentar de forma natural? Quem não almeja se livrar da ditadura do relógio e passar a viver de acordo com os ciclos da natureza? É uma aspiração a fuga desse sistema de exploração do homem pelo homem para uma fraternidade entre irmãos. (TAVARES, 1983, p. 63)

Em contrapartida à ideia de fuga reconhecida por Tavares, apesar da intensa ideia de retornar ao campo, ao contato com a natureza e ao próximo, Capello (2013) ressalta que as ecovilas não são campos de refúgio, muito menos um paraíso de quem pretende “largar tudo” para viver em uma delas. Muito pelo contrário, a escolha exige uma mudança radical de mentalidade, ideias e paradigmas. Como boa parte das ecovilas estão localizadas na zona rural, deixar a cidade implica abrir mão de uma série de confortos urbanos, ou seja, demanda muito mais trabalho. Sendo assim, morar em comunidade requer, por parte de seus moradores, responsabilidade pelos problemas e também pela resolução deles. O relacionamento entre as pessoas é outro fator muito importante a ser trabalhado, vital para sobrevivência, principalmente em situações de possíveis calamidades ou desastres. Nesse sentido se faz extremamente necessário uma mudança de consciência e hábitos.

De acordo com Christian (2003), as pessoas interessadas em comunidades intencionais não são extremistas. Elas são pessoas comuns. Muitos estão nos seus 40-50 anos de idade, constituíram família, carreira sólida, etc., mas estão cansados do *American Dream*³⁹ e querem se estabelecer, fincar raízes e viver na companhia de amigos. Outros são jovens, recém-formados, preocupados com a situação ambiental e global e não conseguem se inserir na lógica consumista padrão.

A partir disso é possível reconhecer aqui que os mesmos anseios e problemas dos anos 1960 citados no começo deste capítulo, ainda se perpetuam e têm incentivado pessoas a procurar alternativas para assentamentos humanos. Nesse contexto, Gilman (1991) questiona “If eco-villages are such a great idea, why don’t we already live in them?”

³⁹ Do inglês: Sonho Americano. Está relacionada a ideia de que qualquer pessoa pode conseguir prosperidade e sucesso desde que se dedique e se esforce o suficiente para alcançar. Está associada ao “Estilo Americano de Viver” (*American Way of Life*), onde se trabalha duro a fim de alcançar um status social e econômico que permita o consumismo exagerado.

[Se as ecovilas são uma grande ideia, por que não já vivemos nelas?]. Muitos respondem que o fato está em simplesmente voltar ao modo de vida tradicional. Entretanto, Gilman (1991) salienta que não é bem assim uma vez que as ecovilas são um fenômeno pós-industrial e pós-agrícola e não devem ser entendidas como um retorno à um período anterior ou ao modo de vida antigo, mas uma resposta direta a novas restrições ecológicas, novas técnicas e tecnologias disponíveis e novos níveis de consciência. Para ele, tem sido muito mais fácil para a sociedade, continuar vivendo da mesma maneira insustentável do que se propor a fundar ou fazer parte de comunidades sustentáveis. Sendo assim, segundo o autor, o motivo pelo qual a sociedade ainda não migrou por inteiro para ecovilas está no simples fato de que essa oportunidade é nova e ainda não houve tempo o suficiente para se adaptar a ela, além disso, a sociedade está no início de uma nova era e pode esperar grande parte do desenvolvimento da técnica e da consciência que irá caracterizar esta era para estar à frente da sociedade atual.

Analisando de forma cuidadosa, o trabalho que o meio rural exige, seja braçal ou social e de convivência, pode ser considerado tão trabalhoso quanto seria tornar as cidades e o ambiente urbano um lugar mais humano, arborizado, saudável, de relações construtivas, etc. Por isso, é importante deixar claro que nem todas as experimentações de ecovilas dos anos 1960-1970 se desenvolveram especificamente no campo. As *cohousings* são espécies de ecovilas urbanas, muito comuns no norte europeu e agora esse movimento está chegando no Brasil, principalmente na região sudeste.

Existe outro fator muito importante a se levar em consideração em relação às ecovilas no que diz respeito à diversidade de iniciativas que estão surgindo. Sabe-se que temas ligados à sustentabilidade e à ecologia, não têm sido utilizados somente por quem realmente leva a sério iniciativas com essa abordagem (e lutam por sua difusão e aplicações por entender que diante de toda exploração que a sociedade tem causado ao meio ambiente, ações como essas se fazem mais que necessárias), mas também tem sido utilizada pela mídia e grupos empresariais, principalmente as imobiliárias, que tentam levar vantagem do termo “ecovila” dentro de ideias que são parecidas – como por exemplo “ecocasa”, “ecoville”, “casa verde”, “condomínio ecológico” – mas que em sua essência, não possuem nenhuma aplicação real (seja na construção, na localização, etc) ecológica nem sustentável e/ou relativo às discussões que estão sendo apresentadas aqui sobre as ecovilas de fato. Silva (2013) chama essas iniciativas de “privatopias”, ou seja, um condomínio privado que vende uma ideia de sustentabilidade ecológica, mas persiste na

lógica da propriedade privada, e de forma alguma está associado a um projeto de mudança societária e ecológica de fato. Alguma delas, como aponta o mesmo autor em sua Tese de Doutorado *Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)*, ainda são vinculadas à GEN. Dentro do mesmo contexto, Capello (2013), enfatiza:

(...) podemos observar de tudo um pouco: condomínios particulares que se dizem “verdes” ou “eco” por estarem localizados próximos a áreas de natureza mais preservada (remanescentes de florestas ou unidades de conservação) ou por incorporarem ao projeto arquitetônico, alguns diferenciais de sustentabilidade, tais como torneiras economizadoras de água, placas de aquecimento solar de água, captação de reuso de água de chuva ou mesmo áreas reservadas para armazenamento e a coleta dos resíduos domésticos recicláveis. Alguns empreendimentos são simplesmente *greenwashing*, outros até apresentam alguma vantagem socioambiental em relação ao grosso do mercado, mas de maneira superficial, pontual, sem que haja uma preocupação autêntica e coerente, capaz de envolver todo o projeto (CAPELLO, 2013, p. 40).

O termo *greenwashing* vem do inglês *green* (verde, a cor do movimento ambientalista) e *washing* (lavagem, no sentido de modificação que visa ocultar ou dissimular algo). Traduzido para o português, pode ser entendido como “lavagem verde” ou “verniz verde”. Esse termo indica uma prática ou estratégia, muito utilizada por empresas públicas ou privadas, governos ou políticos, ONGs, etc., para promover propagandas, campanhas, anúncios, discursos, produtos, iniciativas, etc. sobre ser ecologicamente ou ambientalmente correto, “verde”, sustentável. A intenção dessa estratégia é relacionar a imagem do que ou quem está sendo divulgado à defesa do meio ambiente, criar uma imagem positiva diante da opinião pública, acerca do grau de responsabilidade ambiental dessas organizações ou pessoas (bem como de suas atividades e/ou produtos). Entretanto, há uma máscara nesse meio. No seu cerne não há medidas reais que colaborem efetivamente com a minimização ou solução de problemas ambientais, mas sim impactos negativos ao meio ambiente.

Empreendimentos imobiliários podem sim apresentar grandes soluções tecnológicas e ambientalmente corretas a ponto de reduzir impactos sobre o meio ambiente seja durante a obra ou vida útil das habitações e demais construções. Todavia, a diferença entre ela e a ecovila está no fato de que aquela é construída por um empreendedor para obter lucro, enquanto esta é desenvolvida por um grupo de pessoas que planejam, financiam, constroem e gerenciam tudo juntas, como uma comunidade. O grande potencial das ecovilas está nas relações humanas que são construídas.

Isso não quer dizer que toda ecovila seja armadilha do capital, mas que se faz necessário separar as que já são estabelecidas de fato ou que estão buscando esse caminho e as que não chegam nem perto do real significado de ecovilas que está sendo exposto aqui. Não se pode negar também que para a construção deste trabalho, ao pesquisar e ler diversos outros sobre o tema, juntamente com o conhecimento superficial do percurso e da origem social dos entrevistados, o movimento das ecovilas pode ser identificado como procedente de uma classe média urbana e todas as condicionantes sociais a qual é concedida.

3.2.1 CADASTRO DAS COMUNIDADES INTENCIONAIS

Estimar um número preciso de comunidades intencionais existentes e ativas atualmente é uma tarefa desafiadora. Muitas delas começaram como iniciativas locais, outras vivem modos de vida tradicionais em áreas rurais afastadas e não foram registradas precisamente e outras ainda, simplesmente não têm o interesse em se cadastrar em alguma rede. O movimento das comunidades intencionais é muito dinâmico e muitas comunidades podem surgir e desaparecer antes mesmo de se tornarem conhecidas ou serem, de alguma forma, cadastradas em alguma rede. Ainda assim, se for necessário recorrer aos registros considerados formais, alguns dados podem ser encontrados no diretório online da *Fellowship for Intentional Community (FIC)*⁴⁰, e no banco de dados da *Global Ecovillage Network (GEN)*⁴¹, onde é possível afirmar que existam mais de 2500 comunidades intencionais ao redor do mundo. Em sua dissertação de mestrado, Siqueira (2012) realizou um levantamento nos diretórios citados e constatou que na FIC, existiam 2717 comunidades cadastradas, sendo 463 ecovilas, 22 no Brasil. Na GEN, o mesmo autor apurou 558 ecovilas, 17 no Brasil. Em um levantamento realizado em fevereiro de 2017, constatou-se que das 1751 comunidades cadastradas, 551 se intitulavam como ecovilas na FIC, sendo 10 no Brasil. Em abril do mesmo ano, houve uma diminuição na quantidade de cadastros⁴², resultando em 1374, mas um aumento para 559 intituladas como ecovilas, sendo 11 no Brasil. Na GEN, das 924, registradas até

⁴⁰ Associação das Comunidades Intencionais (Tradução nossa). Disponível em <<http://www.ic.org/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

⁴¹ Rede Global de Ecovilas (Tradução nossa). Disponível em <<http://gen.ecovillage.org/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

⁴² Disponível em <<http://www.ic.org/directory/listings/>> Acesso em 25 de abril de 2017.

fevereiro de 2017, 616 se intitulam como ecovilas, das quais 25 são brasileiras. Em abril esse número cresceu⁴³, resultando em 1168 registros, sendo 939 ecovilas, das quais 37 são brasileiras. Há de se levar em consideração que o site da GEN foi recentemente reformulado e as comunidades cadastradas foram convidadas a atualizarem seus cadastros, entretanto, mesmo assim ainda é possível encontrar duplicidade e consequentemente, dúvidas quanto à assertividade desses dados.

As diminuições e/ou aumentos bruscos dos números absolutos anteriormente expostos dos diretórios da FIC e da GEN não conseguem demonstrar e comprovar quantas comunidades existem de fato ou deixaram de existir, muito menos quantas novas surgiram, além de que também é possível encontrar registros duplicados nesses diretórios atualmente, da mesma maneira que em 2012. Assim sendo, atesta-se que os dados desses diretórios não são confiáveis por absoluto e que um levantamento oficial ainda é inexistente. Comprovar o aumento das comunidades na última década torna-se então inviável por meio desses diretórios. O aumento é perceptível então através da observação, uma vez que a pesquisadora está em contato com essas iniciativas, acompanhando e verificando uma procura cada vez mais alta, constante e corrente por este modo de vida através da internet, dos encontros e das entrevistas.

A seguir, nas próximas duas páginas, será possível verificar, visualmente, a diferença entre a quantidade de comunidades intencionais cadastradas em cada diretório:

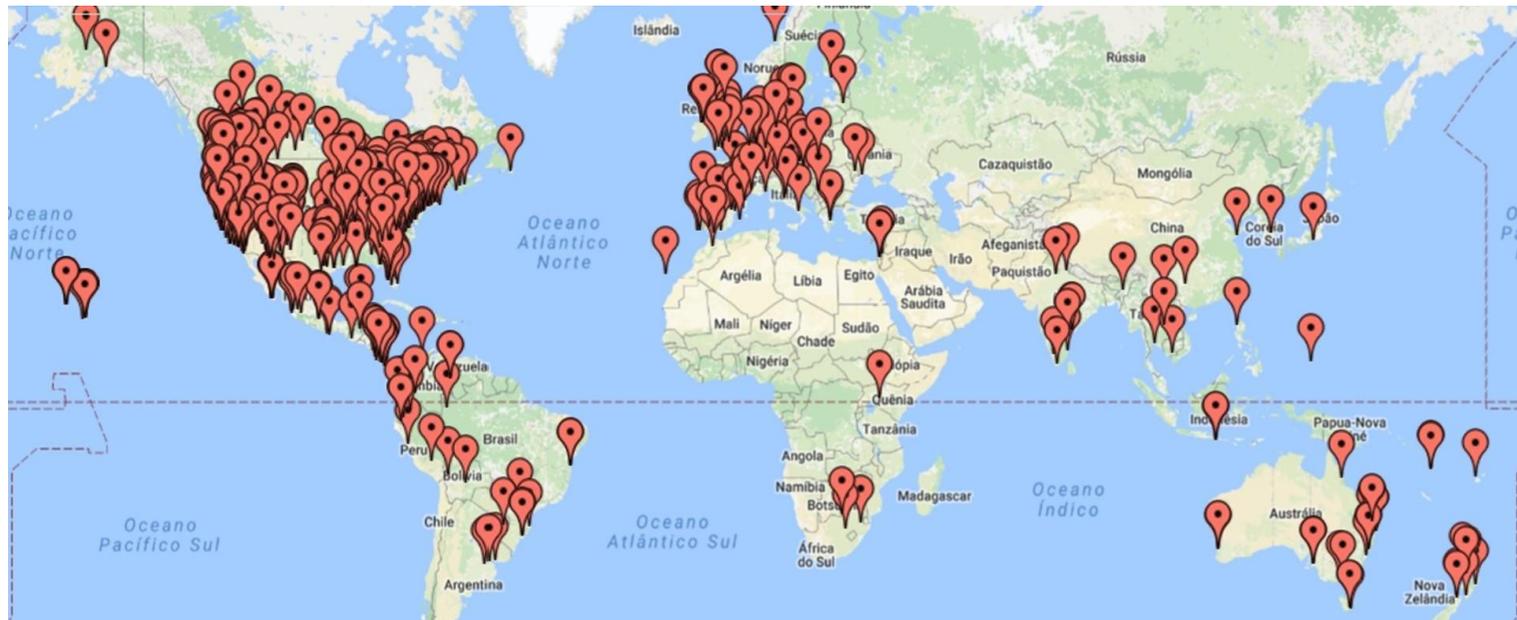
⁴³Disponível em <<https://ecovillage.org/projects/>>. Acesso em 25 de abril de 2017.

Figura 7 - Distribuição das Comunidades Intencionais ao redor do mundo de acordo com a GEN



Fonte: <<http://gen.ecovillage.org/en/projects/map>>. Acesso em 02 de dezembro de 2015.

Figura 8 - Distribuição das Comunidades Intencionais ao redor do mundo de acordo com a FIC



Disponível em <<http://www.ic.org/directory/mapa/>>. Acesso em 2 de dezembro de 2015.

A FIC acredita que a comunidade é um alicerce essencial para a criação de um mundo cooperativo e sustentável. Tem como missão apoiar e promover o desenvolvimento de comunidades intencionais e a evolução da cultura de cooperação⁴⁴, todavia, o foco geográfico atual está nos EUA e Canadá. As comunidades cadastradas de outros países foram feitas pessoalmente por membros dessas comunidades. Inclusive, qualquer pessoa pode cadastrar uma comunidade⁴⁵. O objetivo da FIC está em fornecer e facilitar o acesso às comunidades intencionais, fornecer informações precisas e abrangentes sobre elas, criar oportunidade para o público conhecer e experimentar as comunidades intencionais, divulgar amplamente o que está sendo aprendido neste meio, desenvolver uma rede para compartilhar inovações e informações, aliar-se a outros movimentos e organizações, entre outros. A FIC é sustentada por receitas de negócios e produtos relacionados a sua missão, vendidos através da livraria da Comunidade e outros mercados, bem como receita de publicidades, membros, patrocinadores, doações e voluntariado.

A GEN tem a intenção de fornecer informações, ferramentas e ser exemplo e uma representação global para uma rede que está em expansão. Tal rede é a de pessoas dedicadas ao desenvolvimento e demonstrações de princípios e práticas de sustentabilidade em seus estilos de vida e comunidades ao redor do mundo. Para isso, ela promove a educação, direitos humanos, resolução de conflitos e reconciliação, a proteção ambiental, a cidadania ativa e o desenvolvimento comunitário. A GEN contempla todos os continentes do mundo, dividindo-se em GEN-Norte América, GEN-Europa, GENÁfrica, GENOA (Oceania e Ásia) e o CASA Latina (Conselho de Assentamentos Sustentáveis da América Latina). Tem ainda a Next GEN⁴⁶, que surgiu em 2012 como uma região temática da GEN com a ideia de reunir as gerações mais jovens de todas as regionais. Na CASA, ela é denominada como CASA Jóvenes, ainda em processo de nascimento.

⁴⁴ Cultura da cooperação: “A soma de atitudes, costumes e crenças entre as pessoas que se caracterizam por compartilhar, empatia, auto-responsabilidade, compreensão e celebração de diferenças, resolução pacífica de conflitos, alta consideração pela conexão e relacionamento, interdependência e cuidado de como as coisas. Vemos a cultura cooperativa como uma base essencial de um mundo justo e sustentável. As comunidades intencionais são lugares onde a transição para a cultura cooperativa é freqüentemente acelerada e profundamente praticada. Acreditamos que esta transição tem implicações poderosas para o mundo em geral.” Disponível em: <<http://www.ic.org/the-fellowship-for-intentional-community/>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

⁴⁵ O cadastro da comunidade está disponível em: <<http://www.ic.org/directory/new-listing/>>. Acesso em 13 de Outubro de 2016.

⁴⁶ Disponível em: <<http://nextgen.ecovillage.org/>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2017.

Figura 9 - Abrangência da GEN



FONTE: Disponível em: <<http://sites.ecovillage.org/en>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

O CASA⁴⁷, foi fundado na Reunião Ibero-Americana de Ecovilas da Colômbia, em janeiro de 2012. Esse conselho “busca articular e fortalecer as ações das redes nacionais e regionais latino americanas que promovem, formam, investigam e difundem estilo de vida sustentáveis e regenerativos (CASA CONTINENTAL)⁴⁸”. Por ser um conselho que articula uma rede de organizações, bem como também redes que promovem e facilitam a conexão dos assentamentos sustentáveis da América Latina, eles compartilham e intercambiam conhecimento, informação, experiências e serviços a fim de propiciar uma organização de redes nacionais e regionais para o fortalecimento de empreendimentos e iniciativas da rede e da realização do bem viver nos territórios onde estão os assentamentos sustentáveis. A CASA se articula com a GEN e se conecta com as redes GEN Europa e GEN África.

⁴⁷ Disponível em: <<http://casa.ecovillage.org/en>>. Acesso em 21 de dezembro de 2016.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.casacontinental.org/>>. Acesso em 21 de dezembro de 2016.

O CASA tem seus representantes nacionais formado cada país da América Latina. O CASA Brasil⁴⁹ por exemplo, tem o papel de articular e fortalecer as redes brasileiras que promovem, educam, investigam e difundem estilos de vida sustentáveis e regenerativos de forma a propiciar o apoio mútuo, bem como o intercâmbio de informações, sabedorias, talentos, produtos e serviços, convocando encontros promovidos periodicamente pelas redes do CASA Brasil. Tal conselho, segundo o documento “Memórias do 3º Encontro Nacional do Casa Brasil”⁵⁰, também está como membro regional e integrante da ABRASCA, onde pode propor e participar dos consensos e consentimentos do encontro, de forma a consolidar laços de apoio mútuo entre o CASA e a ABRASCA.

A dificuldade de consolidação do CASA Brasil deu-se pela dimensão do país. Tanto que sua visão, como instituição está baseada em “pessoas, comunidades multiétnicas, iniciativas e movimentos, sustentáveis e resilientes, conectados em uma rede de confiança pela regeneração da Mãe Terra (CASA BRASIL)⁵¹.” Apesar do pequeno número de ecovilas e comunidades intencionais brasileiras cadastradas, principalmente nos diretórios internacionais, Siqueira (2012) relata que se estima mais de 300 delas espalhadas pelo país. O referido autor também menciona que em 2010, 50 dessas comunidades brasileiras estavam cadastradas na ABRASCA – Associação Brasileira de Comunidades Autossustentáveis (ou, dependendo da fonte, Comunidades Aquarianas, ou ainda, Alternativas).

A ABRASCA é um órgão que representa, a nível nacional, as comunidades alternativas do Brasil. Nasceu em 1978 com o objetivo de agrupar tais comunidades, bem como também organizar os encontros, promover cursos e palestras, dar assistência social, médica e espiritual às comunidades que necessitam, facilitar a troca de sementes, catalogar as comunidades e divulgar o movimento no país. Desde a sua fundação ocorrem o chamado Encontro Nacional das Comunidades Alternativas (ENCA), onde as pessoas se encontram a fim de trocarem experiências e informações relacionadas ao desenvolvimento de comunidades intencionais, espiritualidade, preservação do meio

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.casabr.eco.br/sitecasa/>>. Acesso em 21 de dezembro de 2016.

⁵⁰ CASA BRASIL. Memórias do 3º Encontro Nacional do Casa Brasil. Disponível em...

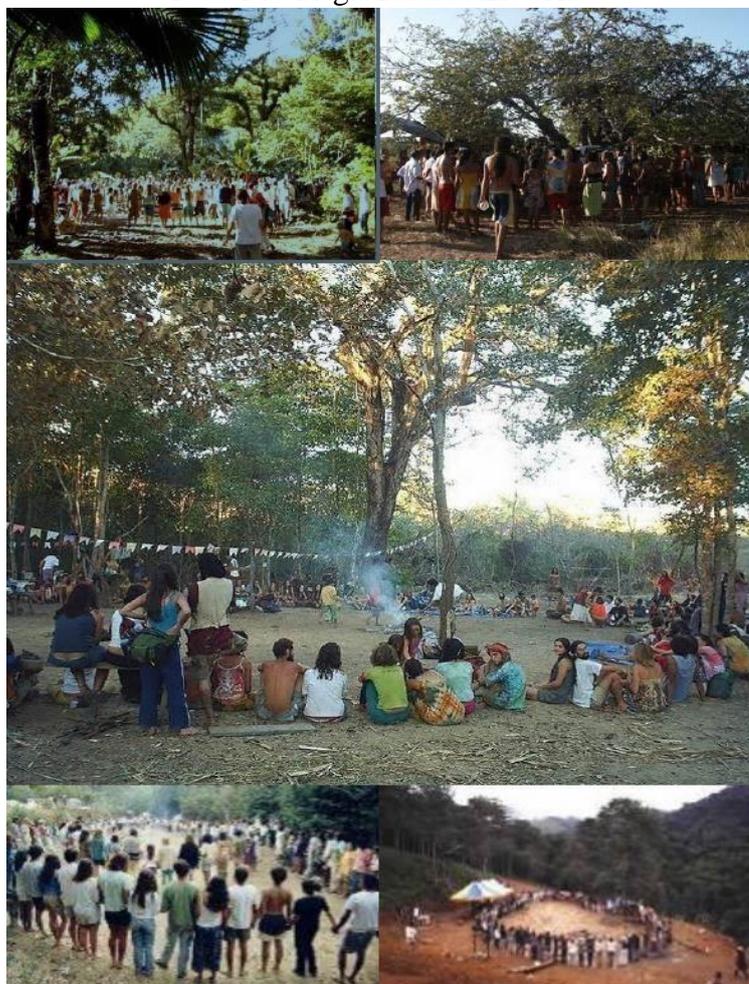
⁵¹ Disponível em: <<http://www.casabr.eco.br/sitecasa/apresentacao/>>. Acesso em 21 de Dezembro de 2016.

⁴⁹ Uma alimentação vegana tem como objetivo não consumir nenhum tipo de origem animal. Sendo assim, é baseada em grãos, leguminosas, verduras, frutas, legumes e inúmeras receitas que podem ser desenvolvidas a partir disso tudo. Ultimamente esse tipo de alimentação tem se diversificado, onde é possível produzir sorvetes, queijos, maionese, etc.

ambiente, assim também como ocorrem troca de sementes, oficinas, bioconstrução, alimentação vegana⁴⁹, etc. O encontro sempre tem acontecido na lua crescente de julho até a lua cheia, quando o encontro finaliza. Todo ano o ENCA é realizado em uma propriedade diferente, a qual é escolhida em consenso ao final do encontro anterior.

Não é fácil encontrar informações sobre o ENCA uma vez que uma de suas premissas está em não divulgá-la em massa, bem como não fotografar o encontro é um consenso do grupo. Todavia, na Dissertação de Mestrado de Rodrigo Caravita (2012) com título “*Somos todos um*”: vida e imanência no movimento comunitário alternativo⁵², é possível encontrar um histórico bem estruturado sobre o encontro, bem como algumas fotografias. Na dissertação de Siqueira (2012), também é possível encontrar uma imagem:

Foto 14 - Registros dos ENCAs



FONTE: SIQUEIRA, 2012. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96361/310442.pdf?sequence=1>>. Acesso em 3 de outubro de 2015.

⁵² CARAVITA, Rodrigo, I. “Somos todos um”: vida e imanência no movimento comunitário alternativo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

Importante ressaltar que, conforme Siqueira (2012) demonstra em sua dissertação, o movimento no Brasil já nasceu numa necessidade de atuação em rede, diferentemente da Europa e da América do Norte, onde isso ocorreu somente após o advento da internet:

Compelidas pela escassez de recursos e fomentadas por um tom revolucionário de oposição à ditadura, as comunidades alternativas brasileiras parecem ter sido pioneiras no estabelecimento de uma rede, já que a Nordic Alternative Campaign só seria criada em 1982, a Fellowship for Intentional Community em 1986 e a GEN em 1995 (SIQUEIRA, 2012, p. 93)

Talvez um dos motivos para isso acontecer esteja no fato de que, tal qual explica Cole (1991), a vida dos moradores nos países de Terceiro Mundo é impulsionada por questões de sobrevivência pessoal e familiar, e não de “sustentabilidade global”. Sendo assim, a ideia, sentimento e prática de comunidade é uma estratégia de sobrevivência e existência, não de um ideal a ser valorizado.

Para Joseph e Bates (2003), o movimento das ecovilas, apesar do grande alcance, ainda é experimental para caber em algum modelo específico com padrões a serem seguidos. De qualquer forma, para esses autores, o movimento das ecovilas é afortunado pela diversidade. Das zonas rurais às urbanas, das experiências de bairro aos distritos em transição, em várias culturas, climas políticos, as pessoas não estão esperando nada do governo ou de fundações, mas construindo seu próprio futuro. Sejam as ecovilas tradicionais ou assentamentos tribais ou retrofits⁵³ urbanos, sejam jovens em formação ou experientes equilibrados, para a rede de ecovilas, ainda há muitas respostas para sua definição.

Uma vez expostas as bibliografias e teorias sobre o assunto, torna-se indispensável a compreensão sobre o tema a partir do depoimento de pessoas que estão praticando, de alguma forma, o modo de viver em comunidade ou zona rural, em maior contato com a natureza. Dessa forma, segue-se para o Discurso do Sujeito Coletivo nas comunidades intencionais.

⁵³ Termo utilizando no ramo da arquitetura e construção, que possui o significado de não apenas reformar, mas de adaptar, readequar e melhorar as condições de uma edificação antiga a fim de modernizá-lo, valorizá-lo, torna-lo sustentável e apropriado para os tempos de hoje, e possibilitar um novo uso para tal, porém, sem deixar de lado a preservação da memória e da história da edificação. O retrofit não se limita a edifícios e construções, mas pode ocorrer também em grandes áreas urbanas, como parques e espaços públicos.

3.3 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO NAS COMUNIDADES INTENCIONAIS

Não seria conveniente, para o desenvolvimento deste trabalho, discutir o conceito de ecovilas e a ânsia das pessoas pela busca de alternativas apenas através de bibliografias. Além das pesquisas de campo, a pesquisadora entrou em contato e realizou diversas entrevistas com pessoas que fazem parte desse meio para que, de alguma forma, seja possível compreender, através dos depoimentos desses atores, porque essa busca por viver em comunidade e em contato com a natureza está se tornando cada vez maior. Dessa forma, as entrevistas foram transcritas e analisadas para que fosse possível encontrar um meio de expô-las neste trabalho.

A análise das entrevistas, conforme já foi explicado, foi organizada segundo a metodologia do DSC. Vale enfatizar que os Discursos do Sujeito Coletivo abaixo representados foram elaborados através de trechos selecionados literalmente das entrevistas, aos quais se acrescentaram, quando se compreendeu como necessário, alguns pequenos artifícios para efeito didático, como por exemplo, a correção de alguns erros ortográficos, a inserção de conectivos entre os parágrafos e a substituição do nome real da ecovila ou comunidade por letras “A”, “B”, “C”, etc.

Para que fosse possível elaborar os DSC que serão aqui apresentados, foram identificadas algumas ideias centrais nos depoimentos dos entrevistados, os quais serão relatados a seguir a fim de que seja viável uma melhor compreensão a partir da visão de quem tem vivido na prática, de alguma forma, o movimento das comunidades intencionais.

<p>Discurso da melhor oportunidade de vida para os filhos e um futuro melhor para si e para a família.</p>

Ideia Central

A vida na cidade mudou muito nas últimas décadas: muito estresse no dia a dia, no trabalho; as crianças não podem mais brincar na rua e o contato com a natureza tem sido cada vez mais precário. A ideia está em buscar uma qualidade de vida melhor para si e para família, uma vida mais humana, mais natural, ou seja, em contato com a natureza e consigo mesmo. Ideia esta que nasce concomitantemente, na maioria das vezes, com o nascimento de um filho.

DSC

Cresci na cidade e nunca tive pretensão de sair. Eu sempre achei que a vida era assim, que menos que isso era precário, aquele preconceito de urbana, né? Até que eu tive neném. E aí não sei que santo baixou em mim, mas eu percebi que não tava funcionando nem um pouco a vida com neném e trânsito e dentro de carro e não ter lugares limpos o suficiente pra ela poder explorar, né...

Não quero isso pro meu filho e acho que essa vida não tá certa assim, tem alguma coisa errada nessa história. Porque quando eu era pequena, a minha vida na cidade ainda não era do jeito que tava sendo pro meu filho. Eu morava num prédio onde tinha muitas crianças, eu morava perto da minha vó, eu podia andar na rua. E pro meu filho não, ele tinha era um apartamento que a gente nem conhecia os vizinhos direito, né. Um momento assim das cidades que, um boom que rolou das cidades da década de 1990 pra cá, foi um “boom” assim de uma perda muito grande de qualidade de vida. E aí pra mim realmente esse foi o fator motivador principal, assim: buscar qualidade de vida, né. Principalmente pro meu filho, que eu queria que ele soubesse o que que é um pé de fruta, que que é um quintal, que ele soubesse o que que era nadar numa cachoeira, o que que é ter uma água limpa, né. O que que é você ter uma infância que não é baseada em televisão e computador e foi basicamente isso.

A gente precisava mudar de vida, porque não tinha mais condições da gente ter mais um filho e continuar vivendo como a gente tava, por motivos de dinheiro, de tempo, de stress e pensando principalmente nas crianças, que tavam vivendo praticamente longe da gente e tavam sendo educadas por outras pessoas, recebendo valores de outras pessoas que não eram os nossos. Foi quando a gente decidiu romper de vez com esse estilo de vida e fazer alguma coisa diferente.

Mas desde que meu filho nasceu, aumentou muito isso assim em mim. Eu quero muito que ele tenha uma vida mais leve, uma vida mais saudável, e eu achei que a natureza poderia fazer isso pra ele. E não exatamente só a educação que eu vou dar pra ele, sabe? E sim o contato dele mesmo com a natureza. Mas assim, de morar, de querer ficar cem por cento nessa vida assim, a gente nunca pensou. Agora quando meu filho nasceu – não foi nem grávida – quando nasceu, assim, veio aquela vontade assim de dar uma vida melhor pra ele, de dar uma vida mais natural, uma vida mais leve, né. Que a vida urbana é muito agitada, muito estresse. E eu sou professora. Eu dou aula pra criança e adolescente. E eu sinto um estresse, uma tensão muito grande nas crianças. Tanto é que eu senti muito isso quando meu filho nasceu...essa coisa assim de ‘eu não quero isso pra ele’? Como que eu vou fazer pra ele não sentir isso tão forte, né? Porque é lógico que tem uma pressão ou outra, um estresse ou outro no dia a dia. Mas eu não queria que isso fosse tão forte. E aí veio assim naturalmente a ideia de começar a frequentar mais as hortas do meu tio, e a partir daí eu comecei a viver isso, meu marido também intensamente e a gente tá praticamente em função disso assim.

Dessa forma, nossa decisão foi realmente assim de... De espírito, de renovação, né... A gente queria uma vida mais... Uma vida mais humana, mais natural, uma vida mais... Enfim...acho que essas duas palavras definem bem: mais natural e mais humana. O que a gente vê hoje na nossa sociedade não é um pouco nem humano, nem natural. Tanto nas relações com as pessoas, como nas relações com o meio ambiente, né... Se você for pensar na relação com o meio ambiente, então é aí que a coisa sai completamente de rumo.

Eu quis resgatar uma coisa que eu já tinha experimentado, que era uma vida mais perto da natureza, um outro ritmo né, uma coisa mais pacífica...e sentir que eu me importo com as pessoas, e as pessoas se importam comigo, eu acho que é um pouco isso.

O mais importante dessa vida é ter mais silêncio de todas as formas. Eu me sentia, na vida normal, vamos dizer, muito guiada, mas não guiada no sentido positivo. Eu me sentia num fluxo que eu não podia sair. Não podia nem parar pra pensar direito quem eu sou, o que eu quero na vida, nem pensar o que estava acontecendo com o nosso planeta como um ser vivo por inteiro. Então é uma coisa tão corrida. A vida é tão corrida, tem tantas coisas, tanto “input”⁵⁴ também de televisão, das outras pessoas, do que você precisa fazer no dia, que eu não conseguia me conectar com o que eu acho realmente importante na vida. E isso, viver a vida que a gente tá vivendo agora... Isso fez com que eu pudesse sentir mais, sentir a conexão. Não só com as coisas, mas também comigo mesmo, com as coisas que acho importantes, com quem eu sou, e também ver para o que dar prioridade na vida.

Foi isso que eu passei a minha vida buscando: mostrar que a gente pode viver uma outra vida, uma vida que não seja escrava do dinheiro, escrava de objetos, né. Uma vida prazerosa, viva, e não uma vida pro mercado.

<p style="text-align: center;">Discurso de como se procedeu a mudança da cidade para um ambiente mais em contato com a natureza</p>
--

Ideia Central

Sair da capital, do estresse da cidade grande em busca de lugares mais tranquilos, rurais para viver. Dá medo de sair da zona de conforto mas ter essa chance traz muita felicidade.

DSC

Eu pensava muito em voltar pro interior. Mas eu imaginava que eu ia voltar né, pra ter uma vida mais diferente, na natureza...

Então eu pensei: Quer saber de uma coisa? Vamos fazer a gente mesmo? Vamos! A gente aprende! Se der errado, deu errado e a gente faz de novo, e faz de novo, e faz de novo, até dar certo. Mais ou menos nessa linha que a gente tem seguido. Algumas coisas deram muito certo, outras deram muito errado, mas eu acho que a maioria tem dado certo, né... Se for botar assim pesos na balança, acho que...por aí.

Então a gente começou a ver terrenos pra comprar e aí como eu conhecia muito a região, e a ideia era ser num raio de pelo menos 80 km da capital, eu fiz essa busca, né... e pensei: É isso mesmo, a gente tem que vazar dessa cidade

Eu tomei a decisão, nós tomamos, a decisão de vender a nossa casa, a gente não aguentava mais viver na cidade, pressa, engarrafamento, violência, assalto... Já fui assaltado algumas vezes.. E aí a gente pegou e foi morar no interior.

⁵⁴ INPUT é uma expressão da língua inglesa que significa entrada. O termo é muito utilizado na área da Tecnologia da Informação (TI). No caso da entrevistada, ela quis dizer que a correria e a pressa da vida moderna é recheada de informações de todos os lados, a todo momento. Se não houver um filtro, invadem os pensamentos e se conectar com o que é importante acaba não sendo possível.

Então eu saí da capital, né. Pro colar metropolitano, um lugar, que é na região metropolitana, mas já é bem... Considerado fora da região metropolitana, é uma área rural, assim, periurbano, né. Mas é uma área bem rural assim. Mais sítios, casas assim grandes, mais sítio mesmo. [...]. Aí que eu fui atrás dessa galera que tava trabalhando num sítio, desenvolvendo uma capelinha em adobe e desenvolvendo assim, fazendo a permacultura na prática assim, fazendo plantio de tudo, sem ter experiência prática, sem ter feito cursos PDCs⁵⁵ antes, mas mais mão na massa mesmo. Aí eu fui chegando lá, [...] E eu acabei ficando, fui ficando, fui me apaixonando pela permacultura e aí entrei pro movimento.

Aí caí de cabeça num lugar maravilhoso, adorei, né. Tinha um pomar, coisa que qualquer pessoa da cidade fica doido, né: pomar, cheio de laranja, eu posso comer o tanto que eu quiser! É incrível a abundância assim, um monte de bananal e tinha água... E eu achava que ninguém tinha água assim de nascente nessas propriedades. Eu achava que era só pra empresa que vendia água e tinham altas nascentes. Aí eu fiquei abestalhada com isso tudo. Aí bom... Aí não quis voltar mais, né. Desde então a gente tá nessa de procurar lugares mais tranquilos, mais rurais pra viver. Até porque tem outras questões: tem a vizinhança que é sempre muito mais acolhedora, mais amiga, a gente tinha vizinhos que eram agricultores, apareciam lá em casa, às vezes às 11h30 "Você quer esse brócolis? Porque eu acabei de colher aqui e acho que queria dar pra você. Fique minha filha, fique". E aí isso é bom demais assim pra você de repente... Abandonar e voltar pra aquela... pro isolamento, pro... Pra essa coisa mais fria que existe na cidade entre as pessoas e tal..

E decidimos viajar pro Peru, porque lá a gente sabia que as pessoas tinham jeito de viver mais simples, com mais contato com a natureza, e lá a gente acreditava que poderia aprender com eles como que a gente ia fazer. A gente pensava em aprender a plantar, aprender a construir a nossa casa e a gente foi pra lá, ficamos morando no Peru durante um ano e a gente aprendeu com o povo de lá outras maneiras de viver. Eu aprendi a cozinhar só no fogão a lenha, a gente aprendeu a utilizar banheiro seco, a gente aprendeu a plantar, aprendeu a construir com adobe, né, tudo assim de uma forma bem espontânea com a própria população. Porque pra eles isso é normal, a vida deles, nessa região que a gente tava, é assim mesmo, é normal. Ninguém tem fogão a gás, ninguém tem geladeira, sabe? Então a gente foi lá viver isso de verdade e a gente foi lá aprender com eles. E foi ótimo, a gente aprendeu.

Então eu sentia de um jeito bem forte assim, os ritmos da natureza. Isso foi uma coisa nova pra mim. Não é nova mas traz uma memória muito forte, né...acho que todo mundo tem isso de alguma maneira, resgata uma coisa meio ancestral que ficou perdida mas que volta muito rápido se a gente deixa, se a gente permite isso, né. Então acho que pra mim isso foi uma coisa bastante importante.

Essas coisas né... De viver na cidade, viver escravo, de sentir que não se vive, de que a vida não é verdadeira, é uma "Matrix"⁵⁴ e pápápá.

Então ter essa chance de sair assim dessa loucura toda, dessa correria toda, soltar tudo que era conhecido, tudo que eu tava acostumada, pra realizar um sonho. Aí foi ao mesmo tempo muito bom, deu muito medo, mas muito feliz de ter essa chance.

⁵⁵ Certificado de Design em Permacultura. ⁵⁴

Alusão ao filme "Matrix".

Ideia Central

Existem muitos hábitos e apegos de conforto da cidade uma vez que a base é a vida moderna urbana. A vida na natureza, apesar de bucólica e romântica, não é fácil. É preciso lidar com outras dinâmicas como o silêncio, a presença de outros seres vivos, o cuidado com a terra, entre outros. Não é um desafio que todos superariam, entretanto, sair da zona de conforto é gratificante.

DSC

Eu acho que viver no meio da natureza é completamente diferente de você viver no meio da cidade. Na cidade você não pensa na natureza, você não vivencia ela todo dia, você esquece, porque você tem suas obrigações diárias de trabalhar, de tá sempre fora de casa, de tá sempre correndo, cumprindo algum horário, algum compromisso. Você não consegue pensar, você até se desconecta de você mesmo. Eu acho que não tem nada igual. Mas existem algumas manias que a gente traz da cidade porque são coisas que estão muito enraizadas no nosso ser. Desde que você nasceu, você aprendeu a viver numa casa que tem que ter certas coisas que você, depois mesmo que você sai, você vai continuar pensando que precisa ter algumas coisas, né. Não exatamente iguais, mas você vai reproduzir da mesma forma, né. Você vai ter uma mesa pra você comer e vai ter que fabricar ela, você vai ter que fazer uma casa, vai ter cama, algumas coisas não mudam nada. Mudam na simplicidade do que são essas coisas que você precisa, mas algumas coisas se mantem, nas necessidades do dia a dia. Como uma água encanada, uma ducha pra banho, são coisas que a gente ainda precisa ter, não consegue viver selvagem na natureza, eu pelo menos não consegui.

Eu acho supernatural, porque na verdade a gente tem esse sonho, essa vontade de ir pra um lugar em que a gente nunca esteve antes. Eu nunca tinha morado na zona rural. Por exemplo: eu tinha uma relação de amor e ódio com a estrada de terra que levava pra ecovila. Sete quilômetros de estrada de terra. Era uma estrada linda, uma paisagem linda e tudo ia muito bem em dias de sol. Quando tava chovendo, aquilo se transformava num filme de horror pra mim.

A gente pode ter algumas expectativas, algumas ideias de como vai ser morar na natureza, mas você não vai saber até fazer. Porque eu acho que, pra qualquer um, você leva você mesmo, né. Então, toda sua experiência, toda sua história, todos os seus padrões e desafios você leva com você. Não tem televisão, não tem notícia, não tem ir pra bar, pra festa, pra nada... Então tudo fica maior, mais... Pede mais atenção. Aí... precisa querer mesmo. Eu vi muitas pessoas aqui mesmo... Eles chegam aqui, ficam mais ou menos dois anos e desistem, voltam pra cidade. Eu acho que assim, não é pra todo mundo.

A gente não tem nenhum pique real de roça assim. Porque todo mundo veio da cidade e cresceu na cidade e tem vários apegos. Muitos apegos de conforto, de... Se a gente andar vinte metros pro lado do vizinho a gente vai ver como é que se vive na roça. Por mais que a gente ache que nossa vida é simples, num é. A casa do nosso vizinho é toda feita de taipa, o chão é de barro dentro, eles não têm água encanada, é isso assim. Tem eletricidade há, sei lá, 3 anos, né. É outro esquema. E a gente reclama que nossa casa é pequena, mas lá dormem dezoito dentro de uma casinha do mesmo tamanho que a nossa.

É bem diferente né. Eles não têm equipamentos que a gente tem, eles não têm, sei lá, a quantidade de itens que a gente usa com muito conforto. [...] Você tem que procurar o que faz sentido pra você no momento né. Se eu boto uma meta só porque eu acho que deveria ser e não porque eu sinto que tem que ser, vira um sofrimento. Aí não faz sentido, né?

Coisas assim: não, não vamos seguir o que o sistema diz. Então eu não vou pegar todas as toras de eucalipto da minha casa e passar na autoclave porque tem métodos mais naturais de se fazer essa preservação da madeira. Tá, vamo nessa. Anos depois? Casa com cupim. E aí o que eu tive que fazer? Jogar um monte de veneno lá pra garantir que minha casa não ia cair. Então assim, esse processo todo me ensinou muita coisa assim. Eu me tornei muito mais tolerante e muito menos radical. Então assim, nada é verdade absoluta mais pra mim e tem coisas que realmente não valem a pena fazer, sabe? Eu fui deixando de lado coisas...que os budistas falam assim sobre desilusão, né. eu me desiludi. O que pra eles é positivo, você sai do âmbito da ilusão. Então eu deixei de lado a ilusão e vamo ver o que é...de que maneira o meu sonho cabe numa realidade e de que maneira eu posso construir uma realidade diferente pra caber meu sonho. Esses dois caminhos, né. Mas o que eu via lá era isso assim. Além dos meus perrengues, muitas pessoas também tinham essa dificuldade.

A gente começou num tipi. É...se tentar copiar, se...por exemplo: eu nasci numa cidade, numa casa normal, então, tem uma necessidade dentro de mim, quando eu não fico muito consciente, muito legal, de copiar o que eu estou acostumada dentro do ambiente que eu estou agora. Então, tentar fechar a casa perfeitamente, pra não ter aranha entrando, não ter escorpião entrando, sabe? Mas gente, eu escolhi uma vida na natureza, então, porque que o bichinho não pode entrar? Então, é... só se você tiver muito consciente mesmo de cada passo, cada decisão que você faz, você consegue viver essa vida e ficar em conexão com a natureza. Porque se não, você vai construir sua casa, ah, mas é legal construir mais uma coisinha aí, vamos fazer um chuveiro quente, ah, vamos sim colocar eletricidade...porque é o que a gente tá acostumado.

É um ambiente diferente. E aí a gente chega igual, num ambiente diferente. Aí as coisas vão se encaixando, né, pouco a pouco. Beleza, você vai ter que necessariamente mudar seus hábitos por conta do ambiente, né... por isso que falei da distância de buscar as coisas, de né... do tempo ser diferente, é... seu ritmo biológico fica totalmente diferente... então você já não fica acordadão até meia noite assistindo Netflix⁵⁶... só se você quiser... mas assim... não! Mas...aí você leva isso até onde você quiser, né. Se você quiser ir pro meio do matão...

Então eu sinto, eu vejo assim muita dificuldade. Assim, a gente é mais pé na terra. A gente desapegou até de luz elétrica. A gente não tem nem é...como se diz...máquina de lavar mais, e tudo. E aí, isso gera outras contradições né. Que é pagar uma pessoa pra lavar as roupas, mas a gente tem que viver com isso. Porque eu, como mulher, eu acho que não é que eu não consegui desapegar, né. Mas, na minha raiz, a minha estrutura quanto mulher, não é uma estrutura de uma mulher rural, que dá conta da casa, que dá conta de tudo. Eu preciso parar às vezes e fazer um trabalho intelectual. Não dou conta do trabalho de ser só a mulher da casa, como essas mulheres fortíssimas que a gente vê por aí que dão conta da sua própria casa, né. Principalmente essas do rural. Hoje em dia, pra elas conseguirem um dinheiro, o que elas podem fazer é dar conta da própria casa e ainda trabalhar no sítio dos outros, né. Que é o que acontece na maioria das vezes nas

⁵⁶ Netflix é uma provedora de filmes global, por assinatura, onde se encontra séries de televisão e filmes do mundo todo.

comunidades aí. Que, hoje em dia, pras mulheres do rural ganharem dinheiro, elas têm que trabalhar nos sítios das outras pessoas que é o que acontece na periferia das grandes cidades também, né. Mas eu não dou conta de ser essa rural por completo, essa mulher por completo. Nem ser a mulher da lida da enxada, da agricultura e tudo. Ainda, né... Gostaria, até. Gosto muito de plantar e mexer com a terra, mas ainda não consegui conciliar tudo não. E, ah... Eu vejo aqui assim: o que eu, nessa parte assim dos eletrônicos, da vida, do conforto da cidade até que eu consegui desapegar bem. Mas eu vejo que muitas pessoas têm dificuldade com isso.

E a relação com bichos, né, que apareciam. Então assim, uma vez eu...uma vez não, algumas vezes eu quase pisei em cobra, na calçada de casa, né. esse tipo de coisa que você fala assim “puts!”...é bonito e tal, é bucólico...mas quando você tá no dia a dia, chegando em casa, que você abre a porta do carro e vê uma cobra, não é muito agradável, né. Então essa coisa assim sonhadora, romântica e tal no dia a dia é um saco. É tudo muito lindo, vamos apagar todas as luzes mas deixar...como aconteceu várias vezes...deixava a porta da varanda aberta e aí entrava morcego na casa, né. Então o que virou pra mim um mito na ecovila era assim: quando você chegava na entrada do loteamento, na entrada da ecovila, tinha uma porteira. Essa porteira servia pra evitar que o gado da fazenda vizinha entrasse na ecovila e pisoteasse horta, estragasse jardins ali das pessoas e, principalmente, que ele não chegasse até as nascentes porque enfim, pisoteio e nascente é um desastre, né. As pessoas reclamavam da porteira, porque em dias de chuva, elas tinham que descer do carro e tomar chuva pra abrir a porteira. Então tinha gente lá que era a favor de fazer uma guarita. A porteira coberta. E tinha gente que queria uma porteira automatizada, portão eletrônico na porteira e cada um ia ter seus “controlezinhos”. E tinha gente que queria “não então já que a gente vai por uma guarita, porque que a gente não contrata uns vigilante?”. E aí você vai...cada um vai construindo um negócio e daqui a pouco isso daqui vai virar Alphaville⁵⁷. Então muita gente vai com essa expectativa de uma vida mais natural, mais perto da natureza, mas sem perceber, começa a trazer todos os confortos da cidade e seus problemas, né. Eu acho que tem coisas que são importantes sim, mas outras que se você começa a trazer muitas, daqui a pouco você perde aquilo que você tem demais...aquilo que te levou até aquele lugar, né. Então é isso, é uma coisa que acontece bastante, assim. Ou então de gente assim que quer contato com a terra, quer plantar e tal e quando vê, tá contratando funcionário pra fazer isso. Então...contrata um caseiro, né. Contrata uma pessoa que vai fazer os canteiros. E é difícil por exemplo...lá tem o capim braquiária, porque antigamente a ecovila era um pasto. Então esse pasto, ele é superdifícil de você controlar, ele cresce muito rápido, você tem que usar aquela roçadeira pra manter baixinho. Eu várias vezes rocei com máquina a gasolina lá e tal, enfim, pra manter... mas chega uma hora que não dá, é difícil e você vai lá e contrata uma pessoa. Eu me sentia numa contradição quando eu fazia isso, porque eu queria dar conta. Mas ao mesmo tempo essa vida simples, ela dá trabalho, né. Então assim, só o fato de morar num lugar que você não tem a possibilidade de na hora de um aperto assim e falar ‘nossa, eu acho que é mais fácil sair de casa e ir almoçar no ali no “kilincho”, sabe? Porque quem trabalha...o sonho de quem trabalha fora é almoçar em casa e o sonho de quem trabalha em casa é almoçar fora, né. Você não ter o trabalho de parar, fazer almoço, aí limpar a cozinha e aí quando você volta pro trabalho você já perdeu 3 horas. Então lá eu tinha assim: todo o trabalho da casa pra fazer, mais todo o trabalho do escritório pra fazer, né...e cuidar das coisas

⁵⁷ Alphaville é o nome dado à bairros ou loteamento fechados, de grande porte, comumente distantes da região central das cidades, onde vivem pessoas de classe média alta.

da ecovila que eu queria participar...então assim, era uma vida simples que nossa, me deixava exausta, todos os dias exausta. Então aquela visão assim de uma vida bucólica e mais tranquila e tal, eu tive poucas vezes isso, né. Eu conseguia, eu tava sempre assim tentando me manter conectada, principalmente observando a natureza, conectada com as fases da lua, tinha sempre aquele momento de contemplar o lugar e tal mas era com esforço. Não era uma coisa assim natural, porque eu mudei de endereço agora eu virei uma pessoa bucólica, né...não é porque você muda de endereço que automaticamente você vira uma pessoa mais ecológica ou pronta pra saber o que é morar numa comunidade. E todo mundo acha que mudou pra uma comunidade ela já tá pronta, né...e não, você tem que construir junto. E aí a pessoa reclama que não tem isso, não tem aquilo e eu falo 'bora lá fazer!', mas não faz e aí então, quer o que, né? Mas sabendo que eu tô num lugar que me faz muito mais consciente das coisas, faz com que eu tenha certeza sim, que agora eu tô no lugar certo, no estilo de vida certo, e eu acho que é isso.

Discurso sobre a educação dos filhos

Ideia Central

Apesar da dificuldade de aceitação, por ser uma prática relativamente nova, alguns pais querem entrar para a linha da descolarização⁵⁸. Em cada comunidade o movimento de educação vai acontecendo conforme a demanda das crianças desse local, momento onde os pais, em comunhão, se reúnem para decidir o que será feito. Há comunidades que tentaram montar suas próprias escolas.

DSC

Desde quando ela nasceu eu ficava angustiada, pensando assim “vai chegar aquela hora que eu vou ter que fazer aquele rolê de escolinha.” E tipo, é porque eu nunca conheci uma escola massa na minha vida assim. As que eu estudei não eram legais. Por mais que minha mãe tivesse cuidado de escolher uma escola construtivista, não sei o que, pequena, poucas crianças... nada disso na verdade é o que importa, saca? E aí eu nunca conheci uma escola que eu falasse: cara, quando eu tiver uma filha eu vou colocar ela nessa escola! Porque a gente passa por isso, né. Aí eu ficava nessa, né, de achar que era uma etapa necessária para a vida de todo ser humano.

O que tava acontecendo era um movimento assim de conseguir dar uma liberada na mãe um pouco...uma das mães se oferecer pra cuidar das crianças né. Era uma creche quase. Meio período, passar a tarde com os bebês na casa dela. Ou então as vezes as mães iam junto, na maioria das vezes, aliás, as mães se encontravam numa das casas e passavam a tarde juntas, ali. As vezes uma mãe deixava o bebê, uma criança pequenininha sozinha pra poder trabalhar, ou ia até a cidade buscar alguma coisa, então tava começando a ter

⁵⁸ “Desescolarização é o termo que tenho usado para expressar o desejo de tirar a escola de dentro de mim, a escolarização, que eu defino como massificação, colonização e que cria desejos artificiais em seus alunos. Seria mais preciso falar sobre mudança de paradigma de uma cultura e de um sistema.”. THOMAZ, Ana: O que aprendi com a descolarização | Ana Thomaz. Entrevistador: O Lugar. Entrevistada: Ana Thomaz. 16 mai. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QveTf5DekIo>>. Acesso em: 7 de dezembro de 2016.

um movimento de: o que vamos fazer com as nossas crianças? Como vamos cuidar delas e tal.

É...tem alguns pais querendo entrar pra essa linha da descolarização. Mas as crianças mais antigas, né, de nove, dez anos. Eles até chegaram a tentar criar uma escola Waldorf⁵⁹, aí montou uma turminha com três, quatro crianças. Aí não ficou muito sustentável, uma turma com quatro crianças. Depois as crianças, foram elas mesmas se sentindo isoladas, né. Que todos os outros, tipo, estudam na escola, e só quatro na escola separada, né. Aí o projeto que tinha, a pessoa que puxava esse projeto, que chama Florescer de Educação e Permacultura, ela meio que decidiu fazer uma coisa alternativa a escola, tipo contra turno, vivências no outro turno, oferecer uma educação alternativa no outro horário pras crianças, pras nossas crianças, atender as crianças da comunidade também, não ficar só numa coisa meio segmentada, né.

E a gente só tá aqui por causa dos nossos filhos, que precisam ter um convívio social, que querem ter suas amizades, que precisam disso, eles precisam ter esse tipo de troca, né...eles vão precisar fazer as escolhas deles e a gente acha que não tem o direito de tirar eles completamente de um convívio social.

As coisas são feitas na medida da necessidade, né, da demanda. Na hora que elas começaram a aparecer é que foi natural os pais e as mães se organizarem, se unirem em torno disso, né. O que nós vamos fazer, o que que a gente vai pensar, educação e tudo mais.

As nossas crianças, por elas terem esse contato com a cidade, é pra elas é mais difícil assim, digamos entre aspas, desapegar, né. Elas têm dificuldade de...elas são crianças mais aceleradas, sei lá...elas têm uma facilidade na escola que é diferente das crianças nativas daqui, né. E...então assim, até pra isso também a gente escolheu esse distrito aqui, que é um distrito que tem outras crianças iguais...ao meu filho por exemplo, vai ter outras crianças também iguais a minha segunda filha, que é minha bebê que tá crescendo aqui, que tem mais ou menos a mesma estrutura familiar e a mesma história, né. Pra elas poderem ter como amigos, como referência, outras referências também.

A gente tinha essa linha ideológica, a gente tentou montar uma escola Gokula⁶⁰, que quer dizer “a casa do mestre”, escolas pra botar nossos filhos que iam nascendo crescendo assim como no mundo alternativo também era uma intenção educar os filhos pra não deixar eles viverem o mundão “dos caretas”, “dos materialistas” enfim, a mesma coisa só que com outra pincelada, como agente era organizado, é um elemento importante, ter organização tinha estrutura pra bancar, pessoas trabalhando nos templos na cidade mandando recurso pras comunidades. Porque a recomendação do Mestre Prabhupada⁶¹ era de construir essas comunidades autossustentáveis e ir morar lá, os templos na cidade serviam pra pregar a filosofia e trabalhar. As comunidades alternativas tinham menos recursos. Como eram menores, não tinha uma instituição por trás. Essa organização toda conseguiu muitos avanços nesta dimensão de escolas, mas tentaram fazer as escolinhas.

⁵⁹ A escola Waldorf segue uma psicologia de mesmo nome, a qual tem uma abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. Essa pedagogia procura integrar, de maneira holística, o desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos.

⁵⁶ “É um recanto natural que oferece a seus visitantes uma variedade de vivências baseadas no princípio de uma vida simples, natural e saudável.” Disponível em: <<http://www.novagokula.com.br/>>. Acesso em 4 de janeiro de 2017.

⁶¹ “Fundador-Acharya da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna”. Disponível em: <<http://pt.krishna.com/o-fundador-srila-prabhupada>>. Acesso em 4 de janeiro de 2017

Umam tentaram legalizar e outras foram pro particular, tipo homeschooling. Nos anos 90 teve a aprovação do ECA, como teve essa mistura com essas ONGs, eu tive esse outro olhar que aconteceu, o peso da situação legal, só veio a existir quando foi aprovado em 13 de junho 1990. Com o ECA, foi se criando, demorou um tempo pra ele ter mais vigor, os conselhos tutelares existirem, começou a ter a obrigatoriedade do ensino na escola. Ou seja, todas as escolinhas começaram a enfrentar problemas com juízes. Muitos não quiseram correr o risco de ser cassado pela justiça e desistiram. Daí isso foi junto com aquele fenômeno da abertura política foi justamente quando as crianças tinham idade pra ir pra uma escola, é assim no Brasil. Nos EUA como as comunidades já tinham mais tempo eles educaram os filhos como nos filmes, no mato e tal, o homeschooling já faz muito tempo. Eles também, em algum momento, tiveram o enfrentamento. Como eles são um povo mais articulados criam rapidamente associações que defendem seus interesses comuns. Daí sim eles conseguiram manter alguma coisa. No Brasil teve um fenômeno. Comigo aconteceu assim, tive essa experiência com meu filho em Nova Gokula, na fazenda. Começou uma escola assim. Eu tenho meu posicionamento, porque eles tentaram fazer uma escola ligada ao MEC autorizada pelo MEC, e eu contestava isso porque se a gente quer fazer um ensino totalmente alternativo não segue nenhum parâmetro. Porque que temos que ter a aprovação deles? Eles seriam sempre influenciadores, ou seja, eles iriam dizer quais seriam as regras. Isso realmente fez com que não desse certo. Ter que se adaptar aos padrões, a escola acabou não rolando. O MEC, o objetivo dele, é exatamente fazer com que experiências como essa não deem certo. Aí fomos pra uma cidade pequena e as escolas nessas locais. Lembrando, em cidades com três mil habitantes, pequenas, nós não temos problemas das megalópoles. E as escolinhas do interior o pessoal é simples, o pessoal humilde, não 30 alunos gritando. Assim não tivemos muita dificuldade com educação. Em 2004 a gente tentou criar uma escolinha alternativa na roça onde eu moro, chamava-se Sociedade das Mandalas. Acho que nossos filhos vão ter vivido a construção da casa que eles cresceram, e né... vão ter isso mais muito natural, assim... porque... criança aprende por experiência, tem essa também, né?

A gente não põe criança pra assumir responsabilidade de adulto. Criança não tem religião, criança não tem partido, criança é criança e depois que for grande escolhe o caminho. Estamos criando eles assim.

Discurso dos gastos financeiros

Ideia Central

Ou se trabalha com alguma coisa que tem na terra ou na internet. O custo de vida nesse modo de vida é bem mais baixo, vive-se bem com menos para se manter. Abre-se mão pra ganhar menos e viver mais. Ademais, existem as trocas entre a comunidade ou vizinhos e os trabalhos de freelancer.

DSC

Você tem que ter internet, eu acho. Acho que tem que ter internet... eu trabalho com design gráfico, pra mim é bem tranquilo. Eu faço minha hora, eu tenho flexibilidade né, porque também eu tenho neném. Então, a hora que o neném tá de boa com o pai é a hora que eu tenho pra trabalhar ou à noite depois que ela dorme. E isso é massa assim pra mim... É... Ou você trabalha com alguma produção que tem na terra, como aqui né, que tem a produção das coisas. Ok, tem que comprar material e tal, mas isso é de boa, manda pelo

correio e chega. Mas ou você trabalha com alguma coisa que tem aqui ou você trabalha na internet. Mas é, mas aí assim, o custo de vida aqui também é bem mais baixo, né. Você precisa de bem menos pra se manter aqui. O aluguel na cidade era mil e oitocentos reais. Aqui eu pago duzentos e cinquenta. Então tipo, não adianta. Por mais que o meu marido ganhasse, sei lá, cinco mil reais por mês lá, era cinco mil reais que a gente gastava, sabe? Até pela dificuldade de locomoção, a gente compra bem menos coisas. A gente é muito mais forçado a se virar com que tem em volta, e tem muito material em volta e muito recurso, muita comida em volta. Beleza, se não dá pra comprar sacolão essa semana, a gente vai catar coco, a gente vai catar batata, a gente vai dar um jeito, né?

Meu marido trabalhava com geologia nas frentes da mineração mesmo, tipo, ia fazer sondagem e tudo e aí conseguia ganhar um valor bom que nos sustentava por algum tempo, assim, sabe? Tipo, ele trabalhou por seis meses, a gente fica um ano vivendo simples e com esse dinheiro. Aí depois quando começou esse movimento a cair, aí eu fiz um curso de marketing digital, que ensinou a usar essas ferramentas pra divulgação do trabalho, tudo, e comecei a fazer, acreditar que esse curso online poderia ser a nossa chance assim de viver do que a gente gosta e de fundir a permacultura e poder viver na roça do jeito que a gente queria. Aí agora, assim, a gente aprovou um pequeno projeto, tamo dando um curso no leste de Minas e aí assim, tamo vivendo assim, dessas rendas e acreditando que, assim, essa construção do nosso nome como especialista da permacultura e tudo, vai nos ajudar a conseguir ter. Porque como tá aumentando a procura por permacultura, e se a gente continua investindo nesse curso online, a gente acha que isso vai ser assim, a gente tá confiante assim, que, indo devagarzinho e seguindo o fluxo, postando fotos do trabalho, divulgando, que a gente vai conseguir, dessa forma mesmo. Antes disso a gente tava vivendo. Eu tinha uns trabalhos também, porque eu trabalho numa ONG com agroecologia, aí eu tinha alguns freelas que eu fazia e, o próprio curso online⁶², por mais que ele ainda não tenha sustentabilidade financeira, entra alguma coisinha, sabe, dele... O meu marido também é marceneiro, aí ele faz uns trabalhos aqui, a galera tava sabendo que a gente tava nesse negócio de final de obra, que é sempre muito apertado e tudo... Os amigos aqui que moram sempre dão uma força, chamam ele pra fazer um trabalho e outro, alguma coisa, algum trabalho que precisa, algum reboco, ele fez um reboco de um muro da cidade aqui, um muro antigo e tudo. Depois, fez uns trabalhos de marcenaria e assim vai indo. Os amigos aqui é... Já tão sendo convidados pra dar curso fora, né... Sempre tem alguns... Alguns fazem mestrado e recebem bolsa, alguma coisa assim... Vai se virando, mas é viver com pouco. A vida aqui também é mais barata, né.

Eu já tinha mudado de vida o bastante pra precisar de pouco dinheiro, né. Minha renda era exclusivamente do jornalismo ainda. Porque eu tinha algumas colunas em algumas revistas e eu continuei mantendo isso e o blog também. Mas eu tinha a intenção de migrar pra alguma outra coisa que eu não sabia o que era, né. O que que ia aparecer no caminho. Eu tentei algumas coisas, mas o que me parecia, o que funcionou melhor foi a história de fazer eventos lá dentro. Eventos que eu digo assim: as vezes turismo ecológico, né. Muitas pessoas tinham curiosidade de conhecer a ecovila. Então a gente fazia assim: o dia todo pra conhecer. Então as pessoas chegavam de manhã, tomavam um café da manhã com a gente, ouvia um pouco da história da ecovila, depois fazia uma caminhada pra conhecer a ecovila toda, a gente fazia umas paradas nas áreas comunitárias: os pomares, o centro comunitário, a horta comunitária, alguns pontos ali que são comunitários. Eu acredito que as ecovilas, elas têm uma vocação de serem locais de

⁶² A entrevistada oferece um curso de permacultura online.

demonstração, então as pessoas tem vontade de conhecer. Elas vão porque elas querem saber como que é uma casa de uma ecovila, então a gente tinha lá roteiros para estudantes de arquitetura e a gente fazia entrada, visitava algumas casas. E as pessoas contavam algumas histórias das suas casas, técnicas que tinham sido usadas, como que foi feito a construção e tudo mais. Ou então pessoas que iam pra lá querendo saber sobre agricultura orgânica. A gente tinha vários perfis de público, assim, pra levar. Mas basicamente a renda tava vindo do turismo. E quem recebia? Quem trabalhava na recepção daquelas pessoas de alguma maneira. Quem cozinhava, quem dava alguma palestra, quem abria a casa quando era alguma coisa de fim de semana ou de feriado, quem hospedava na sua casa, pois os hóspedes se dividiam nas casas das pessoas; ou quem oferecia uma oficina. Eu e meu marido por exemplo, quando a gente tinha coisas lá, no sábado à noite, a gente tocava pra eles. Então a gente transformava a sala da minha casa numa casa de show assim, era bem legal, então a gente fazia uma apresentação musical assim pras outras pessoas, então o dinheiro vinha disso. Bom, agora a gente ainda precisa de dinheiro, infelizmente, né. nem todo mundo aceita fazer trocas que não seja na base do dinheiro. A gente abriu a nossa casa, que a gente fundou o espaço EccoMuna, espaço ecológico, onde a gente recebe visitantes, recebe viajantes pra se hospedarem. A gente tem uma área de camping, a gente quer construir um redário e no futuro a gente quer construir chalés e o que a gente pensa em fazer aqui também tem ligação com o que a gente acredita para a mudança no planeta, para a mudança da sociedade. Que essas pessoas que já buscam um contato coma natureza, elas já vêm pra cá... e que elas possam aprender, se elas quiserem, o manejo com a terra, aprender a plantar, a colher, aprender a fazer hortinha orgânica, aprender a importância de uma alimentação saudável, aprender a construir se elas quiserem...então a gente faz essa troca em moeda mesmo. A gente cobra um valor bem abaixo do que o valor que é cobrado por aí porque nosso interesse não é ficar rico, não é nada disso, nosso interesse só é uma troca que seja justa pra gente poder comprar alimentos que a gente não possa produzir aqui e eu acho que é bacana porque além das pessoas virem pra cá pra se conectar com elas, com a natureza, sair fora da cidade um pouco, elas também podem ver que a gente vive de uma outra forma, e a nossa intenção é estimular essas pessoas a mudar um pouco o jeito que elas vivem, né. Quem sabe? A nossa intenção também é essa, de incentivar a mudança individual.

As trocas com os amigos são sempre muito bacanas porque a gente, quando tem um estilo de vida, você atrai pessoas que tem o mesmo estilo de vida né, onde quer que você esteja. Então aqui, onde a gente vive, a gente tem como nosso vizinho aqui um outro sítio que tem várias pessoas que moram, são várias casas, e ali todo mundo é muito bacana, muito desapegado. A gente faz almoço comunitário, todo mundo come junto. Se alguém tem, sei lá, o pé do mamão do vizinho deu mais do que ele pode comer, ele compartilha com todo mundo né. Aqui em casa também: se a gente tem alguma coisa que é mais que suficiente pra nós, a gente compartilha com eles. E é muito massa, muito bom, é uma delícia. Eu acho que o princípio da amizade verdadeira seja esse, de troca, de cuidado um com o outro, e é isso que eu vejo aqui nesse lugar que eu tô inserida, que eu acho muito bacana mesmo.

O trabalho é mais pra ganhar dinheiro, lógico que a gente trabalha com amor, mas a gente está trabalhando menos e vivendo mais em família, juntos, tentando buscar um lugar novo, viajando. A gente preferiu reduzir o dinheiro que a gente ganhava pra se ocupar mais com uma vida natural. Porque com uma vida natural não dá pra você ganhar tanto. Dá pra você produzir seu alimento e economizar dinheiro nisso. Mas não dá pra

you ter luxo e nem é isso que a gente quer. Então a gente abriu mão pra ganhar menos e viver mais.

Discurso da acessibilidade financeira, educacional e social

Ideia Central

A permacultura, assim como o movimento das comunidades intencionais não é popular ainda. O desafio agora é popularizá-la e para isso existem alguns grupos realizando projetos mais acessíveis.

DSC

Para tornar esse caminho mais acessível, só com educação. Não tem outra. E é a educação em todos os sentidos, né. Educação sistêmica, uma educação viva. Não aquela educação somente que é muito boa, de livros, de documentários, de imagens, de textos, de palestras, mas aquela educação que tu vê com a tua mão quando tá plantando, que o coração lê a terra quando tu tá plantando. Que teu coração lê o universo, quando tu tá olhando pras estrelas. Quando teu coração lê a natureza quando tu tá ouvindo o vento. A permacultura no Brasil, diferente de Cuba e outros lugares da América Latina, ela entra através da classe média alta. Então os cursos de permacultura, o público inicial que trouxe a história da permacultura é recente, a história das ecovilas, do gaia, Gaia Education⁶³... o Gaia Education era dado na USP em auditório! E a permacultura também, você vai ver a galera da permacultura muito branquinho, de olho claro... A maioria da galera dos Sul e Sudeste do Brasil, agora que o Nordeste já tá entrando mais forte, entende... A permacultura não é popular ainda. E aí a permacultura é uma ponte e vice-versa para o movimento de ecovilas e ecoaldeias, que é muito mais amplo que a permacultura. O universo, né... Enquanto a permacultura é um mundo, as ecoaldeias são um universo. E aí a gente percebe muito que assim, tá ligado como entrou. Só que como existe toda uma história de classes no Brasil, de camadas, de preconceitos e distâncias, as ecovilas não são acessível no sentido de formação, no sentido de jeito. As ecovilas não têm jeito de povo.... Elas não têm, embora elas estejam se reconstruindo, cada ecovila é única.

Existem esses PDCs que primeiro estão totalmente ultrapassados, tudo que se aborda num PDC, dois dias de leitura na internet, material que tem na internet. É um curso de desenho, não de prática. Eles estudam prática, mas é um curso para você ter a visão, que só vem com muita experiência. Tava dando um apoio pra uns meninos que querem montar um coletivo e tal e ele foi fazer um PDC no nordeste e ele voltou sabendo a mesma coisa que saiu daqui. Saiu, gastou dinheiro lá e ele continua sem saber plantar uma alface.

⁶³ Gaia Education, ou Educação Gaia é um curso baseado num currículo criado pela equipe internacional de educadores GEESE (Educadores de Ecovilas do Mundo para um Planeta Sustentável), que há mais de 10 anos desenvolvem cursos em design e desenvolvimento de assentamentos humanos sustentáveis. O programa combina investigação teórica com trabalho prático, empoderando indivíduos, organizações e comunidades com o conhecimento necessário para o redesenho sustentável de suas realidades. Seus educadores veem as Ecovilas melhor sucedidas do mundo como fonte de inspiração. Disponível em: <<http://www.cidadessustentaveis.org.br/boas-praticas/educacao-gaia-design-para-sustentabilidade>>. Acesso em 22 de ago. e 2016.

Qual a utilidade? Eu sigo aquele grupo cultura alternativa⁶⁴ tem umas dez mil pessoas, e só tem gente querendo postar cursos, cursos, cursos. Qual a efetividade desses cursos, além de do dinheiro que vai pro bolso de quem tá dando o curso? Poucos que tão efetivamente querer construir algo num nível popular. Em nível acadêmico, eu que sempre fui contestador da teoria versus prática, da academia versus vivência. A academia hoje em dia tem muito mais força e interesse real em interferir, passar tecnologia social e tudo mais, do que essa galera que só quer vender. O PDC está totalmente ultrapassado e só serve pra algumas pessoas ganhar dinheiro, isso não faz nem coceira na nossa situação real, na nossa situação ambiental. Vamos ficar só no “eco”. O que faz essa galera de formação de permacultura? Não tem um evento que se aproxime de e um cara do MST. Do cara pegar um pedacinho de terra e transformar num paraíso na terra. Eu zombo numa situação provocadora, não quero que as pessoas parem, mas não tem efetividade. Primeiro que se cria-se um movimento para preparar essas pessoas terem essa experiência de sair do urbano, isso não existe. Uma coisa seria realmente importante e tem gente tentando.

Na zona rural aqui no Brasil, a eco construção, é a construção do pobre. Porque a casa de adobe, do pau a pique, é o conhecimento da pessoa daqui, das camadas bem baixa, sabe? Todos, por exemplo, aqui na região, têm tantas casas que são ecologicamente corretíssimas, só que o povo agora tá querendo, é a casa que os ricos têm. Então eles saíram do jeito ecologicamente correto... Eles querem uma casa de tijolo e cimento. Mas o conhecimento já tá lá. Então acho que é mais agora a mudança de perspectiva. Porque o conhecimento, por exemplo, daqui da região, aqui você não precisa fazer casa de superadobe que a gente fez. Aqui tem pau a pique, tem adobe, tem tantas formas que são ecologicamente corretas, só que eles não querem mais. Porque eles querem o melhor. Então é a mudança de perspectiva, eu acho. Eu acho que sim, é acessível sim, só que eles não estão conscientes porque que eles querem uma coisa diferente agora.

Eu acho que a primeira pergunta é se eles querem também, né? Porquê...o que eu noto aqui, por exemplo, é que as pessoas mais pobres, vamos dizer, não tão nem aí. Acho que isso tem a ver de novo com a preocupação na vida né. Eles estão tão preocupados se vai ter comida na mesa de noite pras crianças, cara, não importa se estão sujando a natureza ou não. Porque pensam muito no curto prazo. Eu acho que você mentalmente precisa estar pronto, pensando no longo prazo. Porque a ideia dessa eco construção é muito de longo prazo. Porque se você quer, por exemplo, aqui na região, quer construir uma casa rápida, você faz de tijolo e concreto. Mesmo que o nosso sistema seja mais barato, que isso deva ser interessante pra essas pessoas, no fim não é interessante. Porque: ah, você não usa concreto, não usa cimento? Não. Ah, então não tem nenhum pedreiro que quer tocar nesse assunto. Então não vai usar. Então eu acho, a meu ver, se as pessoas estão prontas pra ver uma outra perspectiva, aí quem quer mesmo, vai achar um jeito. Não é que precisa abrir, porque já tem. Essas coisas de, os cursos que são caros...é...fiquei bem revoltada com isso mesmo quando eu comecei a buscar esse conhecimento de eco construção. Quando eu vi como funciona, tipo: “olha eu vou pro seu sítio, eu vou construir a sua casa pra você ficar morando lá dentro, aí eu pago pra isso? Como é? E ainda pago pra um lugar pra dormir? Ainda pago pra alimentação? Como é?” Aí ele... “não, mas é um curso né, que a gente tá fazendo”. Aí eu falei: “sim, mas quando a gente for sair, você vai ter ganhado uns 10 mil reais em uma casa?” “É!” “Poxa cara, você tá... é, pode falar que você tá bem lá, mas eu não vou entrar nessa não.” Porque gente,

⁶⁴ Existe um grupo público de discussão na rede social Facebook intitulado “Cultura Alternativa (Comunidades/ Ecovilas/ Tecnologias/ Economias)”, do qual o entrevistado é um dos administradores.

eu não concordo. Meu marido também, graças a Deus não concorda. Nossa eco construção, qualquer pessoa que queria entrar e ver como é e trabalhar junto, venha cá, sem pagar nada...isso que tá acontecendo muito, mas nas pequenas escalas. Os grandes,

Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/coletivomantiqueira/?fref=ts>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2016.

que tem muito conhecimento, estão ganhando o dinheiro por cima, então eles já entraram de novo no sistema da sociedade, de capitalismo, de tentar ganhar dinheiro por cima disso ao invés de abrir o conhecimento. Mas eu acho isso... em pequenas escalas já tem as pessoas que estão construindo assim e abrem tipo: venha ver, venha ser voluntário, conheça o sistema, se faz do jeito que a gente faz nem paga alimentação nem nada, você paga com seu trabalho. E já tá conhecendo o jeito. Mas é confiança também né. Tipo, porque eu entendo. A gente também passou um tempo pensando em pedir dinheiro pra essas coisas. Porque a vida que a gente escolheu não é fácil de ganhar dinheiro. Precisa ter dinheiro na mão pra fazer as coisas. Aí a gente conversou sério, tipo: ó, vamos fazer um curso, a gente ganha uma grana por cima, mas no fim, a gente decidiu não fazer isso porque muda a energia. A energia das pessoas que vem, a energia das coisas que são construídas lá, então é uma coisa que...foi num nível espiritual que a gente decidiu não fazer assim e confiar que vai dar certo.

Quem tá puxando a permacultura, precisa encontrar meios de sobreviver. E os meios que a gente tem realmente é fazendo curso, e os cursos realmente são caros, isso é uma realidade. Mas por outro lado, eu pelo menos, eu sou do movimento da agroecologia... Eu trabalhei numa ONG, que é uma ONG da rede PTA – Projetos e Tecnologias Alternativas. E eu trabalhei nessa ONG, fui formada nessa ONG, com trabalho de agricultura urbana e tudo... E assim, minha formação política, tudo que eu, toda minha visão política, adveio do estágio, comecei a fazer estágio na época, formei em jornalismo e comecei a fazer estágio lá. Eu acho que todo mundo que eu conheço da permacultura tem essa formação política de ter vindo da universidade, dos movimentos da universidade, né... De ser aquela galera que tá na contracultura mesmo, de tá discutindo uma coisa de ponta, que só a universidade é capaz de discutir mesmo, porque é visionário, né. É visionário por quê? Porque fala de uma nova sociedade que a gente vai precisar construir, uma sociedade de crescimento e de baixa energia. Então tipo assim, quem que ia falar um negócio desses enquanto você tem uma classe popular, a nossa, né... O povo? Ele tá querendo, agora, a cultura de massa, ela tá incitando pro povo poder ascender socialmente, o governo tá lá dando dinheiro pro pessoal poder aumentar o consumo. Quem que vai falar em baixar o consumo? Quem que vai falar uma coisa dessas? Não tem como ser uma coisa, como se diz, de não de uma minoria, de um grupo, de um grupo seletivo. Por que... O que as pessoas tão querendo é consumir mais. Ainda num país onde agora que começou... Só depois da década de 90, só depois do Lula ter entrado, que o país conseguiu que a classe C, a classe mais pobre, conseguiu o que ela nunca teve, né... Como é que você fala pra uma classe dessas que come carne, que agora que isso tá sendo difundido...Mas como é que você fala que comer carne, ou que ele tem que diminuir seu consumo se ela nunca pôde consumir? Agora que ela pode consumir um pouco. Então assim, eu acho assim, não é que seja elitizado, mas é de uma minoria sim, porque é uma coisa nova. Mas uma coisa nova que vai ter que... Que é inevitável, uma verdade conveniente, algo que vai ter que realmente...Esses movimentos surgem nas minorias mesmo e agora vai ter que abranger mais pessoas. Não vai ter jeito, não vai ter que ser pra todo mundo e a gente tem que... O desafio agora é popularizar essa história aí. A gente tem feito o que a gente pode, né. A gente que é do movimento, que já vive com

pouco, que já vive de forma, já vive pra trabalhar, a gente vive pra trabalhar, a gente vive de ideologia mesmo, porque a gente trabalha demais e recebe muito pouco. Então a gente tem feito o que a gente pode. No nosso caso aqui a gente, quando o curso é pra comunidade, a comunidade pode participar gratuitamente, existe... A gente tenta ser exemplo ao invés de ficar falando blá blá bla. A gente veio morar na comunidade, as pessoas acreditam na gente. As pessoas acreditam na gente porque elas veem a gente morando no lugar, elas veem a gente fazendo o que a gente fala e não só falando o que deve ser feito. A gente faz o que a gente fala. A gente tá realmente morando num lugar, a gente tá realmente construindo com pouco, a gente tá realmente plantando e sobrevivendo da terra. Mas a gente tem nossas outras demandas, a gente veio da cidade, a gente tem outra articulação, então a gente tem outras formas de conseguir recurso, de trazer recurso pro lugar e a gente tem que usar isso, né. Porque o lugar, isso é a nossa contrapartida pro lugar. Porque a gente causa um impacto quando a gente chega. E a nossa contrapartida é tá trazendo informação, tá trazendo movimento, né... E... Assim, por exemplo, no meu caso, eu tento fazer o máximo que eu posso. A gente tá dando um curso de design em permacultura por um valor super solidário agora, pra agricultores familiares do leste de Minas. Aí a gente vai... Já que é um fruto desse trabalho meu que eu fazia com ONG. Então, essa inserção social... No início, quando eu comecei, a gente fazia muita coisa com a comunidade. A gente fundou uma feirinha, a gente ficava arrastando as meninas, as mulheres, pra poder se reunir em grupinho de plantas medicinais, de sabonete, de fazer sabonete, fazer tudo, mas olha, eu sinceramente, e eu vejo isso aqui também dos outros, mais antigos que tão aqui, esses grupos, essas pessoas que falei que são mais antigas no movimento – não necessariamente chamando o movimento de permacultura – pra mais pessoas que tão aqui há mais tempo, que são assim, que vieram da cidade e tão aqui puxando essa história de uma vida mais simples, né... É... Eu vejo eles assim muito cansados com essa coisa de projetos social, de inclusão, de não sei o que... E todos assim, falando assim: ó, vamos fazer, vamos ser exemplo! E o resto... Não dá pra ficar passando a mão na cabeça não. Quem veio, vem junto... E a gente sendo exemplo, é o melhor que a gente faz.

É... e assim, acho que essa mudança de paradigma, de público alvo da permacultura e da bioconstrução, ela vai chegar. Quando e como, eu não sei, mas eu acho que ela vai chegar. Eu acho que ela vai chegar num ponto, num momento em que algumas pessoas, né... Alguns pedreiros vão olhar e falar assim: “perai, não dá mais pra construir assim porque tá caro demais. Eu vou fazer a minha casa do jeito que aquele maluco lá da roça fez.” Aí ele vai fazer, e vai falar: “opa, perai, dá pra ser assim!” E aí esse processo de transformação de consciência que acho que ainda vai demorar um pouquinho, sabe? Eu acho que exemplos de bioconstrução, de eco construções, são inúmeros. Mas elas vão tá sempre circulando no meio burguês. Eu sei que a coisa do burguês é meio chata, parece meio papo de sociólogo, mas... Esse processo de transformação, eu particularmente, só acredito que ele vai vim de duas formas: ou como disse Marx, lenta e gradualmente, ou então de uma forma tão abrupta, que ninguém vai entender o que tá acontecendo. Eu penso mais ou menos esses dois cenários da seguinte forma: o cara foi, viu que a gente tá construindo daquela forma, superadobe⁶⁵, casa redonda, olhou, falou: “ah não... Aquilo ali é coisa de maluco!” Aí um belo dia, chega na prefeitura lá da cidade dele e a prefeitura lança um curso pra pedreiros em superadobe. Aí ele vai olhar e falar “ah

⁶⁵ Superadobe é uma técnica de bioconstrução que consiste em um processo construtivo, no qual sacos de polipropileno são preenchidos com solo argiloso e moldados no próprio local através do apilamento do mesmo por processo.

perai, mas teve um cara que conseguiu construir desse jeito, olha!” Vai largar aquele conhecimento de lado e quando for dali a dez anos alguém vai falar “Pô, eu queria construir de superadobe.” “Ah, eu sei fazer, eu fiz um curso há dez anos atrás”. Ou seja, bem lenta e gradualmente. Segunda forma: a bomba, a explosão: o saco do cimento chega a cinquenta reais. Aqui na região tá em trinta, não vai demorar muito. O milheiro do bloco chega a mil reais. Qualquer casinha de três por quatro, de doze metros quadrados, o orçamento mínimo vai ser cinquenta mil reais. O pessoal vai olhar e falar “Perai, desse jeito não dá pra construir. Eu vou voltar a construir de adobe, eu vou voltar a construir de barro.” Aí se volta por um processo de exaustão dos recursos.

Eu acho que quem tá mais na base da pirâmide social tem mais condições de tirar proveito disso do que quem vem de uma outra história. Eu fiz algumas entrevistas com pessoas que...com mestres de bioconstrução né. O Jan Van Lengen, lá do Tibá, o Jorg Stamm que trabalha com bambu, o Jorge Belanko, que é um argentino, que trabalha muito com população carente e tal; o que eu vejo é que, confirmou uma coisa que eu já pensava assim: que bioconstrução e permacultura tem muito mais a ver com autonomia das famílias e tal e desprendimento do sistema do que pra uma pessoa que já tem outras opções. Justamente quem não tem opção, quem teoricamente não tem opção porque falta recursos a essas ferramentas da bioconstrução, ela vai conseguir não só ter uma casa pra morar, mas ter uma casa que de repente, capta água da chuva pra ela poder usar, ela vai conseguir tratar o esgoto e manter um ambiente mais saudável no entorno dela, ela vai conseguir plantar uma parte do alimento, né...ela vai conseguir ter independência do sistema. E na verdade eu vejo assim, que: as pessoas que tem dinheiro, tem condições mínimas, por outras razões, tem outros recursos e que vão pra essa história, elas vão como uma...uma das possibilidades que elas tem na vida. Mas se a pessoa não tem nada e descobre esse mundo, isso pra ela não é moda, não vai ser moda, não vai ser uma opção. Vai ser uma saída, uma solução aí, sabe? Em SP eu tô participando agora de um coletivo de educadores que chama PermaSampa, permacultura na cidade. E muita gente tá fazendo coisas na periferia. Então pegam áreas assim, terrenos baldios né e tal e ficam fazendo horta. Gente na periferia reformando a casa ou construindo casas em mutirão porque lá tá todo mundo no mesmo barco, todo mundo precisando e eles sabem que se unir gera uma força coletiva, sabe? Não faz por modinha, não faz pra mostrar status pra alguém ou pra dizer que é ecológico. Faz porque precisa! Faz porque aquilo vai mudar a vida dele. Então tem muita gente descobrindo isso na base da pirâmide. E eu acho que é aí que tá o pulo do gato, assim, é um lugar que merece esse tipo de informação, que precisa mesmo.

Tem muita gente se formando em cursos de permacultura, partindo pra essa coisa sabe de oferecer cursos gratuitos e de dar esse conhecimento pra quem mais precisa. E uma outra coisa que pega bastante também é uma outra coisa da gente ter, infelizmente, né...um aumento de desastres naturais, que não são tão naturais assim, né. E aí de repente essas pessoas ficam sem casa de uma hora pra outra e a história da bioconstrução já ajudou muita gente a construir rapidamente suas casas com os recursos que elas tinham ali disponíveis no momento. Então, falando de aquecimento global e de enfim, tsunamis e outras coisas tantas que tem acontecido, resgatar essa autonomia de construir a própria casa é cada vez mais urgente.

Ideia Central

O sentimento para com a natureza é muitas vezes indefinível. A conexão e um contato mais próximo com ela é algo que se está sonhando há muito tempo por essas pessoas, muitas vezes desde a infância, onde se busca essa relação para se sentir feliz. A natureza é vista como uma mãe divina.

DSC

É isso. Esse é o lugar que eu fiquei sonhando por tanto tempo, já desde criança pensando em morar em conexão com a natureza...cheguei lá e senti uma certa confiança, sabe? É aqui mesmo. E aqui que a gente vai conseguir. Então nesse sentido sim, tenho uma conexão forte com o lugar.

Mas é uma coisa que já...eu não sei se é da alma ou do espírito, não sei. Mas eu achei que...eu acho, agora, olhando pra trás, que isso é uma coisa que eu já nasci com essa missão dentro de mim. De ficar consciente disso e conscientizar outros sobre isso também, sobre conexão com a natureza e o cuidado, porque a gente tá indo pra um futuro que não é muito saudável. Eu já sentia isso com sete anos de idade. Eu já sentia uma parte. Na adolescência eu fiquei bem no ego mesmo, mas eu acho que voltei pro meu centro mesmo, que isso é centro do meu ser.

A minha mãe já sempre ficou bem assustada porque quando eu era criança eu já falava que eu não ia morar onde a gente tava morando, que eu queria morar no meio da natureza, no meio do mato...e sempre pensando na floresta, essas coisas. Então acho que pra mim já começou lá, uma coisa bem de dentro de mim, não foi uma decisão muito racional, vamos dizer. Foi muito emocional. Aí eu esqueci essa ideia toda quando eu era meio assim, jovem e fui fazer a minha vida como a sociedade queria, né. Estudar, trabalhar, namorar, achar um parceiro para morar junto, comprar uma casa, essas coisa que no meu país são normais, assim. Aí eu comecei a ficar em depressão, bem forte, bem profunda, por muito tempo. Aí eu só conseguia sair da depressão quando entrava em contato com a natureza. Ao passear em bosques, em parques, essas coisas. Aí eu fui buscar mais essa conexão com a natureza pra me sentir feliz.

Eu procuro sempre um lugar que eu consiga plantar. Na verdade, eu acabo que consigo em todos os lugares: na praia, na cidade, no campo...é, eu busco isso desde muito pequena eu já tenho esse contato porque minha família já morou muito no campo, o meu tio trabalha com hortas há mais de vinte anos, então a gente tem esse contato há muito tempo.

Hoje, como se diz, o mundo pode se acabar que eu não tem aí. Mas se alguma coisa acontece naquele lugarzinho, eu viro bicho. É um amor, é uma paixão tão enlouquecedora que eu tive por aquele lugar, que realmente não se explica. Eu conheci muitos lares na chapada, antes de conhecer o sítio, mas no dia que eu cheguei no sítio Gaya, eu falei: aqui é meu lugar, aqui é meu canto, é aqui que eu vou ficar. Não importa quanto que é essa terra, não importa nada. Eu não sabia de valor de terra, eu não sabia...aqui é meu canto. Eu abracei uma árvore, literalmente, eu abracei uma árvore e falei: e aqui que eu vou morrer. Acho que não verbalizei isso porque eu tava sozinho mas eu acho que verbalizei isso pra aquela árvore, naquele momento. Tanto é que o sítio Gaya recebeu esse nome pela Mãe Terra e pela minha primeira cachorra, que foi assim...uma cadela fenomenal, uma história de amor e companheirismo dessas que dá pra virar filme,

tipo daquele do japonês que depois virou estátua. Minha história com Gaya era muito parecida apesar de não ter aquela estação de trem... não é à toa que as cinzas de Gaya estão enterradas nessa árvore que fica na frente da nossa cancela, enfim, é uma árvore que é símbolo do sítio. Bom, eu acho que assim... amor talvez seja até pouco, sabe cara? Eu não sei definir assim qual o sentimento que eu tenho pelo sítio, pela terra, por aquele lugar especificamente. O que eu sei é: como se diz... se todas as catástrofes naturais e hollywoodianas que tão previstas por aí acontecerem, você vai me encontrar lá, naquele mesmo lugarzinho, independente de qual seja a catástrofe que esteja acontecendo. Chego em casa, a energia muda, a energia fica serena, tranquila... tanto é que não chamo outro lugar de casa. E eu não acostumo a chamar o sítio de sítio. Porque sítio tem sempre aquela dimensão meio lúdica, meio distante, de ser aquela casinha que o cara vai uma vez por semana, ou uma vez por mês, pra passar um tempinho, pra ver como é que tão as coisas, que tem um caseiro lá cuidando, aquela coisa distante. Não. Minha casa, meu lócus, meu lugar. Eu tive um momento de catarse assim que eu cheguei no sítio. A emoção subiu de uma forma inexplicável, eu abraçado nessa árvore com ela chorando. Chorando e chorando copiosamente assim, como se tivesse acabado de morrer alguém, ou como se tivesse ganhado na loteria, você vê que as comparações são meio loucas né? Os extremos são bem extremos mesmo. Mas eu não sei o que que foi. Comecei a chorar, passei horas chorando, depois que me recuperei. Beleza, agora eu vou atrás do dono dessa terra, fui e encontrei com ele e comecei o processo de legalização.

Assim, com o tempo, a gente desenvolveu nossa sensibilidade e a floresta é muito mística. O fato de você tá dentro do mato, assim, perto da natureza, traz algo assim muito, tem um mistério por trás, é místico. A palavra é essa, rola algo assim muito envolvente e espiritual mesmo. A gente sente seres, assim é uma coisa muito forte. A própria ideia do condomínio, a gente sente que tem algo muito forte formado, guarneçando. A força da união das pessoas, isso acaba que gera uma força, a gente sente isso nitidamente, assim. Eu já senti muitas vezes que eu vim da rua e quando eu chego ali eu penso: cheguei no meu lar, eu tô em casa. Então a floresta tem isso assim, o estar perto da mata, da floresta, traz um... eu por exemplo, adoro acordar, eu acordo de diversas maneiras. Há pouco tempo tinha um Inhambu que toda vez que eu acordava, eu acordava com um assovio que ele fazia assim: “tuuuuu, tuuuu” Todo dia ele me acordava e eu ficava na cama assim escutando um tempo. Aquilo pra mim era algo assim: quando é que eu ia acordar na cidade escutando um Inhambu? Tem as araras, tem os papagaios, enfim.

Então assim, de sentimento, tinha essa relação com a natureza. De plantar, de ver o sol nascer, que ali onde eu morava a janela do meu quarto dava pro nascer do sol, assim. A coisa mais maravilhosa do mundo. Então eu sentia de um jeito bem forte assim, os ritmos da natureza. Isso foi uma coisa nova pra mim. Não é nova mas trás uma memória muito forte, né...acho que todo mundo tem isso de alguma maneira, resgata uma coisa meio ancestral que ficou perdida mas que volta muito rápido se a gente deixa, se a gente permite isso, né. Então acho que pra mim isso foi uma coisa bastante importante. O tempo da roça é outro né, a gente não tem esse relógio na nossa cara. Eu nem uso relógio, nem sei que horas são aqui assim, por escolha mesmo. Até pra me conectar mais com o ciclo do dia e tal.

Pra mim, o sentimento que eu tenho de conexão com a natureza é de conexão com a minha mãe. Minha mãe, eu acho que a natureza é a nossa mãe, da onde veio nossa vida, da onde vem nosso alimento, os ciclos naturais de vida, morte, dos processos, eu acho que tem essa ligação.

Ideia Central

As pessoas precisam ter consciência do papel delas na sociedade, se conscientizar sobre seu lixo, consumir menos, consumir mais as coisas da própria região...é tanta coisa! Se conectar em todos os sentidos: de sentir a conexão, de sentir respeito, mas também o conhecimento, de cada passo que se dá na vida, qual o impacto que tem. Mas existe o fator tempo. A natureza não vai esperar os humanos se harmonizarem, se equilibrarem.

DSC

Eu acho que as cidades podem se adequar a um novo modelo, causar menos impacto, as pessoas começarem a ter mais consciência do papel delas, do que elas estão fazendo, do mal que elas estão fazendo para o planeta com a vida moderna do jeito que ela é, com consumismo, com descarte ilógico das coisas, mas eu acho que...eu não sou muito otimista nessa ideia. Eu não acho que as pessoas vão se preocupar com isso. Eu acho que de repente, se as pessoas que já tão na contramão como a gente diz aqui, indo pelo caminho contrário do que é feito na cidade hoje em dia se reunirem, eu acho que essas pessoas devem se reunir e começar a fazer alguma coisa em paralelo pra tentar equilibrar os danos, que a vida moderna tem causado ao planeta. E eu acho que o legado fica na verdade pros nossos filhos, né. É o que eu vejo com os meus amigos que eu tenho aqui, que tem uma vida mais parecida com a minha, é que tem muito casal que já tem filhos também e que eles seguem mais ou menos o que a gente pensa. Talvez essas pessoas, os nossos filhos ou nossos netos é que vão conseguir fazer uma coisa maior. Eu acho que o que a gente tá conseguindo fazer aqui hoje é só uma transição. Mas eu também não sei se isso vai, de alguma forma, algum dia, globalizar. Porque o humano tem muito interesse em dinheiro. As pessoas matam e morrem por dinheiro. Talvez o dia em que não existir mais um sistema monetário, talvez o dia em que não existir mais dinheiro, talvez as coisas possam mudar. Mas até então eu acho muito difícil, justamente por conta das grandes indústrias, o que fazer com elas? Sendo que elas são as principais causadoras de doto mal no planeta.

Eu acho, a minha opinião num aspecto mais amplo, depois eu vou pras coisas mais práticas. É...eu acho, a primeira coisa, eu não sei como, mas pra ter um futuro melhor, como a natureza ainda está em conexão com a gente também...ó, essa...antes de continuar, você viu esse vídeo do “Conservation International”? Tem uns vídeos...”Nature in Speaks”⁶⁶. São uns vídeos lindos, que por exemplo, tem um que é a mãe natureza falando pras pessoas, pro ser humano. Isso é uma mensagem muito forte que todo mundo deveria ver. Voltando no assunto, eu acho que a gente tá na situação que a gente tá agora, em geral, por conta de desconexão. Todo mundo se acha individual e não sente muita conexão nem com o vizinho, com animal, nem com o planeta em geral. Então as ações que as pessoas estão fazendo, eles não estão pensando de onde vem o produto, pra onde vai o lixo, qual é o resultado. Só pensa em curto prazo e em si mesmo. Então, em geral, acho que pra ter um futuro melhor, tem que conectar. Conectar no sentido de conscientizar, educar. Então, de onde vem a carne que tá no seu prato? Qual

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WmVLcj-XXnM>>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

é o resultado desse pedaço de carne que você come todo dia, para o resto do planeta? A pasta de chocolate que tá no seu pão, o que que foi feito na floresta, não sei de onde, pra você comer essa pasta? Essas coisas, tem gente que sabe e mesmo assim come. Aí eu aceito. Mas as pessoas que não querem saber, aí eu vou cutucando, falando. Porque até eu não sei tudo. Mas eu procuro informações. As coisas que eu compro, as coisas que eu uso, da onde vem, qual o impacto da natureza. Então acho que isso seria o mais amplo. Se conectar em todos os sentidos: de sentir a conexão, de sentir respeito, mas também o conhecimento, de cada passo que você dá na vida, qual o impacto que tem. Em você, na natureza, no seu vizinho. Aí você pode escolher conscientemente se você quer dar esse passo ou não, entendeu?

Tem tanta coisa! É... sabe as coisas pequenas? Eu não acho que todo mundo deve viver a vida que eu e meu marido estamos vivendo. Eu acho que isso não é pra todo mundo.

Mais ainda porque a população tá crescendo e já estamos assim, usando bastante espaço que...é, tá meio complicado. E sem consciência isso não vai dar certo. E acho que as outras coisas são as coisas pequenas, sabe? Se conscientizar sobre seu lixo, consumir menos, consumir mais as coisas da própria região...é tanta coisa, meu Deus. Água, sabe... banheiro seco! Gente, porque que a gente tá usando água limpa, 20 litros pra fazer um xixizinho? Essas coisas, sabe?

Mas eu acho, em geral, as pessoas podem chegar no meio, sabe? Ter...Você pode ter seu apartamento no meio de Salvador sim, com internet, televisão, o que você quiser, mas, também pode separar seu lixo, pode ter seu minhocário⁶⁷ na sua varanda. Pode ter seu lixo orgânico separadinho pra fazer o seu adubo pras suas plantinhas lá, sabe? Então...pegar umas coisinhas práticas, da nossa vida, e implementar isso numa vida na cidade. Eu não acho que todo mundo tá pronto pra viver como a gente tá vivendo. Tipo, sem eletricidade, sem vizinhos, sem o barzinho na esquina, sem a televisão pra desligar a mente. Mas eu acho que pode pegar umas coisas da nossa vida e implementar na vida de lá. Eu acho.

Mas existe o fator tempo. A natureza não vai esperar nós nos harmonizarmos, se equilibrar. Ela vai, já está se equilibrando a partir dos processos que regem a vida nesse planeta. Então eu acredito que nesse fator entra muito a nossa natureza. Nós somos uma espécie inteligente, então a gente precisa reconhecer que o tempo, ele diminui velozmente a cada dia, e isso não é figura de linguagem pra embelezar discurso. E que nós precisamos agir, profundamente, pra manter o que nós pudermos manter de vida nesse planeta. Poucas pessoas têm essas informações, eu converso sobre isso, isso é um dos assuntos mais dolorosos pra mim, é de ver que existe o permafrost⁶⁸ e as pessoas me

⁶⁷ Minhocário é um sistema de tratamento e/ou reciclagem de resíduos orgânicos, onde as minhocas transformam o resto de alimentos em adubo. O sistema acontece em caixas plásticas, onde se misturam os resíduos com materiais orgânicos secos (serragem, folhas secas, papelão), produzindo assim, um húmus muito fértil e uma terra adubada.

⁶⁸ Permafrost, ou pergelissolo na tradução em português é um solo permanentemente congelado. O "permanente", no caso, é definido como a continuidade, por dois ou mais anos, do registro de temperaturas mais baixas do que zero grau centígrado nessa superfície. O principal fator que controla a formação do permafrost é o clima: nas áreas onde ele existe, a temperatura média do ar é igual ou inferior a 0°C. Típico de altas latitudes, esse clima se caracteriza habitualmente por invernos longos e gelados, com pequena precipitação de neve, e verões curtos, frios e relativamente secos. Isso representa 20% da superfície emersa da Terra, espalhando-se basicamente pelo Ártico, sub-Ártico e Antártida. Essa camada de terra, gelo e rochas em tese permanentemente congelada, também está cedendo ao avanço do aquecimento global. Além de inclinar árvores, rachar a pavimentação de estradas e colocar em risco outras obras de infraestrutura, a elevação das temperaturas nessas áreas causa uma imensa liberação de gases de efeito estufa (GEE), entre eles o metano, cuja capacidade de reter calor é 25 vezes maior do que a do dióxido de carbono. (ARAIA,

olham e dizem: “Ah tá!” E nunca mais falam no assunto, não procuram ler, se informar. A gente tá tendo vazamentos de metano abissais na plataforma do ártico, né. Leonardo Di Cáprio denunciou isso, ano passado em uma conferência em Lima, né. Quando ele recebeu o prêmio também, da academia de cinema lá dos EUA, ele também falou. E as pessoas não sabem o que é o permafrost...porque é aquela velha história, né: a gente vive num sonho, né, na “Matrix”. Mas a única coisa que pode nos ajudar agora é a realidade. O sonho não vai mais nos ajudar. E então essa é uma das coisas que nós colocamos. A gente compreende que existem sempre várias formas de lidar com os problemas, mas a nossa espécie precisa ser mais inteligente. A gente tá lidando com os problemas de uma forma muito superficial. Aí a questão é, resumidamente: “Ah, eu não vou usar mais computador, não vou usar mais internet, não vou usar mais carro, porque tudo polui e tal”. A questão é que a gente precisa saber o que que tá acontecendo e escolher o melhor caminho possível. Porque a situação, ela é muito premente. Muitas ecovilas, né, já trabalham com isso, mas não profundamente. Então esse é o resquício de urbano. Mas eu te digo, encurtando a história, de que a alma do processo, ela passa pela civilização. Enquanto a gente não começar a trazer essa palavra, a gente não começar a tomar isso como foi a ecologia no começo, né... algo cada vez mais divulgado, difundido, pra que cada vez mais pessoas possam pensar, as mudanças começam a partir de ideias...de que existe algo que a maioria das pessoas não conseguem e nem sabem que existe, que é a civilização. E aí as pessoas dizem: “Mas, vem cá, como é que a gente vai viver? A gente vai morar nas cavernas?” Nada disso. Nós somos uma espécie inteligente. Se bem que as cavernas são fantásticas.

O que eu diria pras pessoas que tão querendo se aventurar: é necessários criarem um movimento mais articulado, pra que possamos juntos trabalhar no pontos comuns, gerar recursos, que crie condições para as pessoas se manterem. Porque tudo se baseia em dinheiro. Ao invés de ir morar direto numa ecovila vá para uma cidade pequena que o aluguel é barato, tem muito agricultor familiar é cheio de produtos com pouco agrotóxico. Tem o produtor rural, aqui tem a feira de orgânico rola um incentivo. Então às vezes até o produtor rural da roça, os analfabetos, eles adotam o plantio orgânico, é natural o esterco pra eles. Porque você não começa assim? Tem escolas pequenas você interage com o povo. Esse é um caminho que eu sugiro pras pessoas. Não saia da cidade e vá direto para o mato, a natureza cansa também.

Discurso sobre o que são as ecovilas

Ideia Central

É uma miscelânea, tem de tudo. E isso é muito comum em ecovilas. É uma questão muito profunda, a questões das ecovilas elas não são somente uma alternativa. Comunidade não é uma coisa que surge de um dia para o outro. Às vezes tem uma comunidade que não se autodenomina como ecovila mas funciona muito mais com os princípios de ecovila do que um grupo de pessoas que diz que mora numa ecovila. Então essa questão do nome é bastante importante, não existe modelo mágico. Cada processo vai ter as características das pessoas que estão ali e existe uma sutileza no processo.

DSC

Por que a maneira como nós vivemos hoje, o mundo, a maneira como nós vivemos simplesmente estamos levando tudo ao colapso, que é o processo civilizatório, que a gente vive, que na realidade nos afastou da natureza e ela se tornou totalmente drenadora de energia do planeta. E aí é uma questão muito profunda né, a questões das ecovilas elas não são somente uma alternativa. Sendo bem sincero... as ecovilas não, né. Mas viver uma vida sustentável, com aporte na natureza de forma sintrópica, onde nós gerimos mais energia junto com o planeta, não gastando energia do planeta – que nós estamos dissipando energia que a vida demorou bilhões de anos acumulando aqui, né...o planeta acumula energia do universo através das estrelas, do sol, e de outras formas, gerando vida, né...fazendo com que tenhamos solos, ecossistemas, uma vida toda, uma energia... – a nossa espécie tá drenando, dissipando energia, fazendo com que ela se perca. Então o modo de vida que não tenha como base isso – e as ecovilas são um caminho nessa direção, eu acredito que existem outros modos de viver além das ecovilas – mas elas são um resumo. Tanto que o termo que a gente usa pra nós, pro que a gente tá construindo, não é ecovila, é ecoaldeia. A gente compreende que o termo ecovila, pra nós, aqui na Amazônia, ele não é muito interessante, assim, né... mais ecoaldeia mesmo, que nos aproxima mais de uma compreensão mais nossa, né... e aí faz parte do movimento, e a gente tá construindo agora, tá morando lá eu, minha esposa e nossos três filhos...A gente tá colhendo e o pessoal curte muito, assim, é uma coisa bem legal. Crianças, colhendo, plantando, e aí eu sempre tento colocar um comentário no sentido de esclarecer né...tipo de que a natureza produz vida, e porque a gente não veio morar antes no interior, uma vida tão fantástica, podendo ter tempo pros meus filhos, poder ensinar algumas coisas pra eles, poder viver junto com eles e sentir que eu tô vivendo também...que eu não tô aqui só pra botar comida, chegar cansado do trabalho...como eu vejo né, e como eu vejo muito aqui assim na cidade. E a gente tá construindo...e a gora com a nossa família lá, tem pessoas desse grupo, que são pessoas muito próximas da gente, que nos apoiam muito... mas tem muitas limitações, trabalham, são funcionários, tem família, mulher não concorda com esse modo de vida – acha legal mas nem pensar em morar no mato, nem pensar “deus o livre”, credo... cagar então no banheiro seco...a pessoa tem um ataque – então a gente tá fazendo um banheiro à evapotranspiração, um bocado de coisa. Tem uns amigos já que: “pô, muito legal, eu quero apoiar!”...então, ótimo, apoia!

E eu falo muito assim: que eu não espero mais. Eu já tô caminhando e quem quiser vim, bom; quem quiser apoiar, ótimo; quem acha bonito, bacana...e a gente segue em frente. E um amigo me mandou uma mensagem dizendo que ele tá vindo agora no começo do mês de setembro com a esposa, tudinho... a gente conversou bastante, até passei pelo Rio, que eu tava lá num encontro que teve...conversei com ele, com ela, fui conhece-la, e realmente acho que eles estão determinados, né. A gente reservou um espaço pra eles na ecovila e se eles vierem vai ser ótimo e...quanto tempo vai durar, se é uma experiência, se a gente vai ficar, é...quanto tempo vai ficar, eu falo muito isso, não me preocupo com isso. Pra mim é assim...se a pessoa vem e tá afim de vim, ótimo. Se vem pra vinte dias, ótimo. Se bem que a gente precisa, devido questão de convivência, ter mais pessoas morando no local, né. Pra poder criar estrutura social mínima de uma comunidade, de um núcleo comunitário. Mas assim, em resumo, a história resumidamente dos últimos 15 anos da minha vida é basicamente essa: movimento social, ecologia, permacultura e ecovila; a junção de movimento social, ecologia, permacultura e ecovila e movimento pra poder construir.

Então, a nossa ecovila, ela tem uma compreensão profunda do que aconteceu com a comunidade e a dificuldade que a maior parte das pessoas tem de se dispor a começar a pensar mundo falido. Qualquer pessoa que seja sincera não pode ver um mundo onde dois milhões, três milhões de pessoas passam fome, aonde assaltos, assassinos, estrupos, acidentes, guerras, numa proporção tão gigantesca de doença, né...a humanidade tá praticamente toda doente fisicamente, emocionalmente, espiritualmente. Vejam a nossa condição natural, né. Pra nós, é muito importante o cultivo de floresta. Nós compreendemos que pela nossa autonomia, de primata, a nossa função é plantar floresta. Nós somos plantadores de floresta. E uma das coisas que nós queremos fazer na nossa ecoaldeia é construir um núcleo de formação de plantadoras e plantadores de floresta. Trazer pessoas pra que elas entendam as leis naturais de uma floresta e possa tá produzindo uma agricultura de florestas, que é como a gente chama.

Tá rolando um monte de história, meio que várias ecovilas sendo puxadas, mas um pouco pelo nosso movimento de ter vindo pra cá assim, de todo mundo ter rolado essa sintonia da gente vir juntos. Aí tá rolando aqui umas ecovilas formais mesmo, de construção de associações, só que nessas, o tempo disso, é muito lento. E nós, eu com um filho de nove anos já e um outro agora que nasceu, eu e meu marido escolhemos ir na frente disso porque a gente não dá conta de ficar esperando, sabe? Esse movimento de organização comunitária, das pessoas pra viver na terra e cada um com uma demanda, você tem que esperar as demandas dos outros e aí quando você vê, cê não viveu aquilo que você queria viver porque você ficou esperando as pessoas se organizarem pra viver isso. Então, é...a gente, meio que como já tem tempo que a gente vive na terra, a gente veio na frente, e quem quiser vem atrás e com isso muitas pessoas vieram também, não talvez por nossa causa, mas, é um movimento que por outras pessoas vierem, acaba sendo incentivado, né. Quando você vem e fala: “Ah tô aqui, vou ficar aqui mesmo!” Você incentiva outras pessoas a virem e ficarem. E no nosso caso lá, virou tipo um eco bairro assim. Tem uma casa construída lá embaixo que tá junto conosco. E tem duas casas bioconstruídas que a gente puxou mesmo a história, tipo de acelerar a história, dois sítios, dois casais. Então...eu acho que sim, a gente não se denomina ecovila, mas tem uma história comunitária aí sim que num futuro, quem sabe, não sei né. A gente não quer dar esse nome de ecovila pra não carregar, não pesar. Tanto que a A não chama ecovila A. E na logo parece que é ecovila, né. Então tem muita confusão, a galera confunde muito, acha que vai vim pra uma ecovila e tudo e não é bem assim. Um amigo meu, que é especialista em agroecologia e tá dando aula lá na UFRJ, ele falou: “Gente, comunidade não é uma coisa que surge de um dia pro outro não. Todas as...essas coisas de... ah, vamos criar uma ecovila...isso é uma coisa que se constrói com base nas relações. É uma coisa que demora muito tempo. A gente tem que se inspirar nas comunidades tradicionais, né... nesse que tem anos que tão aí nesse movimento, de tá vivendo junto, os quilombolas, os povos ribeirinhos, esses povos tradicionais, né...esses sim sabem o que é montar uma comunidade.” Não basta ir pro mato e pronto. Você tem que...é...tem que ver as relações que você vai ter. Porque senão você fica isolado e você não vai dar conta. Não dá conta porque as relações humanas são necessidades básicas. Não é só alimento, água e abrigo não, é afeto também.

É uma miscelânea assim, tem de tudo. E isso é muito comum em ecovilas. Às vezes você olha e fala ‘ah, é uma ecovila superbacana e tal’ mas quem mora lá mesmo são três famílias. As outras aparecem esporadicamente pra...cá entre nós, brincar de ecovila, sabe? Que eu sinto assim é que tem muita gente é...esse movimento de ecovilas...ecovilas é um termo que é gringo, né. então, acaba que quem chama, quem usa esse termo de

ecovila, já tem um histórico, tem uma história pessoal que você já saca que não é gente que tem problema de dinheiro, ou não é gente que não estudou. Depois de muitos anos nessa história, eu percebi assim que é bem elitista, e tem muita gente assim que...vou falar bem claramente assim: que é filhinho de papai, sabe? Que tem tudo que quer e que “Ai, eu vou morar numa comunidade alternativa”. Ai sai, faz um ano sabático ou alguma coisa do gênero, vai pra lá e aí no primeiro perrengue, volta pra casa dos pais. Ou então volta pra aquela vida confortável que ficou lá. Então na verdade, o salto, essa saída da zona de conforto, foi uma brincadeira. E tem muita gente brincando desse jeito. Só que aí no meio do caminho, que, como eu, eu não tava brincando. Então eu me desgarrei de várias coisas que eu tinha na minha vida urbana, de verdade, sabe? Então eu estava aberta, de coração, corpo e alma, sabe? Então eu queria muito que desse certo. Eu fiz muitas coisas para que...eu me empenhei mesmo para que desse certo. Só que quando tem gente brincando no meio do caminho – e isso não é privilégio da ecovila **B**, é de muitas outras – fica difícil se afinar, sabe? Então tem gente que faz isso, brinca. Aí pega uma casa e aluga numa comunidade. Ou vai morar como voluntário numa comunidade. Vai ficar enquanto tiver gostoso, sabe? Vai ficar enquanto tiver fácil, enquanto tiver dinheiro no banco pra pagar as contas, enquanto tiver legal falar “Ai eu moro numa ecovila!” Sabe? Então eu acho que esse movimento tem muito mais disso do que uma coisa que aí acho que a geografia fala um pouco assim, contra essa história que eu tô querendo te passar que é assim: a relação afetiva que você tem com o lugar e com as pessoas e com a cultura local, sabe? Porque senão você sai de um lugar e vai pra outro que na verdade é uma ilha, né? E eu não tava querendo que fosse uma ilha, a ecovila. Eu queria entender o que era a cidade mais próxima. Como que era a cultura de lá. E onde é que ela tá, um pouco maior assim: questões geográficas, divisa com os outros estados, tem um pouco da cultura vizinha ali. A minha filha, quando ela nasceu, ela foi...eu optei por não fazer um parto em casa porque a ecovila ficava muito longe se eu tivesse que fazer uma emergência, né. Então eu fui pra um hospital de uma cidade do estado vizinho. Era o hospital mais próximo e que tinha essa história de parto humanizado e tal. Eu fiz com uma médica que é da ecovila e tem terreno lá e tal, é minha amiga, né. E acompanhou todo o parto e tal. Mas enfim, o que quero dizer é assim, ecovila as vezes você tem uma comunidade que não diz, não se autodenomina ecovila mas funciona muito mais com esses princípios de ecovila do que um grupo de pessoas que diz que mora numa ecovila. Então essa questão do nome é bastante importante.

O que ela quer normalmente, essas pessoas, elas querem o mesmo estilo de vida só que com uma etiqueta verde, que diz que é legal. Então é a mesma casa superconfortável, é o mesmo estilo de vida, só que por trás dela, ela tem empresas e instituições que tão dizendo: “Olha como você é legal, esse produto que você comprou é mais ecológico!” Mas é o mesmo sistema, é o mesmo jeito de consumir. A pessoa tem vinte pares de sapatos, só que eles são de couro ecológico, ou a pessoa trouxe de Paris, que tem uma empresa, sabe? É a mesma lógica, né. E aí é que eu acho que é o engano. É o autoengano. Tem muita gente fazendo isso, muita gente mesmo, que na verdade não tá mudando nada. Ela só pode comprar com selos verdes, né. Mas ela quer consumir o mesmo tanto, ela tá no mesma história. Não há mudança de paradigmas para muitas pessoas. Eu vejo por exemplo lá, em outros lugares também. As casas são gigantes, elas são enormes. O próprio jeito de conceber a casa, às vezes tem quarto de empregada, como é que pode, né? Tem gente lá na ecovila **A** que tem quarto de empregada, banheiro de empregada. É a minha visão, posso estar sendo preconceituosa. Mas eu não acredito numa vida, num

novo paradigma, que você tem que ter o lugar mais feio da casa menor e...tudo de pior e uma pessoa que vai morar lá, que não é da família e é seu empregado.

A ecovila é um lugar de refúgio, essas pessoas tão querendo fugir dessas cidades. Elas perguntam: “onde tem uma ecovila que você possa morar?” E não existe. As pessoas idealizam um lugar onde todos os problemas delas estarão resolvidos e isso não existe. Você tem que construir isso. Vai ter que comprar um espaço. Não existe uma organização que vai resolver. Eu acho que nos anos 80 as comunidades eram bem mais viscerais nesse sentido e eles não exigiam nada, você podia chegar de mochila e era bem recebido. Isso aconteceu comigo. Se fosse hoje eu não teria condição. Fui recebido em todos os lugares, você ia pra fazer trocas, agradecer e devolver o que você tá recebendo. Enfim, ligando pontos, quando eu converso com algumas pessoas sobre abrir uma nova, vamos chamar de comunidade, a gente fala sobre isso ser essencial: ser aberto pra qualquer pessoa e cair lá qualquer pessoa de boa vontade. Pra permanecer basta algumas regrinhas colocadas no papel, se o cara for embora aquele espaço fica aberto ao próximo, a propriedade ser coletiva. São tópicos que serão colocados no papel, não dá pra fazer as coisas de boca. Porque as pessoas são muito “o cara falou e vai ser daquele jeito”. As pessoas vão pra comunidade com a síndrome do dono, é uma coisa corriqueira, uma pessoa sempre que ela tem uma propriedade, ele já tem uma coisa na cabeça dela que ele é um líder daquilo lá, que ele tem todo o know-how e que ele vai determinar as regras. Se ela parte desse princípio, ela tá usando os mesmos princípio de qualquer capitalista dono de empresa, isso não é libertário. Isso é um cara que é dono e quer estabelecer as regras dele o sonho dele e todo mundo que queira participar disso tem que obedecer. Não existe um modelo, ou seja, você fazer curso, um doutorado em ecovila é um ridículo. Se isso existisse tava cheio de ecovilas por todos os lados. E num tem nada funcionando, até o **E** fechou. Eles têm a ecovila deles chique, mas é a mesma realidade de todas as comunidades que existem: cinco pessoas, poucos funcionários e algumas pessoas passando, se segurando pra não cair, pra mim é um processo falho. Num existe modelo mágico. Cada processo vai ter a cara daquelas pessoas que estão ali. É o mesmo princípio de um ecossistema: você estuda o ecossistema, o que acontece, ele tem as homeostases dele e ele chega em um clímax, isso quer dizer que tem todos os indivíduos nas posições, todos os indivíduos desse ecossistema estão interativos, cumprindo sua função. Se entrar um indivíduo a mais, quebra toda corrente. Se sair um, quebra toda a corrente. São ideias que remetemos do universo, dos princípios cósmicos pra tentar imaginar alguma coisa. Se você pensar o processo de fazer uma ecovila é muito simples. Um amigo comprou uma terra aqui quando era barato num boom de especulação que rolou aqui. Ao invés dele dividir no valor real, ele pagou cinco mil no todo e tava vendendo cada pedaço novo de terra a cinco mil. É mais ou menos o que acontece com as ecovilas, criaram um modelo de negócio. Em tese seria tão simples de acontecer, tá se tornando complexo. Eu acredito no minimalismo e ir no caminho da simplicidade, na sociedade das mandalas. Eu coloquei minha ideia, era dividir o custo da terra real, as outras demandas nós vamos fazer junto. Eu não monetizei isso. E estamos sempre abertos a outros integrantes que queiram entrar. A experiência nos mostrou que só dez por cento é que fica. Pode juntar cem pessoas no começo e no final sobram dez. Então eu proponho o resgate do espírito da comunidade alternativa. Existem “ene” formas de chegar lá, não só esse modelo. O movimento alternativo já teve essa pegada, o povo se uniu, já esteve articulada, pessoas que eram consideradas anciãos como se fossem tribos, se encontrando pra ver como ia sobreviver se manter e tal. Hoje é muito frágil, alguém que tem recursos montar uma ecovila não passa de um ano. As últimas que eu vi, a **F** tá lá,

no site tá tudo lindo, mas vai lá ver como tá, a intriga que está entre essas pessoas, “terrenos de apenas trinta mil” no começo, e depois cem mil pra cima pra você participar, e depois vira um condomínio de velhos.

Aí assim, o pessoal muito animado, começou a ajudar muito e eu comecei a perceber assim que tava sobrecarregando muito, o pessoal não tinha experiência nenhuma e eu tinha que ser responsável por quase tudo, né... eles tinham muita vontade, mas eu sozinho não tinha condições de proporcionar a formação, capacitação que eles precisavam...e também, eu fui percebendo muito assim a questão de que as pessoas elas acham bonito. Esse negócio de viver na natureza...mas elas tem muito medo e não se dispõem a construir essa mudança na práticas. Isso é uma coisa que eu verifiquei muito nas ecovilas que eu já visitei no Brasil, tirando **C**, que é uma ecovila consolidada, né...e eles trabalham lá com processo de renda, em que as pessoas que aderem, são remuneradas, né...ganham um valor todo mês assim, livre... fora alimentação, tudo que é proporcionado pela ecovila quando tu adere aos princípios dele mesmo e começa a praticar.

Aí tirando **C**, que é uma ecovila que cresce no Brasil, assim, devido poder dar esse suporte, né...mas as pessoas sentem uma insegurança muito grande, que é natural, elas carecem muito assim de uma informação de base, isso é muito claro, uma educação realmente de base, uma consciência de base, enfim, isso, de base...que proporcione pros indivíduos entender o que tá em jogo. Que não é só uma escolha entre o bom e o mal, mas simplesmente é uma escolha entre a vida continuar e a vida não continuar.

Enquanto a permacultura é um mundo, as ecoaldeias são um universo. E aí a gente percebe muito que assim, tá ligado como entrou. Só que como existe toda uma história de classe no Brasil, de camadas, de preconceitos e distâncias. As ecovilas não são acessível no sentido de formação, no sentido de jeito de povo. As ecovilas não tem jeito de povo... Elas não têm, embora elas estejam se reconstruindo, cada ecovila é única. Mas são pessoas que são da classe média alta. Por exemplo, a **D**, que é da galera do RJ. Que galera do RJ? A galera classe média alta, a maioria das pessoas. Mas são ótimas pessoas, não tem problema nenhum se é multimilionário ou se é catador de lixo. Eu trabalhei uma vez numa catadora de lixo. Uma das coisas que eu sempre gosto muito de ressaltar é que eu sempre vejo seres humanos em níveis de degradação. Uns com degradação material, outros com degradação espiritual, e vice-e-versa e as vezes os dois. Mas eu vejo seres humanos. Mas essa é a realidade, não é algo popular. E aí como eu vejo? Eu vejo com muita clareza que o movimento de ecoaldeias, ele é algo muito acessível, na realidade é uma ótima...de tudo que acreditei, que acredito, de justiça social, é o caminho mais lindo pra construir esse mundo bonito que a gente quer. Na realidade, essa compreensão mais profunda, de desapegar-se, que é uma questão de vício também, né. Numa escala profunda, é necessária essa consciência, por isso que eu te digo que o problema ele passa por isso. Então muitas ecovilas que eu vivi, são espaços que, por exemplo, assim, vamos falar de uma forma pontual. E que eu abranjo muito, eu tenho um negócio muito filosófico poético dentro da minha formação. Mas indo pontualmente: **C** não planta 10% do que come. É uma vergonha. A gente briga, entre aspas, bem entre aspas, a gente brigava por comida lá. Fazia feira e aí a menina lá até dizia: ai meu Deus, agora esse negócio de ficar se apertando aqui...e uma mão querendo pegar, outra mão querendo pegar porque só tinha uma cesta de tomate, que uma menina lá da cidade próxima que levava e ia fazer a feira grande. Sabe, um bocado de coisa. Lá também na **D**. Eu amo a **D**. Lá foi minha primeira experiência, muito apaixonante. Uma colina daquela, com cultura sintrópica, minha nossa, sabe? Dava de produzir cada uva e uma mais doce que a outra, morango, pêssego, maçã, é um negócio fantástico ali, sabe, framboesa...e aí o pessoal não pode

falar porque tudo que vem compra na cidade e vem com agrotóxico. E já tão lá há dez, doze, quatorze anos. E aí o que que eles falam? É aquilo que a gente falou: é classe média alta, a maior parte deles, né, não todos...e a maioria do pessoal da cidade, não tinha contato. Nós tivemos uma ruptura muito grande no ato de trabalhar a terra. Por isso que a agricultura sintrópica ela é muito, muito importante. Porque ela te leva a trabalhar. Então se tu não começa a trabalhar a terra, tu vais reproduzir aquilo que que tem pro teu viver. Tu tá acostumado a comprar queijo, acostumado a comprar pão, acostumado a comprar biscoito, bolacha, sanduíche, acostumado a comprar roupa, entendeu. E um bocado de coisa...e é uma coisa que eu tenho conversado muito com a minha esposa: nós vamos aprender a fazer barco, nós vamos aprender a atirar flecha, nós vamos aprender a fazer flecha, nós vamos aprender a pegar dica com cada velhinho, velhinha que ainda vive em nossa região, quilombola, indígena, pra ensinar pra gente as coisas que tornam a vida possível, pelas ações. A cidade, ela é igual a civilização. É a mesma coisa. Na realidade, a cidade só é possível pela civilização. Então nada simboliza mais o que é uma civilização do que uma cidade. É um local que só drena energia. Rouba, suga energia da vida do planeta, produz coisas que degradam, desequilibram todo o mecanismo de regulação da terra. Mecanismo de drenagem, até a morte dos recursos naturais. E aí a gente começa a observar isso. Então não tem como, pra essas pessoas, não produzir uma vida semiurbana, uma vida não totalmente urbana, se bem que tem umas ecovilas que são megaurbana. Nos EUA tem ecovilas que só...o foco é morar em comunidade, tá junto, mas o resto do planeta que se dane, né. Porque se você não vai na raiz, não produz seu alimento...agora, olha lá, essas pessoas são criadas como? Longe da natureza, que não é criado perto da natureza. Porque pouquíssimas pessoas nesse mundo têm realmente o privilégio de...pouquíssimas não, uma parte pequena, né, vamos dizer, de vinte à trinta por cento. São os pobres né, por uma condição econômica. Que a maioria deles, se pudessem, tava lá, vivendo a festa do cartão de crédito, né.... o grande carnaval do cartão de crédito pra quem pode. Então os que tão excluídos, estão excluídos. Isso é uma questão social, e tão ligados à natureza. Então essa questão, muito dessa análise, ela tem que ir na raiz, por que é assim em boa parte do mundo. É uma reprodução da cidade, numa escala menor. Agora, é claro, num impacto menor, isso é extremamente positivo, extremamente positivo. Num campo, ainda mais numa ecovila, os caras têm uma vida assim, com muito conforto, com máquina de lavar, carro, celular, parará, parará, que tudo isso tem pegada ecológica, mas procuram encontrar uma renda, de comércio ecológico, que nem a D, dão cursos, quantas comunidades tão sendo construídas no Brasil, eu conheço várias, a partir dos cursos livres da D. Então a gente tem que ponderar, fazer sempre uma análise. A gente tem que entender a sutileza do processo.

3.4 RESULTADOS E REFLEXÕES

Os depoimentos dos entrevistados apresentados neste trabalho foram de grande contribuição uma vez que apontaram a profundidade que não só o tema sobre ecovilas e comunidades apresentam, pois tratar desse tema abre espaço e caminho para outros tantos que estão interligados como permacultura, bioconstrução; e também sentimentos como medo, apego, alegria; bem como manias, hábitos, etc.

Ter a oportunidade de ir além da teoria e bibliografia, poder escutar quem está de fato, de alguma forma, dentro – ou tentando fazer parte – de um movimento que vai na contramão o modelo de assentamento humano urbano padrão, torna a pesquisa enriquecedora. Dessa forma, uma vez identificado alguns pontos interessantes a partir das entrevistas é possível fazer a seguinte análise:

Todos os entrevistados, sem exceção, buscam, de alguma forma, algo ou algum lugar que seja capaz de trazer paz e sossego, juntamente com o desejo de proporcionar uma vida melhor para si e sua família, desejo esse que está atrelado a um contato maior com a natureza. Percebe-se um cansaço da vida moderna padrão, da jornada de trabalho – que muitas vezes não traz satisfação – de oito ou mais horas por dia, da alta produção em pouco tempo, do consumismo, de não ter tempo para si e para a família, entre outros. Na maioria dos entrevistados o nascimento de um filho pode ser considerado um fator determinante na tomada dessa consciência sobre a necessidade de ter e proporcionar uma vida menos agitada, mais leve, mais humana, mais natural, tanto nas relações humanas como na relação com o meio ambiente. Afinal, quando uma nova vida está a caminho (os filhos), nasce também uma certa responsabilidade de proporcionar à essa vida, meios para que o mundo se torne um lugar melhor, o que faz com que os pais – que também estão nascendo nesse momento – sintam uma necessidade muito forte de proporcionar meios para que os filhos tenham maior contato com o que é natural, com os ciclos naturais, com alimentos sem agrotóxicos, com uma vida mais leve, etc. Outro fator que tem levado essas pessoas a buscar um modo de vida alternativo está em resgatar um sentimento ancestral de estar mais conectado com a natureza, no seu ritmo, cíclico, que é pacífico e não tem pressa alguma, nem imposições e julgamentos; mas silêncio, oportunidade de se conectar consigo e com os outros de forma verdadeira, atitudes que são desafiadoras e quase impossíveis no dia a dia da vida moderna urbana.

Para realizar a mudança da cidade para o meio rural, com o intuito de ter uma vida mais conectada com a natureza, alguns entrevistados sugerem que a mudança seja gradual, transitória, que as pessoas escolham primeiramente a morar numa cidade menor, para sentir aos poucos como é estar mais em contato com a natureza e consigo mesmo, como é não ser escravo do trabalho e do dinheiro. Abandonar um modo de vida que por muitos anos foi corrente para um modo totalmente diferente não é uma tarefa fácil e muitos desistem pela falta de preparação quando decidem fazer essa mudança de forma radical. Uma vez que a base é o modo de vida moderno, consumista, apressado, estressante, etc., de uma forma ou de outra, este é um modo que apresenta uma zona de conforto, que proporciona certos luxos que são diferentes do modo de vida alternativo. Sendo assim, sair dessa zona de conforto gera medo, ansiedade, dúvida, não é fácil, mas é possível.

Uma vez realizada essa mudança, a transição da grande cidade para uma ecovila ou zona rural, alguns desafios são retratados pelos entrevistados. Haja vista que a base da vida dessas pessoas era a vida moderna urbana, torna-se praticamente impossível se desfazer de toda essa carga, essa base e deixar de lado manias e hábitos da vida moderna. Na natureza as distrações são outras: diferentemente de televisão, bar, shopping, etc., existe o silêncio, o cuidado com a terra, a convivência com outros seres vivos. Estes últimos, apesar de apresentarem uma característica bonita, bucólica e romântica, acabam se tornando fatores que necessitam de cuidado, dão trabalho por apresentarem uma dinâmica diferente do que estavam acostumados. O trabalho com a terra para muitos é algo novo, dificilmente houve esse contato anteriormente, bem como o cultivo de alimentos e o ato de lidar com cobras ao chegar em casa, morcegos ou insetos entrando pela janela que ficou aberta para aproveitar o vento natural, só para citar alguns exemplos. O que antes era tratado com uma simples aplicação de veneno toma outras proporções e é preciso aprender a lidar com isso, considerando que esses animais estão em seus habitats naturais.

Além desses fatos corriqueiros, foi identificado que, em alguns casos, os entrevistados trazem, muitas vezes até sem tal intenção, o “luxo” da cidade, seja na utilização de eletrodomésticos ou outros equipamentos eletrônicos, seja na contratação de outras pessoas para realizar serviços domésticos ou na construção de casas muito grandes, com cômodos reservados para “empregados”. Seria essa uma contradição? Se tomar como base que o movimento alternativo tem por interesse ir na contramão do

modelo padrão, das injustiças, da desigualdade, pode-se considerar que sim. Importante e essencial ressaltar que escolher uma vida mais em contato com a natureza não é regressar literalmente à era primitiva, não significa renegar a utilização de equipamentos eletrônicos, mas tendo em vista que esse modo de vida tem como base o respeito à natureza, tende-se utilizar seus recursos com moderação e a excessiva utilização de aparelhos eletrônicos pode acabar gerando contradições também. Nesse meio existem tanto as pessoas que preferem abdicar de energia elétrica e outros que não abrem mão de certos confortos. Entende-se que não existe o certo e o errado, mas a necessidade de ter consciência dos atos e saber equilibrar as atitudes e práticas. Em relação à contratação de

Outro fator analisado durante os discursos está na educação das crianças, um aspecto de grande importância dentro desse contexto das comunidades. Como foi possível notar, diversas foram e são as alternativas: comunidades que dividem e compartilham o cuidado e a educação das crianças, comunidades que tentaram criar escolas para a comunidade; pais que preferem que as crianças frequentem a escola regular, para também ter contato com outras referências de modo de vida, pais que optaram pela descolarização ou *homeschooling*, etc. Uma das comunidades optou pela descolarização, onde as crianças aprendem conforme suas necessidades, acontece da seguinte forma: no dia a dia, nas crianças, em comunhão com as outras famílias, surgem curiosidades e indagações que são alimentadas pelos próprios pais ou demais membros da comunidade a fim de que a criança aprenda sobre determinado tema pelo qual ela está interessada no momento. Parece uma atitude um tanto quanto estranha visto que há um costume da escola padronizada e da necessidade de se aprender matérias específicas. Todavia, há de se convir que a maioria desses aprendizados não ensinam realmente a viver na prática e acabam por limitar, de certa forma, o desenvolvimento dos seres humanos. A questão da educação acaba sendo um fator desafiador para as comunidades brasileiras e cada comunidade opta pelo que acredita ser mais conveniente para o momento.

Como se manter financeiramente nesse modo de vida? Essa também foi uma das perguntas feitas aos entrevistados. Na vida em comunidade, seja em ecovila ou no ambiente rural, o custo de vida é considerado baixo, ou seja, os gastos são bem menores. Isso acontece, em sua maioria, pela habilidade, facilidade e/ou oportunidade de cultivar o próprio alimento ou realizar trocas com a comunidade. Existe outro fator que é a distância da cidade mais próxima, dificuldade de locomoção pela ausência de um meio

de transporte, o que acarreta em consumir somente o que realmente necessita. Se por algum acaso surgir algum problema e faltar recursos financeiros, existe, em sua maioria, a possibilidade abundante de utilizar o alimento da própria terra, além da ajuda mútua de outras famílias que compõe a comunidade.

Como meio de trabalho os entrevistados citam algumas opções: trabalhar com a terra (plantação), trabalhar com a própria ecovila (cursos de bioconstrução, horta, permacultura, turismo ecológico, hospedagem) já que ela tem a vocação de ser um local de demonstração de uma vida mais saudável e natural e podem servir como incentivo para outras pessoas. Ademais, um entrevistado citou a possibilidade de realizar serviços de reparos e construção nos vizinhos ou na cidade mais próxima. Todos citam a necessidade da internet uma vez que se faz necessário tanto divulgar e promover o trabalho da ecovila ou para realizar outros serviços como *freelancer*. Uma das maiores vantagens em relação ao trabalho nesse meio está em poder organizar um horário próprio, de acordo com a demanda e o dia a dia, sem ter a obrigatoriedade de trabalhar em um horário padrão estabelecido, mas poder se organizar conforme a necessidade. No entanto, um dos maiores privilégios é poder ter mais tempo para viver, ganha-se menos para poder viver mais.

Uma das maiores discussões e polêmicas nas entrevistas diz respeito à acessibilidade desse estilo de vida. É notável, e também foi citado nos depoimentos dos entrevistados, que as ecovilas, os cursos de permacultura, etc., não são populares, não estão ao alcance de todos, são cursos caros. Um dos entrevistados cita que o movimento da permacultura e das ecovilas entra no Brasil através e a partir da classe média, através de pessoas que possuem conhecimento, estudaram, inclusive porque o termo ecovila tem origem norte americana. Esse universo propõe uma nova sociedade, conforme cita uma das entrevistadas, de crescimento e baixa energia, ou seja, uma discussão que faz parte de um grupo restrito que tem acesso à informação, à educação superior, isto é, que não estão em situação vulnerabilidade social e muito menos tentando, de alguma forma, garantir sua sobrevivência. Outra abordagem apontada está no fato de a maioria dos PDCs serem apenas cursos de desenho, e não de prática, o que no final não tem utilidade concreta. Ademais, foi citado também que poucos são os cursos que verdadeiramente se propõem a construir algo a nível popular, o que dificulta tocar e lidar com a raiz do problema, com a situação global que o mundo está enfrentando. Isso não quer dizer que não seja possível encontrar exceções, existem grupos trabalhando exatamente na periferia

ou com pessoas que realmente necessitam dessas alternativas. É evidente que quem trabalha com permacultura precisa encontrar meios para obter renda e os meios são realizando esses cursos e cobrando por eles. Contudo, existem outras maneiras de tornar esse campo mais acessível, como por exemplo, oferecendo vagas gratuitas ou acessíveis para quem não tem possibilidade de pagar, para quem já participa de movimentos sociais, para a comunidade local e do entorno, e cobrando dos demais, prática inclusive já empregada por alguns grupos.

Importante ressaltar que a eco construção (ou bioconstrução), é classificada pela maioria das pessoas como uma construção simples e humilde, que deve ser destinada a pessoas que estão na base da pirâmide social, uma vez que tais técnicas utilizam recursos disponíveis na natureza (terra, barro, areia, palha, pedra, bambu, madeira, etc.), tornando seu custo baixo. Além disso, são técnicas primitivas e fazem parte de um conhecimento ancestral – inclusive essa era a única alternativa na antiguidade e ainda é a única alternativa entre alguns povos tradicionais que resistem na preservação de sua cultura. Para outras pessoas essa ainda é a única alternativa devido à falta de recursos financeiros para adquirir materiais de construção convencionais e modernos (tijolo, aço, cimento, etc.). Entretanto, apesar dessas pessoas terem, em sua maioria, conhecimento de técnicas de bioconstrução, elas almejam seguir o modelo convencional visto que este exprime riqueza, poder e status.

Atualmente existem uma infinidade de técnicas e materiais modernos, leves, de rápida construção e execução e tais materiais podem ser encomendados e transportados por longas distâncias, fato que faz com que as técnicas bioconstrutivas sejam vistas e difundidas como ultrapassadas, míseras e fracas, dado que utilizam recursos locais. Em contrapartida, hoje em dia a bioconstrução também é vista por muitos como uma prática ecologicamente correta e/ou sustentável, que respeita a natureza e está intimamente ligada à preservação do meio ambiente, à preocupação com a grande quantidade de resíduos que a construção civil convencional produz atualmente. Mesmo assim, o IBGE classifica a situação de quem vive em casas bioconstruídas como “Classe F”⁶⁹.

Dentro desse contexto e contradições, o que parece se fazer realmente necessário é uma mudança de perspectiva, de cultura. Essa questão é bastante intrigante e curiosa.

⁶⁹ NILSON, Dias. Veja como vive o casal classificado como “Classe F” pelo IBGE. Disponível em <<http://viverforadosistema.org.br/autossuficiencia/veja-como-vive-o-casal-classificado-como-classe-f-pelo-ibge/>>. Acesso em 7 de Dezembro de 2016.

Apesar do atual conhecimento das práticas de bioconstrução estarem praticamente restritas a uma camada da sociedade que possui recursos financeiros para adquirir materiais convencionais (os quais são mais caros), que utiliza a bioconstrução como opção, alternativa, pela preocupação com o planeta e não necessariamente por necessidade ou questão de sobrevivência; quem realmente precisa de mais autonomia e desprendimento do sistema, quem pode tirar mais proveito dessas técnicas são as pessoas que estão na base da pirâmide social, as quais não querem, à priori, utilizar estes meios, mas alcançar o modelo convencional, em razão deste ser o modelo padrão, divulgado nas mídias de massa, que promete status social, direcionando assim o desejo de consumo dessa parcela da sociedade. Entretanto, apesar desse cenário, estão nascendo cada vez mais movimentos de permacultura nas periferias, os quais tem tirado bastante proveito, de forma a utilizar a força da comunidade, do coletivo, para realizarem o trabalho concretamente, não por moda ou porque é ecológico.

Em relação à conexão estreita com a natureza, os entrevistados expressaram que existe um vínculo muito forte com o lugar, como algo que vem da alma ou do espírito, que não é racional, mas indecifrável, indefinível. No decorrer do tempo, uma sensibilidade vai sendo desenvolvida no meio da floresta, algo místico, envolvente, como se houvesse uma proteção, uma força presente no lugar. O fator tempo, por ser diferente no meio da floresta, ajuda na conexão com os ciclos da lua, das estações. A atitude de estar praticando este modo de vida mais perto da natureza, de acordo com um dos depoimentos, faz parte de uma missão que nasceu na infância, de conscientizar os demais sobre o cuidado que se deve ter com a natureza – a qual também é vista como uma mãe – uma vez que a prática até o momento tem sido de exploração. Tal conexão também é vista muitas vezes como um remédio contra a depressão.

Alguns entrevistados ressaltaram que as pessoas precisam ter consciência do papel delas na sociedade, no planeta, na teia da vida, a ponto de enxergar os malefícios que tem feito até o momento. O legado ficará para as próximas gerações, mas é preciso pensar e agir agora. Para isso, alguns deles dizem que não é necessário abandonar a cidade e fazer como eles ou ir direto para a zona rural, pois as cidades também podem se adequar à um estilo de vida mais harmonioso e ecológico, causando menos impacto, diminuindo o consumo, captando água da chuva, utilizando fontes de energia alternativa, consumindo produtos locais, reciclando matéria orgânica, etc., haja vista que estar pronto para uma mudança radical no modo de vida não abrange a totalidade das pessoas.

Evidenciam também que a natureza não vai esperar os seres humanos adquirirem consciência, é preciso agir na raiz do problema e de forma efetiva, não superficial.

O principal questionamento durante as entrevistas, no entanto, está na caracterização do que são as ecovilas a partir das pessoas que estão vivenciando isso na prática ou tem algum contato com esse meio. Percebe-se uma miscelânea dentro desse contexto, todavia, isso não pode ser considerado um problema grave uma vez que independentemente das diferenças, eles estão buscando, de alguma forma, um modo de vida que seja mais saudável para o bem comum.

O que define ou direciona uma mudança de pessoas para uma ecovila ou meio rural está relacionada à maneira como os seres humanos se afastaram da natureza em vários sentidos, tanto físicos, de contato com a terra e com o alimento, como de utilizá-la, a todo custo, como um recurso energético, entre outros. Isto posto, as ecovilas são uma forma de viver mais próxima da natureza, entendendo seus ciclos, fazendo parte dele, mexendo com a terra, adquirindo alimento, produzindo adubo e o ciclo continua.

Um dos obstáculos apontadas para se montar uma ecovilas está na dificuldade de fechar um grupo, dado que nem todos estão preparados para abandonarem seu modo de vida padrão e confortável. A maioria das pessoas acham legal, bonito, interessante, inovador, mas não conseguem, apesar de desejarem muito, realizar a mudança. Isso fez e faz com que muitas pessoas que estão determinadas partam para uma zona rural, sem esperar os demais, se mudando apenas com sua família para iniciar uma vida mais natural. Outro fator que resulta nessa mesma atitude está em alguns grupos que querem se formar, mas estão tentando primeiro resolver questões no âmbito formal, montando associações e resolvendo questões legais. Esse é um processo interessante, funciona, mas é um procedimento lento para quem tem pressa em ir para a zona rural e quer começar a colocar a “mão na massa”, construir suas casas, cuidar da terra, atitude que acaba incentivando outras pessoas a entrar nesse sistema e, de repente, pode aí surgir uma comunidade intencional naturalmente. Ademais, a maioria das experiências relatadas, ressaltam que no começo do projeto de iniciar uma ecovila muitas pessoas se propõem a fazer parte, entretanto, no final, restam apenas, em sua maioria, dez por cento deles. Segundo um dos entrevistados, um dos aportes para a construção de uma ecovila está na compreensão do que está acontecendo com as pessoas e com o mundo, pois formar uma comunidade é desafiador tanto pela falta de esperança das pessoas frente à um mundo falido como pelo trabalho que existe a partir dessa mudança: cultivar a terra, abandonar confortos e

regalias, etc., dos quais muitos desanimam por não ter simpatia, experiência ou predisposição para tal.

Foi apontado que existem diversos movimentos de ecovilas ao redor do mundo, e que, apesar desse movimento ser restrito – conforme já foi relatado – às camadas mais altas da sociedade, morar numa ecovila não deve ser considerado moda, mas uma proposta para um mundo melhor, onde práticas saudáveis para o bem comum são desenvolvidas. Ir para uma ecovila não é levar o mesmo modo de vida moderno, consumista, luxuoso para a floresta, não é apenas usar selo verde, é uma mudança de paradigma, de cultura, conforme já foi mencionado. Ir para uma ecovila também não deve ser um refúgio de isolamento ou esconderijo, mas de conhecer e trabalhar também com o entorno, para que cada vez mais pessoas entendam o sentido e importância crucial e urgente das mudanças ecológicas que as ecovilas propõem. Algumas pessoas seguem em busca de um modelo pronto, uma ecovila para se mudar, como se dessa maneira, todos os problemas tivessem a possibilidade de desaparecerem. Os entrevistados apontam que é preciso construir a comunidade, pois não existe modelo mágico pronto.

Um dos entrevistados mais experientes conta que nos anos 1980 as comunidades eram mais abertas, aceitavam quem estivesse disposto a ajudar, fazer trocas, compartilhar, era um modelo mais libertário. É certo que algumas regras são bem-vindas para boa convivência entre as pessoas e organização espacial. A verdade é que cada ecovila, comunidade ou núcleo familiar agrega as características e intenções das pessoas que estão nessa construção, não existe modelo padrão para ecovilas. Outro destaque que foi relatado se refere ao fato de que as ecovilas também não devem ser um modelo de negócio, mas seguir princípios do minimalismo e da simplicidade, uma vez que sua proposta está em ir na contramão da produção em massa exploratória, do desenvolvimento e progresso que causa males ambientais e sociais, do consumo excessivo e conseqüentemente produção de lixo, etc.

No geral, relatou-se que o movimento, apesar das organizações, pelo menos no Brasil, tem se mostrado frágil, pois a maioria das pessoas não estão preparadas para uma mudança de paradigma, para sair de sua zona de conforto, para mexer com a terra (afinal, houve uma ruptura significativa dessa prática no decorrer dos anos e resgatá-la é desafiador). A ideia chama atenção de muitas pessoas, todavia, nem todas possuem uma consciência de base ou vontade de trabalhar de verdade para que isso dê certo. Entretanto, as doze pessoas entrevistadas são exemplos reais de que esse modo e vida é possível, mas

não é uma tarefa fácil de realizar. Também não haveria possibilidade de ser, uma vez que uma mudança de paradigma, de modo de vida, de cultura, não acontece de repente, é necessário um processo tanto interno como externo, e muitos aprendizados, erros e acertos no decorrer deste caminho. Existe uma sutileza no processo e é preciso respeitá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as comunidades intencionais esteve pautada em compreender os motivos que tem induzido as pessoas à deixarem seus modos de vida padrão na cidade pela busca por uma vida de mais contato com a natureza, comumente em comunidades intencionais, ou em alguns casos, como ocorreu com alguns entrevistados, uma mudança do núcleo familiar para uma zona rural. Antes de entender essa transição da cidade para a natureza, foi preciso, primariamente, compreender a situação em que o mundo se encontra através do processo de globalização, a ideia do desenvolvimento e progresso que tem sido estabelecida desde então, explorando recursos naturais em excesso, conduzindo a humanidade a um caminho sem saída, até o ponto em que foi necessário o início de um movimento a favor e em defesa da natureza, dos recursos naturais, do cuidado para que a vida pudesse continuar. Todavia esse movimento tem apresentado a necessidade de ser cada vez mais forte visto que houve uma ruptura significativa entre os seres humanos e a natureza, que o estilo de vida antropocêntrico intensificado pelo desejo da acumulação do capital tem sido cada vez maior, de forma que resgatar esses laços torna-se um desafio e tanto.

A partir desse contexto, observa-se que não somente crises econômicas, sociais, políticas e ambientais tem se apresentado, mas principalmente humanas, devido ao estabelecimento de uma vida moderna padrão, que anda na contramão do autoconhecimento, do contato com a natureza, de relações saudáveis com os demais seres, da simplicidade, da autonomia, etc. Sendo assim, novas alternativas nos modos de viver, morar, se relacionar consigo e com a natureza, cuidar da saúde, da alimentação etc. tem sido praticados e difundidos. Neste trabalho, foi dada especial atenção ao modo de vida em comunidades, prática de origem ancestral que tem sido resgatada e hoje recebem o nome de comunidades intencionais.

Nesse cenário, a ciência geográfica possibilitou uma nova visão sobre tais comunidades intencionais, principalmente no que se refere à questão do espaço social no qual elas estão inseridas, bem como as relações sociais que são configuradas nesse meio. Com o objetivo de compreender sobre a temática a partir de atores de diferentes lugares do Brasil, foi possível entender que independentemente da localidade em que a

comunidade se localiza, muitas são as semelhanças relacionada a anseios, dificuldades, sentimentos e práticas dentro desse âmbito.

À primeira vista esse tema aparenta ser de fácil dissertação, entretanto, uma vez ter optado ir além das teorias e bibliografias sobre o assunto, procurando apreender também os sentimentos, as expectativas das pessoas que optam por um modo de vida mais natural, sistematizar e decifrar os depoimentos de forma científica foi desafiador. Inclusive, tais depoimentos apresentados neste trabalho foram de grande contribuição uma vez que apontaram a profundidade que o tema sobre comunidades intencionais apresenta, mostrando que a opção em seguir tal caminho envolve grandes mudanças não só externas, mas principalmente internas de cada um que se propõe.

A metodologia do DSC neste trabalho trouxe à vista insatisfações, práticas, expectativas, desafios, problemas e perspectivas, as quais muito se assemelham, independentemente do contexto ou do lugar em que se encontram os entrevistados. Essa similitude observada e demonstrada através da metodologia proposta pôde oferecer um material muito rico, o qual pode ser desenvolvido em outras propostas e perspectivas de análise, bem como oferecer campo para outras problematizações sobre a dinâmica das comunidades intencionais.

A união das experiências presenciais com as entrevistas realizadas foi capaz de possibilitar a compreensão tanto dos espaços que os sujeitos entrevistados construíram ou buscaram construir de alguma forma, como também seus espaços de repulsa juntamente com os motivos que os tem levado a decidir pelo contato próximo à natureza, seja ela em comunidade ou não. Nesse sentido, o mais importante, conforme foi perceptível através dos discursos, é que essa decisão de mudança está relacionada, principalmente, à uma busca de um mundo melhor para as futuras gerações, bem como para um desenvolvimento pessoal mais conectado consigo e com a Terra.

É interessante notar através dos relatos, que os apegos ao sistema consumista no qual foram criados de certa maneira ainda persistem, e também não poderia ser diferente uma vez que, nascidos e criados em um sistema pelos quais foram alimentados e alimentaram fortemente durante um bom tempo de suas vidas, uma ruptura brusca é praticamente impossível. Ademais, se esta última fosse a proposta, ela não seria conveniente uma vez que o problema não está nos recursos modernos que existem atualmente, na amplitude da difusão da informação ao redor do mundo, não está na cidade em si, mas pelo modo como esses elementos são utilizados, pelo modo que são

segregadores e não estão acessíveis de forma justa a todos, pela maneira como são capazes de proporcionar males à humanidade uma vez que têm potencial para proporcionar justiça, harmonia, comunhão. Esse apego, no entanto, ocorre cada vez mais em menor escala nas comunidades, assim também como existe não somente a predisposição para mudança de hábitos contínua, como também uma consciência de que isso tudo faz parte de um processo e é uma construção a longo prazo, porém, o primeiro passo já foi dado de alguma forma.

Outro ponto importante a destacar está na questão sobre a popularização dessa forma de viver. Os entrevistados foram identificados como pessoas que, de alguma forma, tiveram e têm a oportunidade social e financeira de optar por esse estilo de vida. Considerando que essa escolha ou até mesmo pequenas escolhas relacionadas a esse meio poderiam ser cada vez mais difundidas e acessíveis a todas as camadas da população com o intuito de proporcionar, em vários aspectos, uma melhoria de vida para o mundo em geral, este é um desafio considerável, e não pode ser realizado como uma imposição, conforme também relataram os entrevistados. Esse processo das comunidades é uma alternativa frente a tantas outras existentes e poderão ser cada vez mais ampliadas através do exemplo, da prática real, de quem já está nesse meio ou tem algum tipo de relação, ajudando onde pode na educação, informação e na proliferação dessas práticas.

As comunidades intencionais, em geral, podem ser consideradas como uma tentativa de um mundo melhor, mas não de pessoas que simplesmente querem mudar o mundo porque acreditam que sua iniciativa possa provocar melhorias incontestáveis no planeta e nas pessoas, mas uma mudança que advém de pessoas que querem e já estão fazendo parte, através da ação, dessa mudança de fato, e não apenas falando. E isso está acontecendo em vários lugares do planeta. Muitas dessas iniciativas ainda não foram identificadas, pois não parece existir, por parte de alguns, vontade ou necessidade de serem catalogados ou conhecidas uma vez que buscam cada vez mais autonomia e distanciamento do sistema econômico e político vigente. Isso não quer dizer que o assunto possa ser apontado como encerrado, pois é exatamente na pluralidade e dinamicidade das comunidades intencionais que está a riqueza dessa pesquisa. Essa dinamicidade pode até dificultar uma catalogação convencional e a comprovação com números absolutos do crescimento de comunidades ao redor do mundo. Entretanto, isso mostra o quão desenvolvimento tem sido o surgimento e provavelmente até desaparecimentos de comunidades intencionais, pois muitos buscam e começam até mesmo sem possuir

experiência, acabam desistindo no meio do processo. Existe de fato uma fuga do modo de vida padrão urbano e diversas são e têm sido as tentativas para sair desse sistema.

De forma geral, os seres humanos estão sempre em busca do tal do “desenvolvimento”, seja em si mesmo ou na economia, política, na sociedade como um todo. A questão do desenvolvimento, tão abordada neste trabalho, não deve ser abortada ou considerada um mal necessário, mas deve ser vista através de uma nova perspectiva. Enquanto a sociedade seguir com a mesma visão, atitudes cômodas que destroem e mercantilizam a natureza continuarão acontecendo. O que o mundo está precisando é de uma mudança profunda e radical. As visões usuais e comuns devem ser superadas para dar lugar a novas formas de organização social, a uma educação e economia que não seja segregadora, a uma política que seja justa, a uma disposição em trabalhar para o bem comum. Para alcançar tal estágio, é preciso criatividade, se comprometer com a vida a fim de trabalhar para realizar mudanças reais, e não somente superficiais.

Como foi possível verificar nesse trabalho, existe uma necessidade de se recriar o mundo a partir da esfera comunitária, da comunhão. Essa é a mensagem das comunidades intencionais para o mundo. Para isso, é preciso uma organização também comunitária tanto no contexto político, quanto no econômico, social, ambiental, cultural, etc. Esse desejo pode aparentar uma utopia, e não deixa de ser, uma vez que é através dela que é possível continuar a caminhada para tornar os sonhos realidade. Sem a utopia, ocorre a desistência, e na atual conjuntura, isso seria escrever o fim da humanidade. Portanto, que a utopia prevaleça, que a crítica da realidade continue sendo identificada, proliferada, discutida, para se tornar uma alternativa coletiva de um mundo melhor, saudável, solidário, comunitário, democrático. Para isso, se faz necessário derrotar a distância entre discurso e prática, além de ter em mente que o processo é lento, que deve ser realizado durante a caminhada, num processo de aprendizado constante, o que demanda muita vontade, força e humildade.

Outra mensagem das comunidades intencionais, bem como dos movimentos a favor da preservação da natureza, do uso dos seus recursos de forma equilibrada, está na competência de acabar com a exploração tanto das pessoas como dos recursos. Não há para onde fugir, todos que compartilham deste planeta fazem parte de uma mesma teia. A ideia de comunidade, por ter origem ancestral, tem muito a ensinar tanto no que se refere à comunhão das pessoas, como na perseverança e paciência diante das adversidades.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução: Tadeu Breda – São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **Sociedade Ego-hierárquica versus Globo Eco-cêntrica**. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2012/04/25/sociedade-ego-hierarquicaversus-globo-eco-centrico-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 30 de jun. 2016.

BATES, Albert e JOSEPH, Linda. **What Is an “Ecovillage”?**. *Communities Magazine – Jornal of Cooperative Living*. Canadá, v. 117, p. 22-24, 2003

BATES, Albert. **Ecovillage Roots (and Branches)**: When, where, and how we reinvented this ancient village concept. *Communities Magazine – Jornal of Cooperative Living*. Canadá, v. 117, p. 25-27, 58, 2003

BAUMAN, Zygmund. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLO, Angela Ales. **Intrapessoal e interpessoal. Linhas gerais de uma antropologia filosófico-fenomenológica**. In: Empatia Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas / Juvenal Savian Filho (org.). – São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 09-28.

BOLLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço** / Otto Friedrich Bollnow. Tradução Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

BRUM, Eliane. **Exaustos-e-correndo-e-dopados**. El País Brasil, jul. 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/04/politica/1467642464_246482.html>. Acesso em: 9 jul. 2016

CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia em la geografía contemporânea**. Editorial Barcanova, Barcelona, 1983

CAPELLO, Giuliana. **Meio Ambiente & Ecovilas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Cultrix, 2005.

CARAVITA, Rodrigo, I. **“Somos todos um”**: vida e imanência no movimento comunitário alternativo. 2012. Dissertação, Mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2012.

CASA BRASIL. **Memórias do 3º Encontro Nacional do Casa Brasil**, 11-13 de dez. de 2015. 16 f. Disponível em <<https://docs.google.com/document/d/1d2RJzhI7VPQLFg3wxiYXeDVS92ejHy92WnJ7YVjMDY/edit>>. Acesso em 21 de dezembro de 2016.

CASTELNOU NETO, Antônio Manoel N. C. **Homem, Cidade e Natureza**: Utopias Ecológicas no Desenvolvimento das Teorias e Práticas Urbanísticas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14., 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUR, 2011. v.14. p. 1-20. Disponível em:<<http://unuhostedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/3160/304>>. Acesso em 7 jul. 2016.

CHRISTIAN, Diana L. **Creating a Life Together**: Practical Tools to Grow Ecovillages and Intentional Communities. Canada: New Society Publishers, 2003.

CHRISTIAN, Diana L. **Finding Community**: How to Join an Ecovillage or Intentional Community. Canada: New Society Publishers, 2007.

COLE, Carla. **What About Traditional Villages?**. In: CONTEXT MAGAZINE. Bainbridge Island, Washington: n. 29, 1991, p. 12.

COSTA MARINHO, Mary Lucia. **O discurso do Sujeito Coletivo: uma abordagem qualitativa para a pesquisa social**. Trabajo Social Global. Revista de Investigaciones en Intervención Social. v. 5, nº 8, p. 90-115, Jun 2015.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Tradução: Eric Nepomuceno. – 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2013. 272p.

GARCIA, Natália. **Aulas livres: Módulo Permacultura Urbana**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/nataliafgarcia>>. Acesso em 14 de novembro de 2015.

GILMAN, R. **The Ecovillage Challenge**. In: CONTEXT MAGAZINE. Bainbridge Island, Washington: n. 29, 1991. p. 10-14.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

HAKIN, Leila. In: Comum-Unidade: **Guia para um mundo alternativo**. Junho/Julho 1982

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015. 186p.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, 2012.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70, 2000.

IBÁÑEZ, Mario Rodriguez. **Ressignificando a cidade colonial e extrativista: Bem Viver a partir de contextos urbanos**. In: Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento / Gerhard Dilger, Miriam Lang, Jorge Pereira Filho (Orgs.). Tradução: Igor Ojeda – São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016. p. 296-333.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001.

KROPOTKIN, P. : **“What Geography Ought to be”** [1885], em Agnew, J., Livingstone, D.N. e Rogers, A.: Human Geography. An Essential Anthology, Oxford, Blackwell, 1996, p. 139-154.

LEFEVRE Fernando; LEFEVRE Ana Maria C.; TEIXEIRA, Jorge J.V. **O Discurso do Sujeito Coletivo. Uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul; Educs 2000.

LEFEVRE, H. **The Production of Space**. Tradução: Donald N. Smith. Blackwell Publishing (USA), 1991.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários a educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo?** Tradução de Francisco Morás. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

PONTO de mutação. Direção: Bernt Amadeus Capra. Produção: Adrianna A. J. Cohen. Versátil Filmes: 1990. 1 filme (110 min), áudio, som, colorido.

PORTO GONÇALVES, Carlos W. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 461p.

RELPH, Edward. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Revista Geografia. Rio Claro, vol. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006

SILVA, Luis F. M. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde o cone sul)**. 2013. Tese, Doutorado em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico / Eliseu Savério Sposito**. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas**. 2012. Dissertação, Mestrado em Administração, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2012.

TAVARES, Carlos A. P. **O que são comunidades alternativas**. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos ; 58)

TUAN, Yi-Fu. **A Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. Cap. 7, p. 143-164.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342p.